



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**MARIA MADALENA DOS SANTOS**

**VOLVENDO-ME NA CALDEIRA COTIDIANA DO GRUPO DE  
PESQUISA FEP- FORMAÇÃO EM EXERCÍCIO DE PROFESSORES:  
UMA EXPERIÊNCIA EM RELATOS**

Salvador  
2019



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**MARIA MADALENA DOS SANTOS**

**VOLVENDO-ME NA CALDEIRA COTIDIANA DO GRUPO DE  
PESQUISA FEP- FORMAÇÃO EM EXERCÍCIO DE PROFESSORES:  
UMA EXPERIÊNCIA EM RELATOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Inez Carvalho

Salvador  
2019

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Santos, Maria Madalena dos.

Volviendo-me na caldeira cotidiana do grupo de pesquisa FEP- formação em exercício de professores : uma experiência em relatos / Maria Madalena dos Santos. - 2019.

146 f. : il.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Inez Carvalho.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2019.

1. Professores - Formação. 2. Professores - Narrativas pessoais. 3. Professores - Educação (Educação permanente). 4. Experiência. 5. Memória. 6. Currículos. I. Carvalho, Maria Inez. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 370.71 - 23. ed.

## MARIA MADALENA DOS SANTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Realizada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Maria Inez da Silva de Souza Carvalho – Orientadora \_\_\_\_\_  
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Pós-doutorado em Currículo pela Universidade do Minho

Maria Roseli Gomes Brito de Sá – UFBA \_\_\_\_\_  
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Pós-doutorado em Currículo pela Universidade do Minho

Ana Paula Feitosa– UNEB \_\_\_\_\_  
Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (2005). Pós-doutorado em Antropologia do Turismo - Universidade de Padova. Pós Doutoramento na área de Intercultura (UCT Cape Town - África do Sul. Estágio Pós Doutoral em currículo e (IN)formação FAGED - UFBA

Márcea Andrade Sales – UNEB \_\_\_\_\_  
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia.

Lícia Maria Freire Beltrão UFBA \_\_\_\_\_  
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Estágio Pós-Doutoral no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, na Linha de Pesquisa 2: Educação, Práxis Pedagógica - UNEB.

À dona Santa, minha mãe

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todas presenças bem-vindas a minha vida. Pessoas que se entrelaçam à minha história, que (trans)passam minha existência, marcando-me, tornando-me, volvendo-me... E são tantas que não cabem no registo de um escrito. Agradeço-lhes pelo tudo, nada, mortes, vidas, (re)nascimentos.

*Não rimarei a palavra sono  
com a incorrespondente palavra outono  
Rimarei com a palavra carne  
ou com qualquer outra, que todas me convêm.  
As palavras não nascem amarradas,  
elas saltam, se beijam, se dissolvem,  
no céu livre por vezes um desenho,  
são puras, largas, autênticas, indevassáveis.*

Drummond

# **VOLVENDO-ME NA CALDEIRA COTIDIANA DO GRUPO DE PESQUISA FEP- FORMAÇÃO EM EXERCÍCIO DE PROFESSORES: UMA EXPERIÊNCIA EM RELATOS**

## **RESUMO**

Este texto através de relatos apresenta o FEP — grupo de pesquisa que estuda formação em exercício de professores — e seu entrelaçar nas minhas experiências cotidianas de professora do Ensino Médio da educação pública estadual. Um currículo em que a própria vida e suas contingências são fundantes; a experiência enquanto formação; as narrativas com seu potencial formativo e a Arte enquanto desvelar da verdade presentes nos princípios do FEP, ecoam eventos tecidos no cotidiano escolar de duas escolas públicas estaduais do Ensino Médio na cidade de Salvador. O FEP enquanto caldeira que fomenta saberes que retumbam na (re)criação de cenários educativos nos colégios, Estadual Odorico Tavares e Modelo Luís Eduardo Magalhães, na cidade de Salvador, em 2019. A escrita autobiográfica, a descrição cuidadosa, o mergulho na memória foram os caminhos metodológicos escolhidos, tendo na Pesquisa qualitativa seu aporte principal. Relatos de experiências do cotidiano docente e a formação estimulada/vivida pelo FEP, entrelaçados com reflexões sobre estudos de memória, formação e experiência fundamentam o texto.

**Palavras-chave:** Formação. FEP. Experiência. Memória. Narrativa curricular



## RIASSUNTO

Questo testo attraverso di resoconti autobiografici, presento il FEP – gruppo di ricerca che studia la formazione continua degli insegnanti, ed il suo intrecciarsi con le mie esperienze quotidiane di insegnante nelle scuole superiori statali. Un curriculum nel quale la vita stessa e le sue caratteristiche contingenti sono fondamentali; l'esperienza come formazione; le narrative col proprio potenziale formativo e l'Arte come rivelazione della verità, presenti all'interno dei principi del FEP, fanno echeggiare eventi tessuti nella vita quotidiana scolastica di due scuole pubbliche superiori statali di Salvador. Il FEP come humus che promuove saperi i quali risuonano nella (ri)creazione di scenari educativi nelle scuole Colégio Estadual Odorico Tavares e Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, a Salvador, nel 2019. La scrittura autobiografica, la descrizione curata ed il -tuffol nella memoria sono stati i cammini metodologici scelti, avendo come linea principale la Ricerca qualitativa. Le esperienze raccontate sul quotidiano docente e la formazione vissuta attraverso il FEP, intrecciate con le riflessioni sugli studi sulla memoria, formazione ed esperienza, costituiscono i fondamenti del testo.

**Parole chiavi:** Formazione. FEP. Esperienza. Memoria. Narrative curricolari.

## LISTA DE SIGLAS

AFPEB	Associação dos funcionários públicos do Estado da Bahia
APLB	Sindicato dos Trabalhadores em educação do Estado da Bahia
AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem,
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
FACED	Faculdade de Educação
FEP	Grupo de pesquisa sobre formação em exercício de professores
FETRAB	Federação dos Trabalhadores do Estado da Bahia
MEC	Ministério da Educação do Brasil
PNE	Plano Nacional de Educação
TIC	Tecnologia da informação e comunicação
SEMFEP	Seminário sobre Formação de Professores em Exercício
SINDSERV	Sindicato dos Servidores Públicos de Santo Antônio de Jesus
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UPTE	Uso Pedagógico de Tecnologias Educacionais

## SUMÁRIO

<b>VOLVENDO-SE NA CALDEIRA DO GRUPO DE PESQUISA FEP .....</b>	<b>12</b>
<b>NO ROTEIRO DA ESCRITA: MEMÓRIA.....</b>	<b>27</b>
A Deusa Memória.....	32
Memória: imagens que percebo o mundo .....	<b>33</b>
Memória: espaço-tempo das imagens.....	39
<b>PRIMEIRAS LEMBRANÇAS: MARIA, QUEM É?.....</b>	<b>45</b>
Primeiras Lembranças: domínios de Cecílio Batista.....	<b>48</b>
O jardim: refúgio das mulheres-plantas.....	53
Histórias de Marias: tornando-se com outras .....	55
Primeiras letras: cartilha sem castigo .....	<b>57</b>
O retorno à cidade: estudo e autonomia.....	63
Histórias da juventude: Poesia, política e vodka.....	64
<b>O RETORNO À FACED .....</b>	<b>68</b>
FEP e eu: uma história de formação .....	72
Formação no FEP .....	75
Implicações do FEP: Inez Carvalho e Roseli Sá.....	<b>77</b>
Roseli Sá: as narrativas autobiográficas e a experiência com Proust.....	80
Na caldeira do FEP: Narrativas curriculares e formação docente .....	82
Na caldeira do FEP: estudos de linguagem.....	<b>89</b>
O texto: traçado de sentidos.....	90
O mundo é palavra: ler é preciso.....	92
Eu leitora: nas linhas do texto floreio .....	<b>95</b>
Minhas leituras sou EU.....	96
Ler por quê? Por que ler?.....	98
<b>O FEP NO CURRÍCULO ESCOLAR DO ENSINO MÉDIO: (RE)CRIANDO CENÁRIOS EM ESCOLAS ESTADUAIS DE SALVADOR – BA .....</b>	<b>102</b>
Narrativas em sala de aula – com ela eu conto .....	106
Colégio Estadual Odorico Tavares: (re)inventando cenários com as narrativas autobiográficas .....	109
Cenários de formação: tecendo formação com arte .....	<b>112</b>
Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães: primeiros passos para o princípio do FEP em seu cotidiano .....	116

Implantação da BNCC no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães.....	118
Pesquiso-me .....	127
<b>ÚLTIMOS RARRARES... (RE)COMEÇOS .....</b>	<b>128</b>
2019: o FEP nos cenários de formação em duas escolas estaduais do Ensino Médio de Salvador .....	<b>131</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>139</b>

## **VOLVENDO-SE NA CALDEIRA DO GRUPO DE PESQUISA FEP**

### **Insônia**

Fevereiro de 2019, acordo e ainda é madrugada, pouco dormi. Na verdade, há dias em que não durmo direito. Vivemos um período difícil com tristes acontecimentos, entre eles: a tragédia de Brumadinho<sup>1</sup>, a Reforma da Previdência<sup>2</sup> e o fechamento de escolas na cidade de Salvador<sup>3</sup>, que somados aos dias de formação da semana pedagógica da rede estadual de ensino resultaram em um potente coquetel contra o sono. A autora que vos fala é professora da rede pública, com carreira iniciada em 1989, formada no Magistério um ano antes, em um colégio público, licenciada em Sociologia em, 2002, pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da UFBA. Hoje, atuo, como professora do Ensino Médio em dois colégios públicos de Salvador, espaços em que se desenrolam a repercussão das itinerâncias formativas tecidas na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia- FAGED-UFBA, através do grupo de pesquisa Formação em Exercício de Professores - FEP.

Desde os tempos de estudante de Ciências Sociais, eu desejava ser pesquisadora, queria ser cientista social. Cheguei a cursar algumas disciplinas do Bacharelado, mas não prossegui. Não é fácil conciliar trabalho e estudos, quando o que é ofertado não atrai tanto quanto deveria. Ser professora primária nos tempos de estudante ajudou a construir meu caminho na Licenciatura. Hoje, percebo também que a dureza com que se tratavam as pesquisas em Ciências Sociais era o que não me atraía. Corri contra o tempo muitas vezes para conciliar as 40 h de regência no ensino primário com a permanência na disciplina que tratava das metodologias de pesquisas. Chegava às aulas atrasada e suada, depois de uma longa viagem entre a escola na qual trabalhava – localizada no bairro de Brotas – e a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia- FFCH/UFBA – situada na Federação, para ouvir horas de explanação sobre

---

<sup>1</sup> O rompimento da barragem situada à cidade de Brumadinho, no estado de Minas Gerais, ocorreu em 25 de janeiro de 2019 e representou um dos maiores desastres ambientais com rejeitos de mineração do Brasil.

<sup>2</sup> Reforma em curso no Brasil que muda as regras da aposentadoria dos trabalhadores, suprimindo direitos conquistados pelos movimentos de trabalhadores e docente.

<sup>3</sup> No final de 2018, a Secretaria de Educação da Bahia anunciou o fechamento de algumas escolas, ocasionando protestos de estudantes e professores da rede estadual.

procedimentos e métodos que não faziam muito sentido para mim, professora primária da educação pública, aspirante à cientista social. Desisti.

Porém, o desejo de investigar fenômenos sociais nunca adormeceu. Em 2003 me tornei estudante e secretária acadêmica do Projeto de Formação do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado da Bahia (APLB)-Sindicato<sup>4</sup>, que a princípio apresentava uma nova perspectiva para a formação de professores/as da Educação Básica da rede pública no estado da Bahia. Não permaneci nem na APLB-Sindicato, tampouco no projeto. Mas, movida pela experiência com a formação docente, em 2009 regressei à Faculdade de Educação da UFBA, desejando estudar currículo e formação de professores. Intuito perseguido e alcançado, ao me atrelar ao FEP, em 2011.

Foram anos, meses, dias e horas envolvidas com novos textos, contextos, pessoas diferentes de mim e de meu mundo de professora de escola pública e sindicalista. Por vezes desejei fugir, achava que aquele não era meu espaço. Mas, estava enredada, amarrada pelas linhas de uma formação que vai tecendo e possibilitando novos sentidos, instigando a continuar, a seguir, e assim fui... Hoje percebo o quanto foi imprescindível para minha formação, enquanto professora e pesquisadora, ter me aconchegado ao FEP.

### **Semana pedagógica de 2019**

Discutimos, durante a semana pedagógica, a formação ofertada para a implantação da Base Nacional Comum Curricular- BNCC e a ausência de estudantes nas -escolas fenômenol, comunidades escolares da rede estadual pública onde experiencio estratégias pedagógicas alimentadas pelas narrativas autobiográficas e outras linguagens no cotidiano escolar do Ensino Médio. Sou professora em exercício nos Colégios Estaduais Odorico Tavares e Modelo Luís Eduardo Magalhães, como já citado. Esquadrinho investigar nessas comunidades escolares (re)criações de fazeres curriculares, ao trazer para o espaço/tempo da

---

<sup>4</sup> Associação dos Professores Licenciados do Brasil – Seção da Bahia (APLB-BA), fundada em 1952, como associação promoveu sua própria transformação de associação em sindicato em 9 de junho de 1989. O nome seria Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Bahia (Sinteba), mas o debate era intenso quanto à nova grafia. A resistência a nova sigla partia do entendimento que seria um equívoco não continuar com sigla que já estava fortalecida há décadas. O nome APLB-Sindicato já era um nome importante entre os professores, tinha uma história e o nome Sinteba, era inclusive considerado feio, sem graça pelos professores

formação cotidiana dessas escolas outras linguagens, incluindo as narrativas autobiográficas, a literatura em prosa e verso como fundantes na formação.

A ausência de estudantes, fator de redução de carga-horária, gerou pânico, brigas e, conseqüentemente, adoecimento dos professores/as. Já a implantação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), deixa-me angustiada, pois não houve formação para tal feito até julho de 2019. Um início de um ano letivo conturbado para nós professoras e professores. Uma desgraça, no sentido etimológico da palavra: -revés da fortuna; azar, desdita, infelicidade, estado de aflição, angústia, diz-nos Houaiss Conciso (2011).

No primeiro dia da semana pedagógica tivemos a apresentação e a análise dos dados referentes ao abandono, reprovação e aprovação dos alunos, disponibilizados pela Secretaria Estadual de Educação (SEC). Tristes dados, sob um olhar atento e minucioso, provavelmente forneceriam elementos, possíveis pistas para oxalá compreendermos o quadro atual da educação na Bahia, com altos índices de reprovação, evasão e redução de turmas nas escolas estaduais. Contudo, tais dados foram analisados superficialmente naquela ocasião, e de forma mecânica, sem a imersão necessária para fomentar boas reflexões, discussões e quiçá uma análise apurada sobre eles. O que acaba sendo apenas um cumprimento -cartesiano, no sentido de seguir passo a passo as orientações da SEC, sem contextualizar ou refletir sobre elas.

Nos demais dias da semana, um discorrer de tensões, confusões e muitas angústias de nossa parte, professores e professoras envolvidos no processo formativo coordenado pela gestão sobre a BNCC, Itinerário formativo, Projeto de vida, Novo Ensino Médio, competências e habilidades. Devo confessar que os interlocutores da SEC, gestão e coordenação, apesar do esforço, demonstravam pouca propriedade sobre os temas tratados, contudo eram bons mensageiros no dever de transmitir o recado de que devemos transformar nossa maneira de trabalhar. Diziam:

- É necessário refletir sobre a evasão... algo está errado com nossas aulas...
- Estudantes estão deixando a escola, ela não atrai mais e, portanto, é preciso inovar.

Eram falas constantemente repetidas, que ecoavam em nossas mentes, reforçando o fantasma da excedência<sup>5</sup> que nos ronda. Mas, como (re)criar estratégias de ensino que venham a atrair o estudante, se não refletirmos sobre isso? Como (re)criar estratégias de ensino para dar sentido aos conteúdos trabalhados sem uma formação docente que alimente a criação e a inovação?

Em ambas as escolas em que participei da formação, permanecia o discurso de que era preciso inovar, mas os interlocutores atuavam guiados por velhas metodologias, como aulas expositivas e conteúdos apresentados, sem consonância com o cotidiano docente, desvinculados da nossa experiência diária. Resultado: pouquíssima atenção de nossa parte, onde através de conversas análogas discutíamos questões cotidianas de nosso interesse, questionamentos e conflitos ecoavam, sobressaindo ao som das palestras.

Isso me fez refletir sobre a conversa paralela dos/as jovens, tão comum em nossas salas de aula. Assim como nós, é possível que eles também não vejam sentido nos conteúdos que apresentamos, muitas vezes de forma enfadonha. Também vivenciando uma formação desconectada da experiência vivida, professoras e professores agimos de forma semelhante: conversamos entre nós.

Por fim, um desesperado professor pediu para que uma das responsáveis pela formação preparasse uma aula -inovadora, contextualizada e centralizada na vida do aprendente, diria Marie-Christine Josso (2004). Um clima constrangedor se abateu sobre todos/as naquele momento. Sem preparação para tal feito, a palestrante desconversou, alegou falta de tempo para a preparação do material. Ficou com o semblante vermelho e sem jeito, deixando transparecer que não conseguiria traduzir o que propunha para uma situação do cotidiano: uma aula interessante.

Perdemos estudantes com demasiada rapidez e a ansiedade nos domina diante da possibilidade de não termos escolas para trabalhar. Queremos encontrar oportunidades que nos atualizem para os novos tempos e espaços em que vivemos, mutáveis como a juventude com que convivemos. Discursa-se sobre o novo, através de velhas práticas de ensino, nada convence e/ou atrai nessa forma mecânica

---

<sup>5</sup> Com a ausência de estudantes matriculados, professoras e professores da rede estadual ficam sem carga horária de trabalho – excedentes, como chamamos. Momento tenso, em que passamos a peregrinar na SEC em busca de escola para trabalhar.



apresentada na formação pedagógica para a implantação da BNCC durante nosso planejamento anual.

Por outro lado, não conhecemos outra formação a não ser aquela que nos constitui, uma formação moderna, cartesiana, com o professor no centro, uma relação vertical. E seguimos reproduzindo essa mesma formação. Difícil (des)construir e propor mudanças sem vivenciarmos uma formação centrada em nossas experiências cotidianas, que alimente a reflexão sobre a prática docente e sobre nossas próprias vidas, que mudam constantemente. Nossa formação poderia ser de forma semelhante à experiência vivenciada por nós no FEP, pensei.

Enquanto os *slides* sobre a -nova proposta eram exibidos, com explanação sobre as novas demandas exigidas pela SEC, referentes à necessidade de desenvolvermos aulas diferentes, ouvi o lamento desesperado e silencioso de uma jovem professora de Química:

– Como? Nós aprendemos na escola, na faculdade e é assim que a gente ensina.

Ela se referia a nossa formação cartesiana, positivista, pautada em modelos, técnicas, certezas e projetos de sucesso, caso percorramos iluminados caminhos, onde as incertezas, contingências, errâncias e zonas de sombras não integram o currículo. Cópias e cópias de textos, sequer lidos e/ou discutidos, vi desfilar durante aquela formação semana pedagógica de 2019. Um dos poucos textos que chegamos a ler e discutir, qual seja: *Competências e habilidades: o que são e como aplicá-las no Ensino Médio*, de Cascardo (2019), construído sem muitas reflexões sobre habilidades e competências, baseado em perguntas de -o que é, o que é?!: -O que são competências?!, -O que são habilidades?!, -Como relacionar competências e habilidades?!. Um texto enfadonho, formatado como bula de remédio.

Um desalento perceber o desespero e a frustração no olhar de alguns colegas, logo no início do ano letivo. Como encerrar tantas mudanças, se não nos atualizamos para enfrentá-las? Sofremos neste cenário. Os índices apresentados, em tom de lamúrias, refletem o drama que nós, da rede pública, vivenciamos. São múltiplos os fatores que agravam o quadro, mas me atarei aquele que eu considero um dos mais importantes: a formação em exercício de professores.

A importância da formação de professores na contemporaneidade é o tema abordado em um dos primeiros artigos que li, ao retornar à Faculdade de Educação da UFBA, em 2009. Nele, Carvalho (2008) apresenta a possibilidade de uma

formação, tecida nos encontros cotidianos. A-con-tecer de uma formação (2008), é um texto que sempre revisito. Relata a itinerância formativa da -professora/pesquisadora paulista abaianada, que vivenciou, ao longo dos anos, como descendente do tempo e habitante de um espaço, a criação dinâmica de expressivos cenários educacionais e não educacionais (CARVALHO, 2008, p. 160). Impossível não ficar inquieta com a discussão sobre as tramas relacionais de um tempo/espaço. Difícil esquecê-lo. Devido as concepções da autora de que a escola não é um somatório de disciplinas, que o estudo de disciplina separada deixam um oco, a universidade precisa se aproximar da escola; a concepção da emergência acontecimental e sobretudo as tramas relacionais de um tempo/espaço. -O REI está morto !!! Viva o REI!!!, é uma frase da professora Inez Carvalho que reflete o poder de Cronos em sua implacável viagem, quando deixa um rastro de mortes e (re)nascimentos. Ressalta Inez Carvalho:

Mas, se o antigo rei já foi engolido por Cronos, o novo rei guarda o antigo percurso. É como uma cadeia de textos que instruem outros textos: os velhos deixando seus traços e suas virtudes (ou vícios) nos novos (ECO, 1991, p. 228). Ao mesmo tempo em que nos assombramos com as mudanças, nos perguntamos como tudo pode ser mantido por tanto tempo. Mas, malgrado as permanências, nada é igual. -Nada será como antes amanhã. É a flecha do tempo. (CARVALHO, 2008, p 162)

Integrar a educação, vivenciar a insuficiência da formação para mudanças necessárias a melhor qualidade do ensino público, desanima, enfurece, entristece ... Não foi nada fácil na semana pedagógica. Foram horas sofridas e angustiantes, durante todos os cinco dias da primeira semana de fevereiro de 2019. Lembranças de encontros com discussões sobre currículo, formação de professores em exercício, narrativas autobiográficas, literatura, histórias de vida e formação, ressonâncias da universidade pública nas escolas, vindas das discussões ocorridas no FEP, eclodiram em minha mente como ovos de serpente, quando desabrocham um a um e, já ágeis, se contorcem, misturam, provocam...

Relembro meu encontro com o FEP. Ele alimenta minha crença na possibilidade da formação de professores em exercício, tecida na errante itinerância desta vida em que estamos em constante condição de formação. É FEP, evento em que emergem possibilidades de uma formação fundada na Arte e na experiência, essenciais a minha profissão de professora do Ensino Básico. Sua importância em

minha vida decorre de seu sustento na desconstrução da formação cartesiana vivida por mim e que pouco tem contribuído na sociedade contemporânea para formação dos jovens estudantes do Ensino Médio. No decorrer desse escrito, contarei relatos que vivi junto a esse grupo em que juntei minha vida no ano de 2011 e desde então dele não me separei.

Antes de integrar o FEP conheci o Projeto Irecê, programa de formação continuada para professores da rede municipal de Irecê, município baiano. Isso aconteceu em 2009 ao retornar a FAGED, Márcea Sales foi a responsável pelas primeiras referências sobre o projeto na época. As histórias sobre o programa despertavam minha curiosidade, afinal eu retornava a FAGED, motivada por inquietações a respeito do tema e que ouvia sobre a formação do Projeto Irecê instigava-me.

O referido Projeto nasceu de uma solicitação da cidade de Irecê encaminhada a FAGED e que após estudos minuciosos da instituição sobre a questão, encontros burocráticos e acadêmicos em 2001, oficinas e interlocução entre os parceiros do Projeto, professores da FAGED e da rede municipal da referida cidade, o programa iniciou-se, em 2002. Desde o início fui atraída pelas histórias do Projeto Irecê, elas revelavam uma formação que alimenta a reflexão sobre a prática pedagógica, que encontra na Arte, na Filosofia e nas memórias individuais e coletivas inspiração para formação humana. Perceber formação enquanto narrativas cotidiana nas quais nos revelamos seres de acertos, erros, desejos, vitórias e derrotas em que nos tornamos na imprevisibilidade da vida e o conhecimento enquanto construção coletiva, plural, cativam-me, pois creio serem fundamentos importantes para se (re)pensar o currículo do Ensino Médio.

A pedagogia do A-com-tecer<sup>6</sup>, com a ideia de fugir do finalismo e trazer as contingências, de saber que: -as areias do Saara estão em cima dos automóveis de Romall, são ideias referidas pela professora Inez /carvalho na defesa de seu *Memorial Uma volta para o futuro: em busca do tempo/espaço perdido nas lembranças*(2018). A ideia do a-com-tecer vem dos estudos da emergência desenvolvido pela referida professora. A inserção da temática educação e

<sup>6</sup> A Pedagogia do A-com-tecer é uma teorização cunhada a partir das discussões Fepeanas. O termo aparece com duas grafias – a-con-tecer e a-com-tecer. Nasce com a grafia de acordo com a regra gramatical, utilizando-se o N antes do T, e, posteriormente por questão semântica, é alterado com substituição do N para o M (CARVALHO; SANTOS, 2018, p. 45).

linguagens na formação de professores em exercícios e a percepção de formação enquanto movimento, não linearidade em contraposição a linearidade e certezas da formação clássica são aportes importantes que apreendi no FEP, germe do Projeto Irecê, que sustentam minha práxis e ressoam nos espaços em que construo minhas narrativas.

Pelos relatos que ouvi das professoras Inez Carvalho e Roseli Sá nos encontros tecidos ao longo desses anos, o Projeto Irecê começa em 2002. Na FAGED os estudos de currículo e formação eram encampadas Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias (GEC), liderados por Nelson Preto; o Grupo Núcleo de Pesquisa, Ensino e Extensão Currículo, Comunicação e Cultura (NEPEC), que era Terezinha Fróes; o grupo Currículo, Complexidade e Formação (FORMACE), com o professor Roberto Sidnei. O grupo do Projeto Irecê, que ainda não era grupo de pesquisa, transitava entre esses grupos. Os participantes do Projeto Irecê agregavam a linha de Pesquisa *Currículo e (in)formação*, assim como se dividiam entre os grupos de pesquisa *Educação, comunicação e tecnologias (GEC)*, *Currículo, complexidade e formação (FORMACE)* e *Rede cooperativa de pesquisa e intervenção em (in)formação, currículo e trabalho (REDPECT)*. Em 2004, com a implantação do curso, os envolvidos foram se afastando dos grupos, voltando-se para os estudos de formação de professores do Projeto Irecê, o que deu origem ao FEP.

No caminho de uma pesquisa há desses encontros, mudanças de rumos, tropeços, acertos, desacertos, acontecimentos. Meu olhar de pesquisadora se volta sobre o FEP, enquanto objeto costurado em minha vida, ressoando em meu fazer docente, em 2018, na escrita para o exame de qualificação. Entrei no Mestrado em educação em 2017, visando estudar gênero e sexualidade na formação docente. Mas, eis que minha orientadora professora Inez Carvalho sugeriu relatos de meu percurso formativo tecido na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, desde meu retorno em 2009. Assim o fiz. E na orientação em que discutíamos o escrito para exame de qualificação, observamos que nele surgia o FEP enquanto nosso objeto de estudo. Como orientação Inez Carvalho recomendou a continuidade da leitura de referências sobre o FEP, mergulho em suas histórias, pesquisas, em minhas próprias reflexões e memórias sobre ele.

Pensei sobre as pertinentes observações, era preciso revelar em minha narrativa o que é o FEP, sua importância na itinerância formativa das professoras

em exercício da rede pública estadual de ensino e suas referências que impregnados em minha formação, ressoam na práxis cotidiana em duas escolas públicas estaduais de Salvador: Colégio Estadual Odorico Tavares e Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães.

Ponderei: O que preciso dizer para que meu memorial revele a importância da professora em exercício estar vinculada a um grupo de pesquisa que estude currículo e formação nas concepções análogas ao FEP? O que tem o FEP que o torna tão precioso na formação da professora do Ensino Médio e pesquisadora em construção? Quais pesquisas do FEP são importantes para a formação dos professores e professoras em exercício do Ensino Médio? O que preciso escrever para revelar as ressonâncias de um grupo de pesquisa FEP, na formação de professores em exercício da educação básica como eu?

Esse é meu desafio: o objetivo principal deste relato, revelar a arquitetura do FEP que ecoa em minha formação, enquanto professora em exercício do Ensino Médio em duas escolas públicas em Salvador, além de pesquisadora na área de formação e currículo. Não sabia se daria conta de tamanha provocação, mas reuni esforços para fazê-lo.

Quando decidimos pela escrita do memorial, em busca de revelar a itinerância formativa tecida no emaranhado de vivências incididas nos últimos oito anos – tempo em que sou integrante do FEP – não imaginei que viveria uma experiência tão intensa. A escrita nos faz revisitar eventos, memórias guardadas de uma existência anterior. O recolhimento e o olhar pra si nos leva vertiginosamente a uma volta ao tempo e aos espaços adormecidos nas lembranças. Um turbilhão nos invade, com imagens, sons e cheiros, transformando-nos, inquietando-nos, possibilitando-nos compreender o que somos, como somos e porque somos, o que nos abala densamente. Por alguns momentos fui forçada a parar a escrita, tal era a força dos sentimentos e contradições que me agonizaram. O espelho da alma foi visitado, revisitado e nada será como antes. Um verdadeiro -momento charneiral<sup>7</sup>, diria Marie-Christine Josso (2004, p. 64).

---

<sup>7</sup> *Momentos ou acontecimentos charneira* são aqueles que representam uma passagem entre duas etapas da vida, um divisor de águas, poderíamos assim dizer. Charneira é uma dobradiça, algo que, portanto, faz o papel de uma articulação. Esse termo é usado nas obras francesas e portuguesas sobre histórias de vida, para designar os acontecimentos que separam, dividem e articulam etapas da vida.

Somos fios de um novelo em um contínuo desenrolar. Uma cobra que muda a pele não é mais a mesma, sendo. Mudanças, finalizações, inacabamentos, mortes que alimentam a vida. O novo contendo o velho. A imagem da mitologia Ouroboros<sup>8</sup> vem à mente, não há fim, mas um eterno recomeço.

### **Pesquisa: uma aventura em curso**

As experiências tecidas na FACED/UFBA, através da participação no FEP, concomitante à regência de classe nos Colégios Estaduais de Ensino Médio Odorico Tavares (turno matutino) e Modelo Luís Eduardo Magalhães (noturno) serão aqui reveladas. Elas estampam marcas, impressões que ressoam em minha práxis e influenciam o fenômeno eleito para este estudo: formação e currículo. Como disse a professora Inez Carvalho, certa vez em sala de aula em 2011, -pesquisamos o que somosll.

A cultura acadêmica germina outro olhar sobre o mundo e seus fenômenos. Novos saberes são constantemente construídos, experimentados e incorporados ao fazer docente, reconduzindo a minha práxis a um caminho mais crítico e existencial, fomentando reflexão, autoformação. Como afirma o professor Paulo Vasconcelos (2011, p. 9): -na vivência/experimentação com a ‘coisa’ que revela o claro/escuro daquilo que é, podemos nos afetar existencialmente e nos convocar a pensar como quem decifra a si mesmo, como quem questiona na ardência do próprio espantoll.

Para uma sindicalista comunista, não era fácil se deparar com as contingências. Achava que podia controlar os eventos, conduzir os processos. Passava noites elaborando planos acreditando que minhas ações podiam salvar o mundo, mudar conjunturas. E nesse trilhar, tornei-me uma mulher dura, forte, mas, sobretudo frustrada, doente. O convívio com o FEP tem me exercitado a ver a vida como uma profusão de acontecimentos que simplesmente eclodem sem o controle que um dia achei ter. Meu recente percurso formativo traduz essas ocorrências da vida que mudam rumos, produzem (re)começos, (re)criações. Em 2017, fui selecionada para o mestrado do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED-UFBA) com anteprojeto que

<sup>8</sup> Ouroboros - representado pelo símbolo de uma serpente, ou um dragão, que morde a própria cauda. Simboliza o ciclo da evolução voltando-se sobre si mesmo. Englobam as ideias de movimento, continuidade, auto fecundação e, em consequência, eterno retorno.

intentava investigar o trabalho pedagógico sobre sexualidade e gênero desenvolvido no Colégio Estadual Odorico Tavares em Salvador - Projeto Diálogos Pertinentes: sexualidade e gênero no cotidiano escolar, todavia tive a rota desviada ao ouvir a sugestão da professora Inez Carvalho para lançar o olhar sobre mim. Percebo que as questões de gênero e sexualidade fazem parte dessa formação voltada para vida da comunidade escolar, na qual estão inseridas essas temáticas e outras tantas como: meio ambiente, raça, saúde mental, histórias, memórias, vidas, que requerem nossa atenção e estudos, como pensamos no FEP.

Ingressa no mestrado, passeio pelos componentes curriculares *Abordagens e técnicas de pesquisa em educação*, com o professor Roberto Sidnei e *Projeto de Dissertação*, com professora Maria Couto, além dos encontros de orientação com professora Inez Carvalho e das reuniões do FEP, que fecundos, possibilitaram segurança para seguir buscando investigar questões cotidianas do fazer profissional. Presumia integrar o universo acadêmico e ter um estudo orientado pelas pesquisas qualitativas, narrativas autobiográficas, formação e currículo de professores em exercício.

Almejava o mundo da pesquisa há algum tempo, e a curiosidade aguçada se deve a uma formação, como diria Heidegger (2009, p. 5), voltada para -pôr o filosofar em curso, deixar a filosofia acontecer em nósll, alimentando a poética do pensar, exercitada no grupo de pesquisa que frequento, voltado aos estudos sobre formação em exercício de professores – FEP. Almejo a compreensão de questões inquietantes, intrínsecas à prática docente como: formação de professores, estudos de currículo, escola, Ensino Médio, sexualidade, gênero, meio ambiente, raça. Movida pelo estranhamento, busco investigar uma formação capaz de nos tocar e nos fazer apaixonar, professoras e professores, contribuindo para o -tornar-sel.

Somos fruto da ciência positivista cartesiana que dirige grande parte da forma de pensar e conduzir nossas buscas. Ciências do edifício científico moderno, marcado pelo controle, por dicotomias, afirmações e apelo à verdade absoluta, a certeza da lógica cartesiana, positivista. Ao afirmar, na história do conhecimento educacional, o saber dialetizador, comunicante, o modelo cartesiano abre lacunas e brechas, obstando uma formação capaz de tornar o sujeito crítico perante si, perante o outro e a realidade que o cerca. -É necessário recuperar o movimento da vida, do sujeito, do próprio conceito e também da apropriaçãooll, disse-nos o professor Sidinei em 2017, ao apresentar, discutir e fundamentar as bases epistemológicas e teórico-

metodológicas da pesquisa em educação. Impossível esquecer tais eventos, que motivaram minha incursão inicial no mundo da pesquisa em educação.

Vou perceber, na FACED, uma ciência onde o método é experimentar caminhar em busca da compreensão dos fenômenos que nos inquietam. Caminhamos por caminhos incertos, há desvios, erros, irregularidades, o que carece da invenção, (re)criação do método. Nesse sentido as diversas possibilidades de conhecimento auxiliam na leitura de fenômenos, o que é apresentado por Jacques Ardoino na multirreferencialidade. A complexidade de Edgar Morin, cuja problemática epistemológica se baseia nas noções de complexidade dos sistemas vem somar na construção de uma ciência empenhada em compreender o ser humano e sua complexa rede de significados e relações. Somos seres que existimos nas redes de relação com a natureza, máquinas e outros indivíduos.

Medo, angústia, inquietação e insegurança marcam esse momento que se descortina atualmente 2018/2019. Percebo que tais emoções podem ser bem vindas, fazem parte das errâncias da vida e, portanto, não podem ser apartadas da pesquisa. O mundo cheio de eventos que não controlamos, de coisas que acontecem também contra nossa vontade. Ele tem autonomia, é capaz de surpresas, pois é composto de pessoas, portanto, é imprevisível. Os encontros durante *Abordagens e técnicas de pesquisa em educação*, foram significativos, pois guiaram-me para uma concepção epistemológica que compreende o ser na relação com o mundo e/ou o outro/a, tecida no itinerário da vida. Quando cruzamos com o outro, somos tocados pelas experiências, somos territórios de passagem como traduz Larrosa (2002) em seus escritos.

Somos, marcados/as pelas dualidades, incertezas, contingências, portanto, o método para a pesquisa requer amplitude, carece estar aberto às possibilidades para compreender o humano e sua complexa formação. Diante disso, escolho o método qualitativo, que nutre a busca de significados e a flexibilidade para lidar com o acaso. Apoio-me em professor Dante Galeffi quando diz:

Penso e considero o ser humano em suas emergências e necessidades capitais como o principal sentido da pesquisa qualitativa. Pondero, assim, que seria coerente e veraz chamar de pesquisa qualitativa aquela em que o pesquisador se torna aprendiz de si mesmo na relação de pertença com a totalidade vivente de seu mundo de relações materiais e mentais. Assim, uma pesquisa faz sentido na medida em que alcança sentido como práxis qualificadora.



Isto significa não a produção de um produto requerido por um mercado consumidor específico, e sim a produção de si-mesmo-outro-mundo – produção que se dá por reprodução, manutenção, potencialização e por atualização continuadas. (2009, p. 59).

Atrelo-me a fenomenologia para amparar minhas reflexões contidas nos relatos que apresentarei, por esta revelar-me um mundo carregado de sentido, a compreensão da vida como uma obra em construção, e o conhecimento também como fenômeno da compreensão, da subjetividade humana, para além da racionalidade clássica da Ciência Moderna. Como sustento para os estudos de formação e currículo apego-me sobretudo as autoras do FEP Maria Inez Carvalho, Maria Roseli de Sá, Márcea Andrade Sales, Ana Paula Santos Moreira, Ana Paula Feitosa, Fabrícia Pires Oliveira e Rosane Meire Vieira de Jesus .

A memória, a ímpar capacidade humana de evocar o passado individual e coletivo, importante componente em nossa formação individual e social será minha aliada. Constituída por histórias de vidas que nos tocam e nos formam na trajetória errante da vida, ela nos mantém vivos. Mergulho em minhas memórias e movida pela escrita autobiográfica, penso nas narrativas e no seu poder avassalador sobre mim. Lembrar é narrar, conluo. Memória é narrativa. Para Delgado (2003, p. 21 *apud* FEITOSA, 2005, p. 29): -as narrativas são caracterizadas pela arte de contar, de traduzir em palavras as reminiscências da memória. Como fontes para construção do conhecimento histórico, seu potencial é inesgotável.

Não imaginamos o efeito da escrita memorialística até vivê-la. Mergulhados em reflexões, damos outro significado ao passado, lembramo-nos dos caminhos já percorridos que nos levam a outros, as bifurcações, possibilidades, pensamentos, ideias... Impossível não rememorar os estudos contidos em *Experiências de vida e formação*, de Marie-Christine Josso (2004), que trata o trabalho biográfico como integrante do processo de formação.

Dar sentido ao vivido me ajuda compreender aquilo que hoje sou. As histórias de vida e formação surgem como metodologia de pesquisa e formação em que minha trama tecida junto ao FEP torna-se objeto pesquisado, importante para (re)criação de cenários formativos em duas escolas públicas da rede estadual de Salvador.

A importância da descrição elaborada e densa, no contexto das pesquisas qualitativas, diversas vezes citada pelo professor Roberto Sidnei, vem à memória. As

referências indicadas por ele, como *A interpretação das culturas*, obra clássica de Clifford Geertz (2008) e *Um Rigor Outro: sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa* (MACEDO; GALEFFI; PIMENTEL, 2009) foram fundantes na travessia desta caloura em pesquisa acadêmica, cujo nervosismo encharcava as roupas de suor. Atentamente, reúno esforços para executar o rigor da escrita, descrever detalhes, narrar movimentos vivos, objetivando um texto que, além de registrar e documentar, cativa pelas imagens que ficam na memória, algo percebido na literatura narrativa Marcel Proust, e as belas narrativas orais contadas por minha avó, que ainda ressoam na minha memória, além das recentes leituras presentes em nosso cronograma literário do FEP, detendo –me em *Negociando com os Mortos*, de Margareth Eleanor Atwood (2014) e *Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*, de Eliane Brum (2014).

Assim, lanço-me ao desafio de descrever e narrar experiências, refletir e argumentar sobre o encontro com o grupo de Pesquisa FEP, em que volvida (re)inventei a mim e ao mundo. No capítulo No roteiro da escrita: memória, relato sobre a importância da memória na construção do conhecimento individual e coletivo, memória enquanto repositório das experiências vividas, memórias enquanto formação.

As histórias de criança, juventude e mulher traduzidas em que hoje sou são contadas no capítulo II Primeiras lembranças: Maria, quem és?

O retorno a FAGED, o encontro com o FEP e a concepção do Currículo enquanto itinerância, construído no espaço concreto da escola trago no capítulo IV.

A ambiência universitária da Faculdade de Educação da UFBA, via grupo de pesquisa FEP em duas escolas públicas estaduais de Salvador, descrevo no capítulo O FEP no currículo escolar do Ensino Médio: (re)criando cenários em escolas estaduais de Salvador – BA.

Com Os Últimos narrares... (re)começos, relato minhas reflexões sobre a trama do tornar-me o que sou mergulhada na caldeira do FEP, e as atividades pedagógicas em curso no ano de 2019 em dois colégios estaduais.

**NO ROTEIRO DA ESCRITA: MEMÓRIA**

*[...]*  
*Tanta saudade*  
*Preservada num velho baú de prata dentro de mim*  
*Digo num baú de prata porque prata é a luz do luar*  
*Do luar que tanta falta me fazia junto do mar*  
*Mar da Bahia*  
*Cujo verde vez em quando me fazia bem lembrar*  
*Tão diferente*  
*Do verde também tão lindo dos gramados campos de lá*  
*Ilha do norte*  
*Onde não sei se por sorte ou por castigo dei de parar*  
*Por algum tempo*  
*Que afinal passou depressa, como tudo tem de passar*  
*Hoje eu me sinto*  
*Como se ter ido fosse necessário para voltar*  
*Tanto mais vivo*  
*De vida mais vivida, dividida pra lá e pra cá.*

Gilberto Gil

Seguindo a sugestão da professora Inez Carvalho para escrever um texto autobiográfico, mergulho nas memórias de uma vida, de minha vida. Até então, pouco tinha pensado sobre elas, rejeitava muitas, na verdade, apesar de fincadas em mim. Sofri. Relembrei momentos da infância, juventude, mudança de Santo Antônio de Jesus para Salvador, a vida na cidade grande, no movimento sindical, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), no Grupo de Pesquisa FEP.

Mergulhei em memórias, reminiscências de um existir. Cheiros, cores, sabores, falas, risos e choros me inundaram e, nessa viagem dentro de mim mesma, quase enlouqueci. O que contar? Por que contar? Lembro-me da Professora Inez Carvalho na defesa de seu memorial: -Então a Dory, que é mãe do Nemo, é uma peixinha louca, louca. E eu me sentia a Dory, o tempo todo que estava decidindo as coisas que poderiam mostrar o meu tornar-se, o que sempre fuill (Anotações pessoais, 2018).

Eu estava também me sentindo Dory: Por que sou como sou? Quais memórias me marcaram, provocando mudanças na menina da zona rural de uma cidade do interior para que eu me tonasse uma professora, pesquisadora em currículo e educação? O que me constitui? Quais imagens estão fixadas em minha memória? Quais as marcas das experiências vividas no FEP que me preparam para o cotidiano da sala de aula, sempre em constante mutação como nós, apesar de ainda parecer muito preso ao passado com suas cadeiras enfileiradas e livros velhos amontoados? As imagens das vivências são impressas em nós, fotografias são coladas nas paredes dos -vastos palácios da Memórial (AGOSTINHO, 2008, p. 55). Nosso corpo, mente e alma as traduzem...

Contemple o desenho fundo  
 Dessas minhas jovens rugas  
 Conquistadas a duras penas  
 Entre aventuras e fugas  
 Observe a face turva  
 O olhar tentado e atento  
 Se essas são marcas externas  
 Imagine as de dentro.  
 (SOARES e PITY, 2014)<sup>9</sup>.

<sup>9</sup>—Na Pelell, música de Elza Soares e Pitty, que retrata as marcas tecidas na itinerância errante da vida. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=saHcmtU9I-0>>. Acesso em: 13 mar. 2019.

Por vezes a escrita esmoreceu, abalada por lembranças cujas imagens desfilavam vivas e nítidas. Fui desmontada, torcida, retorcida e refeita. Re-conheci-me. A escrita memorialística, nunca experimentada antes, é sem dúvida, uma experiência única na qual abrimos as comportas da memória e, bombardeados por lembranças de eventos passados, damos-lhes novos significados, e, dessa forma, enriquecemos o presente. Rememorei Ana Paula Feitosa quando argumenta em seus estudos:

As lembranças se alteram quando revistas. Ao contrário do estereótipo do passado, lembrado como imutavelmente fixo, recordações são maleáveis e flexíveis; aquilo que parece haver acontecido passa por constante mudança. Quando recordamos, ampliamos determinados acontecimentos e então os reinterpretemos à luz da experiência subsequente e da necessidade presente. (FEITOSA, 2005, p. 31)

Nesse breve relato em que mergulhei em minhas próprias experiências, reflito sobre a Memória, tema complexo, semelhante a nós, seus mensageiros. Agostinho (2008, p. 56) já nos avisava: -Grande é essa força da memória, imensamente grande, ó meu Deus, santuário amplo e sem limites!!

Fui criada em uma comunidade rural de forte tradição oral. Festas como São João, Natal e Folia de Reis, fez parte de minha formação campesina. Meu avô, muito respeitado na região, foi o grande responsável pela Festa de Reis, celebrada no mês de janeiro, quando toda a comunidade se reunia em nossa casa para rezar, cantar, prostrar, contar acontecimentos e lendas da região e se fartar com um rico banquete produzido por minha mãe e tias, em que nós, as crianças, participávamos como ajudantes. As conversas eram exclusivas dos adultos, cabia a nós apenas ouvir, mesmo assim eu gostava. Certa vez, cheguei a escutar de uma visita: -cachorro e crianças, debaixo do bancol.

Ao conhecer as discussões em *História e memória*, de Le Goff (1990) e *Perceptíveis remendos imperceptíveis: a crítica teatral na Bahia história em trinta anos de memória*, de Ana Paula Feitosa (2005), percebi o valor contido naqueles momentos ricos de oralidade, para a construção da minha própria identidade. Naquele espaço/tempo, em que transbordavam momentos ricos em narrativas, inscrevia-se a memória coletiva da comunidade rural do Espinheiro onde vivíamos, em Santo Antônio de Jesus.

Em seu estudo sobre a memória, Le Goff (1990) vai nos dizer que a memória emerge de suas relações com a história. É o primeiro domínio, onde se expressa a

memória coletiva, atrela-se ao povo de cultura oral, que segundo o autor, -é aquele ligado à existência das etnias ou das famílias, isto é, dos mitos de origem. (p. 329). Referenciada por diversos pensadores, a leitura possibilita conhecer um pouco da história da memória coletiva. Pairar sobre a história dos povos, rica em memórias, fundada nelas. Ficamos enredados e guiados pela travessia que fez a História da Memória atrelada à História dos povos. Desfrutamos de minuciosos detalhes de seu itinerário, presentes na vida social, que vão desde as sociedades ricas em oralidades, mitos, homens-memória, memória como celebração à transição para escrita e a importância desta para consolidação da memória.

Lembro-me que ficava impressionada com minha avó, dona Madalena. Como ela, não sabendo decifrar palavras escritas, tinha o poder de memorizar tantas histórias reais ou inventadas? Percebo que ali estava a força da cultura oral -que se nutre da rememoração incessantemente renovada. (STEINER, 2017, p. 54). Minha avó era uma espécie de guardadora das memórias de nossa comunidade, acervo vivo dos mitos e lendas, das narrativas do tempo de nossos antepassados. Remédios caseiros ervas medicinais e suas propriedades milagrosas também estavam guardados em sua memória. Os diversos conselhos contidos nas histórias sobre Mãe d'Água – a beleza e os perigos dos rios e o nosso dever em respeitá-lo; o cuidado com a mata, seus mistérios e alegrias, pois dali tudo se tira.

Nesse perambular reflexivo, penso, sobretudo, nos encontros com os outros membros da comunidade quando iam nos visitar. Momentos riquíssimos em oralidade, enredos, memórias, movimentos e formação.

Sobre a importância da oralidade para a memória, Platão (2010), em *Fredo*, evoca Sócrates para discutir sobre a propriedade e impropriedade no escrever. Ele faz uso da narrativa em que o deus Thoth, o deus da escrita, apresenta ao rei Thanos suas invenções, inclusive as letras para serem aprendidas pelos egípcios, para torna-los sábios, algo que Thanos ponderou, pois previa sobre o infortúnio trazido pela escrita à memória: tendo como aporte o texto escrito, para consultar sempre que necessário, não haveria mais preocupação com a memorização, daí sua ameaça.

Porém, através da viagem empreendida sobre os argumentos de Le Goff (1990), concluímos que a escrita possibilitou à memória sua imortalidade, ao lermos

*O desenvolvimento da memória: da oralidade à escrita, da Pré-história à Antiguidade.* Diz-nos ele:

A escrita permite à memória coletiva um duplo progresso, o desenvolvimento de duas formas de memória. A primeira é a comemoração, a celebração através de um monumento comemorativo de um acontecimento memorável. A memória assume então a forma de inscrição e suscitou na época moderna uma ciência auxiliar da história, a epigrafia. (LE GOFF, 1990, p. 371).

Criada com histórias contadas por minha avó, não iria me furtar de uma boa história para falar da memória. Os gregos da época arcaica, conta-nos Le Goff (1990), fizeram da Memória uma deusa, a deusa Mnemosine. Era filha de Gaia (Terra) e Urano (Mar), tinha como irmão o deus Cronos (deus do tempo). Era casada com Zeus, com quem dormiu nove noites, teve nove musas inspiradoras dos poetas, Artes e Ciências. A deusa Memória nos protege dos perigos do esquecimento quando, ao atravessar o rio dos mortos – o Letes, corremos o risco de beber das suas águas e esquecer nossas lembranças. Para ela, devemos nos voltar para beber da fonte da imortalidade, a memória. Aos poetas, Mnemosine revela os segredos do passado e o introduz os mistérios do futuro. Conta-nos Smolka essa narrativa:

Mnemosyne, deusa, Memória divinizada, gera nove Musas, as Palavras Cantadas. E -as Musas colocaram então na mão do poeta o bastão de seu ofício e insuflaram nele sua inspiração...|| Inspirado pela Musa, o poeta cria, repete, recita, compõe palavras em ritmos. Inspirado pela Musa, o poeta é suporte e mestre da verdade. Resgata o acontecido do esquecimento, presentifica o passado. Versejar é lembrar. Cantar é lembrar.

Enquanto filhas da Memória, as Musas detêm um poder numinoso cuja força, ao mesmo tempo, presentifica e encobre. Elas fazem revelações, alethéa, mas impõem, também, o esquecimento, léthe. É na voz das Musas, pelas palavras, na linguagem, que se dá a nomeação, a presentificação, a revelação e também o simulacro, a mentira, o esquecimento. (SMOLKA, 2000, p. 169).

Desfilam em minha mente imagens e argumentos que se destacaram nesse meu breve e recente estudo sobre a Memória. A tese da pesquisadora Ana Paula Feitosa (2005), *Perceptíveis remendos imperceptíveis: a crítica teatral na Bahia história em trinta anos de memória*; *Confissões livros VII, X e XI*, de Santo Agostinho (2008) – com belas metáforas sobre a Memória; Henri Bergson (1999),

em *Matéria e Memória* (1999); além das discussões de Le Goff (1990) em *História e Memória* e Smolka (2000), em *A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural*, são todos escritos que me inquietaram, intensificando o desejo de enveredar nessa densa floresta com clareiras e cantos escuros escondidos sob galhos, folhas e musgos.

A professora Ana Feitosa é generosa em abrir sua caixa de retalhos das memórias e, como uma habilidosa tecelã, nos enlaçar em fios de uma narrativa que discute os conceitos de História e Memória, conectando-os às suas próprias memórias e experiências. Garimpando em busca do delineamento do conceito de memória, trago uma reflexão:

As lembranças se alteram quando revistas. Ao contrário do estereótipo do passado, lembrado como imutavelmente fixo, recordações são maleáveis e flexíveis; aquilo que parece haver acontecido passa por constante mudança. Quando recordamos, ampliamos determinados acontecimentos e então os reinterpretemos à luz da experiência subsequente e da necessidade presente. (FEITOSA, 2005, p. 31).

Memória é a narrativa da recordação, demonstra a autora. O que aconteceria se bebêssemos águas do Letes e esquecêssemos todas as nossas imagens, como no mito da deusa Memória? Já rejeitei minhas histórias, memórias, imagens de uma vida; contudo, nos estudos sobre a Memória percebo que rogaria orações à deusa, pedindo proteção, caso precisasse atravessar o Rio dos Mortos. Se perdesse minhas memórias, quem eu seria?

### **Memória: imagens que percebo o mundo**

Onde ficam guardadas as lembranças, reminiscências de uma vida? Cérebro, mente, alma? Inquietam-me essas questões. Assombra-me imaginar perder minhas lembranças. Devido a um evento aterrador, uma colega professora se esqueceu de todas as suas lembranças, inclusive seus conhecimentos em Filosofia, o que a retirou da sala de aula. A arte busca traduzir a vida, como acontece em *Para sempre Alice*, de Richard Glatzer Westmoreland (2014), que traz a história de Alice Howland, uma professora de Harvard, especialista em linguística, uma mulher de certezas que tem sua vida mudada inesperadamente quando é diagnosticada com Alzheimer. No



belíssimo filme Julianne Moore, através de uma interpretação magna, consegue encarnar o desespero da personagem ao se descobrir perdendo a memória.

Novamente mergulhei nas minhas memórias. Minha primeira professora, dona Tina, faleceu recentemente, ela tinha *Alzheimer*, a mesma doença. Tive que parar algumas vezes a projeção do filme... dona Tina, além de tudo, era minha tia. Ainda posso vê-la labutando nas múltiplas tarefas da Escola São Jorge, nos diversos papéis que desempenhava: professora, merendeira, faxineira, secretária e diretora. Como dava conta com competência de tantos papéis?

Hoje, sou professora de dezesseis turmas do Ensino Médio, uma labuta diária. Mas dona Tina era forte e teimosa, sua intensidade e alma artística se escondiam sob o impecável e sereno semblante, fortemente construído por uma educação tradicional e católica que primava pelo controle das paixões e sentimentos. Dentre as cinco filhas de minha avó, foi ela quem mais avançou nos estudos, o que era difícil na década de 1930, na zona rural, em uma comunidade pobre do interior da Bahia. Estudar não estava nos projetos das famílias de pequenos agricultores. Os pais precisavam das filhas para realizar as tarefas na agricultura e na casa, por isso terminar a educação básica e ser professora era um sonho quase impossível.

Hoje sabemos via histórias antigas que tia Tina estudava sob a luz difusa do candeeiro nas madrugadas. Durante o dia, frequentava a escola e ajudava meu avô no cultivo do fumo. Não concluiu o Ensino Médio, mas sua trajetória a qualificou para professora leiga, professora que não tinha formação no Magistério, de nossa comunidade. Mulher forte, sensível e intensa, extrapolava sua criatividade em belas atividades curriculares regadas à música, poesia, teatro e brincadeiras. Impossível esquecer a professora Tina e seu currículo tomado pela alegria do deus Dionísio, ela até hoje me inspira. Os princípios do FEP salientam a importância dessa formação pautada pelas diversas linguagens, tecida na horizontalidade, considerando nossas histórias e memórias, o que leva a algumas experiências vividas naquela escola, que residem em mim.

Estar no FEP, levou-me de volta à Escola São Jorge e sua professora D. Tina. Refletindo sobre ela percebo que sua capacidade de marcar as memórias de seus ex-alunos desprendia da subjetividade vinda das histórias vividas, contadas, das diversas linguagens envolvidas que iam desde a beleza artística envolvida nos belos cenários montados por nós nas festas juninas, natalinas, as performances

desempenhadas com intensidade, o riso, alegria, sabores e formação que pelas contingências da vida (re)encontro no FEP.

Inspirado por Barthes (1977), que percebe a literatura como -o próprio fulgor do real, o FEP alimenta nossos semestres com bons encontros literários, tornei-me uma apreciadora desse diálogo entre Ciência e Arte, entre Língua e Literatura. A *ilusão da alma*, de Giannetti, foi um dos romances preferidos nessa jornada junto ao FEP. O texto é autobiográfico, narra a história de um professor de literatura, que no meio de uma palestra, já muitas vezes proferida, esquece o que teria para dizer. Um tumor cerebral foi a causa para a perda da memória, que o leva a uma cirurgia, à surdez e à devotada dedicação aos estudos sobre cérebro e mente, o personagem se recolhia ao estudo concentrado como contentamento da alma serena. Conta-nos o autor: -Vivia entre livros e livros, como se o tempo não contasse (2010, p. 69).

Através de sua trama, o autor nos encaminha para a imbricada relação entre cérebro, mente, alma e memória. No decorrer da obra vamos percebendo que de tudo o que vivemos, mesmo que por uma fração mínima de tempo, fica retido na memória, e perdê-la é desesperador. Conta-nos em escrito autobiográfico o personagem principal da trama:

Na segunda parte da fala – ninguém é de ferro – eu pretendia voltar ao conforto do meu piloto automático oratório e reprisar a velha palestra, pau para toda obra, com direito a inflexões vocais finamente ensaiadas, improvisos calejados e pseudoconfidências no calor da hora.

No início da apresentação, foi possível – um pouco duro e tenso, como se esperaria, dado que precisei recorrer às notas que mantinha sob os olhos, apenas interpolando aqui e ali algum aporte tonificador. Mas o que veio em seguida me deixou atônito. Pois no momento da passagem, no instante exato em que deveria arrancar triunfante nos trilhos do que seria a segunda parte da palestra – o esperado -passeiol –, dei-me conta de que perdera o acesso à embocadura da fala.

A marcha engripou e o encaixe sumiu.

Imediatamente acusei o baque. -Como assim? O que é isso?!, exclamei cheio de espanto no ouvido interno. Eu nunca passara por algo, remotamente parecido. Não era um simples branco; era uma pane vertiginosa em pleno voo, uma súbita e inexplicável travagem. Senti as pernas bambearem e a luminosidade oscilante, mas não cogitei parar – the show must go on.

Disfarcei o quanto pude o meu apuro. Recitei maquinalmente algumas platitudes, fiz um comentário politicamente correto do qual não me recordo, elogiei a perfeita organização do evento, disse que o calor não me incomodava, exaltei o excepcional interesse do público carioca, sobretudo os jovens, pela boa literatura: *Mais uma*

*vez o Rio dá provas cabais de que é um exemplo a ser seguido pelo Brasil!* Enquanto isso buscava entender o que teria acontecido. Procurava ganhar tempo e tomar pé da situação.

Resolvi, então, tentar de novo. Recapitulei brevemente o que tinha dito no início, tomei impulso e voltei à carga bem no entroncamento onde o engate da segunda parte da palestra deveria entrar. Nada outra vez! Simplesmente não estava mais lá! Não sei quanto tempo passei desse modo, cindido por dentro, a revirar gavetas e prateleiras no recesso da mente, ao passo que a língua mecânica se desdobrava em frases e clichês banais, como um político narcotizado tratando de espichar um improvisado. (GIANNETTI, 2010, p. 17-18, grifo do autor).

A obra de Henri Bergson (1999) *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito* remeteu minha lembrança ao texto de Giannetti (2010). Ambos discutem Memória, contudo, os textos trazem diferentes abordagens. Enquanto Giannetti discute sobre memória, alimentado pela literatura, utilizando-se de metáforas poderosas, de forma envolvente e viciante, conectando-nos com textos acadêmicos que também tratam do tema, Henri Bergson nos brinda com um texto absorvente e complexo, com um denso estudo sobre a Memória. Ambos conversam entre si, ao tratar do poder da memória em nossa constituição.

Em seu estudo, Bergson (1999) enfatiza o poder das imagens em nossa existência, tatuadas em nossas memórias, que nos constituem, edificam nosso mundo. Ao mergulharmos em nossas lembranças, imagens desfilam vivas, coloridas e/ou sombrias. As imagens nos tomam, por elas percebemos o mundo, -eis-me, portanto, em presença de imagensll nos diz Bergson (p. 11). Para ele, o meu próprio corpo é a imagem principal, centro de todas as minhas percepções, ele prevalece sobre todas as imagens, graças ao intenso conhecimento sobre seus aspectos exteriores, sobre a percepção dos males, dores e alegrias. Diz Bergson:

Passo em revista minhas diversas afecções: parece-me que cada uma delas contém, à sua maneira, um convite a agir, ao mesmo tempo com a autorização de esperar ou mesmo de nada fazer. Examino mais de perto: descubro movimentos começados, mas não executados, a indicação de uma decisão mais ou menos útil, mas não a coerção que exclui a escolha. Evoco, comparo minhas lembranças: lembro que por toda parte, no mundo organizado, julguei ver essa mesma sensibilidade surgir no momento preciso em que a natureza, tendo conferido ao ser vivo a faculdade de mover-se no espaço, indica à espécie, através da sensação, os perigos gerais que a ameaçam, e incumbe os indivíduos das precauções a serem tomadas para evitá-lo. (1999, p. 12).

Nesse conjunto de imagens a que chamamos de mundo material, o corpo é uma imagem que atua com outras imagens e nada se pode produzir de realmente novo, sem o intermédio de certas imagens particulares fornecidas por ele. Sob essa perspectiva, o corpo é a ponte para sentirmos o mundo e a percepção. Um sistema em que uma imagem está relacionada a outra, única dentre delas, escalonando-se ao redor delas em planos diferentes e se transfigurando em seu conjunto, a partir de ligeiras modificações desta imagem central. O corpo é imagem excepcional sobre a qual se adequam outras imagens.

Em sua discussão sobre Memória, Smolka (2000, p.184.) elege as imagens e signos, e ressalta: -Mas as imagens não se restringem às imagens visuais... São tantas as possibilidades de formação de imagens... táteis, sonoras...ll (p. 184). A pujança das imagens e signos na constituição da Memória é uma das importantes reflexões da autora.

As minuciosas descrições de imagens vivas em tons e detalhes também aparecem na narrativa de Proust (1995), que nos fisga, tornando-se inesquecível:

De repente, diminuiu a minha ansiedade, uma felicidade me possuiu como quando um medicamento poderoso principia a agir e nos tira uma dor: eu acabava de tomar a resolução de não mais tentar dormir sem ter visto mamãe de novo, de beijá-la custasse o que custasse, quando ela subisse para se deitar, mesmo sabendo com certeza que ficaríamos brigados por muito tempo. A tranquilidade resultante das minhas angústias findas me dava uma extraordinária alegria, não menos que a espera, a sede e o medo do perigo. Abri a janela sem ruído e sentei-me aos pés da cama; não fazia quase nenhum movimento para que não me ouvissem lá embaixo. Fora, as coisas, elas também, pareciam fixas numa atenção muda para não perturbar a luz da lua, que, duplicando e recuando os objetos por lhes estender à frente a sua sombra respectiva, mais densa e concreta que eles próprios, ampliava e diminuía a paisagem ao mesmo tempo, como um planisfério que se desdobrasse. O que tinha de se mover, algumas folhas do castanheiro, movia-se. Mas o seu fremir minucioso, total, executado até nos menores detalhes e nas extremas delicadezas, não se espalhava sobre o resto, nem se fundia com ele, permanecendo circunscrito. (PROUST, 1995, p. 21).

Em *Matando o tempo*: uma autobiografia, Feyerabend (1996), o autor, revisita sua vida, traduzindo-a belamente em uma autobiografia que nos leva ao mundo das imagens, signos e linguagens. Reflito o quanto os diferentes olhares sobre um mesmo objeto, o prazer da Literatura e da Filosofia, destilados pelo FEP e seus

integrantes, agora fazem parte de mim através das referências impregnadas em minha memória que se traduzem na forma como leio a mim e ao mundo.

### **Memória: espaço-tempo das imagens**

Le Goff (1990) percebe que a memória é ligada a um conjunto de funções psíquicas e culturais. A Memória é vista como a capacidade humana de reter informações, que possibilita atualizar impressões ou informações passadas. Em seu estudo, podemos passear pela história da memória, sentir a força motriz da oralidade; observarmos a função da percepção da memória ligada ao corpo; reconhecermos a força da memória individual e coletiva; valorizamos a memória como narrativa, identidade e compreendemos o papel da escrita para a sobrevivência da memória. Percebemos com a leitura desta obra, que a memória cultiva histórias, é acervo de lembranças, que nutrem o passado para servir ao presente e ao futuro.

Quando mergulhei em mim, abrindo o baú da Memória, deixando lembranças aflorar dele, uma imagem veio com muita força: minha infância, o sítio em que fui criada, na zona rural de Santo Antônio de Jesus, a casa onde vivi a meninice, com pintura gasta, roída em alguns cantos das paredes, com um tom branco desbotado que parecia cinza.

Guardo na memória sua grande e acolhedora cozinha, onde o fogo crepitava, lançando sua luz pelo ambiente, aquecendo e iluminando, já que não havia energia elétrica. Um candeeiro preso a um lugar alto, para que nós, ainda crianças, não o alcançássemos e brincássemos com a perigosa mistura de fogo e querosene. O fogão à lenha era feito de um grande bloco de barro amassado, já escurecido de fuligem. Havia um tampão de ferro, que servia para apoiar as panelas, algumas vezes o usávamos com o auxílio de pequenas pedras ou pedaços de telhas, ajudando a sustentar as panelas. Ele aquecia a água usada no banho dos mais velhos, doentes e crianças que não podiam ir ao riacho, que ficava no vale de uma ladeira íngreme, cercado por uma mata onde habitavam seres que povoavam minha imaginação. Sua água era cristalina, dava para ver os pequenos peixes que se escondiam por entre as pedras e era um deleite para nossos corpos, suados após a caminhada, sentir o seu frescor. A água era trazida à tardinha, quando íamos ao riacho tomar banho, em seguida ficávamos ziguezagueando ladeira acima:

-equilibrando a lata vesga / mais que o corpo dital, como nos fala a música<sup>10</sup>. Após voltar da fonte e descarregar a água, nos reuníamos na cozinha, um espaço importante na dinâmica familiar.

A mesa desacompanhada de cadeiras servia para colocar utensílios: pratos, panelas e talhas de barro<sup>11</sup>. Havia um porrão<sup>12</sup>, que armazenava água, ficava aos pés de um longo banco de madeira, onde nos sentávamos próximos ao velho fogão à lenha. Sob nossas cabeças, pendia uma tábua de madeira. Servia como armário, tinha função de abrigar diversos utensílios de vidros. Alguns eram garrafas com restos de mel de abelha, outros continham azeite de dendê do bom. Outros mais eram frasquinhos – embalagens de xaropes recicladas – usados para armazenar óleo de coco, banha de galinha, banha de porco e xaropes caseiros. Outros tantos continham remédios em uso. Era uma desordem, mas tudo era localizado facilmente. Construída por meu avô, milagrosamente, esta espécie de prateleira nunca caiu sobre nós.

Alguns ganchos de ferro ficavam presos ao telhado, acima do fogão, servindo para dependurar carne fresca que, após ser salgada, se transformaria em carne de sol, curtida em grandes nacos pendurados sob o fogo, produzindo imagens sobrepostas, sombras misteriosas.

Veza ou outra, a rotina era quebrada por grandes rituais, como a preparação do café colhido no sítio. Os frutos vermelhos e intensos, docinhos, após passar dias ao sol eram pilados, torrados sob um fogo preciso, moído e só depois eram transformados no líquido encorpado, quente, de sabor forte, sentido pelas nossas gargantas, aquecendo cada parte do corpo, trazendo vigor e proporcionando união naquele ritual de sabor e cheiro incomparáveis.

Memórias são nossas imagens mais íntimas sobre as quais se inscrevem as concatenações de atos. É tudo aquilo que lembramos, que guardamos em nós, em nosso esconderijo secreto chamado alma, como diz dona Santa, minha mãe. Ana Feitosa, amparada por outros autores, reúne conceitos sobre a Memória, sendo bem mais específica:

---

<sup>10</sup> Da música *A força que nunca seca*, de Vanessa da Mata e Chico Cesar. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tOFVLYbPeqk>>. Acesso em: 7 fev. 2018.

<sup>11</sup> Vaso de barro de grande capacidade, utilizado para armazenar água e farinha.

<sup>12</sup> Pote de barro bojudo, com a boca e o fundo mais estreitos.

O termo Memória, na sua etimologia, é a expressão tanto das recordações, como das lembranças e suas reminiscências; como também a atitude de narrar, referir e relatar (LOWENTHAL, 1998). No entanto, os conceitos e significados da memória são vários, pois a memória não se reduz ao ato de recordar, e, segundo Todorov (1999), o seu significado é, dentre outros, revelar os fundamentos da existência e evitar que a humanidade perca raízes, lastros, identidades. (FEITOSA, 2005, p. 30).

Viajo no tempo-espaço das minhas próprias memórias, paio sobre elas, reflito sobre a memória comunicada em minhas aprendizagens. Sem a escrita, as narrativas assumiriam um poder central, elas possuiriam o encadeamento dos fatos, fundamentais para a Memória. Ana Feitosa nos ajuda a compreender a importância que o tempo e o espaço ocupam nas lembranças, quando argumenta:

Sabendo-se que é na Memória que devemos achar as forças do presente e do futuro; vê-se que os lugares comportam-se exatamente como os momentos do passado, como as lembranças. Elas vão e vêm. Ou melhor, a Memória não está em si mesma e sim noutro lugar. Ela se desloca num espaço que se encontra e se descobre em razão do movimento desencadeado pela lembrança. (FEITOSA, 2005, p. 34).

Devemos voltar nossa atenção para o espaço, para o caminho que trilhamos, ao qual pertencemos, em que marcamos e somos marcados por ele.

Todo conhecimento do passado é amparado pela memória. Lembramos acontecimentos, registros, experiências do ontem de forma única e particular, pois cada um, a seu modo, lembra o passado, reconstruindo-se, narrando a si mesmo, emergindo das lembranças provocadas. Escreveu a professora Ana Paula Feitosa:

Quando olhamos para trás, podemos localizar os marcos do nosso tempo biográfico no tempo real/cotidiano decorrido. É ainda o tempo social marcando seu espaço. Tempo e espaço em movimento, vencendo e mudando os seres mais resistentes. (2005, p. 35).

Amparada pela ideia de Feitosa (2005), que narrar é memória, dedico algumas linhas pra contar a experiência vivida recentemente, ao ser provocada para conhecer minha história de leitora. A força das imagens, o centro das memórias, o espaço-tempo da memória se traduz naquele momento vivido no outono de 2018.

Como exercício de escrita memorialística, professora Inez Carvalho solicitou-nos histórias de leitores. Busquei nas entranhas de minhas memórias para lembrar

como tudo começou Lembrei-me que aos domingos, único dia da semana livre da lida na agricultura, todos nós – adultos e crianças – nos reuníamos em uma grande sala, sob a luz alaranjada do crepúsculo, para ouvir histórias de cordel. Minha mãe assumia a roda de leituras, de forma entusiasmada e dramática. Eu ficava encantada com aquele mundo do Pavão Misterioso, da Donzela Teodora e João sem direção, enchiam minha imaginação de imagens. Apesar de ser saciada por minha avó, que desfilava narrativas fascinantes, eu sentia uma frustração horrível ...minha mãe nunca teve tempo para sentar conosco, seus filhos, e contar histórias. Fazia leituras para entretenimento coletivo naquelas tardes de domingo, para a numerosa família de primos/as, tios/as e avós, como uma performance necessária à cultura campesina.

De início, não tínhamos quarto na casa de vovô. Dormíamos espalhados pela sala de visitas, em camas de lonas, próximos a um oratório belamente entalhado em madeira, abrigo de muitas imagens de santos católicos. Em época de inverno sofríamos com frio, o corpo ficava dolorido pelo ar gelado, que penetrava através do fino tecido da cama de campanha e proteção de insuficientes dos cobertores. Era diminuído quando nossa mãe colocava um fogareiro com brasas acesas em algum canto da sala. Ela dividia o quarto com uma tia paterna e seu pai. Depois herdamos uma acomodação, quando tia Tina passou a morar na casa desocupada por tio Jovêncio, seu irmão mais velho, que por sua vez migrou para cidade. Eu pensei: é agora!

Finalmente, dormindo com minha mãe, eu poderia ter aquele momento mágico, quando após o labor diário, ao anoitecer, iríamos nos abrigar junto a ela no recentemente adquirido aposento, quando a teríamos só para nós, seus filhos e filhas. Antes de dormirmos, nos recolheríamos felizes, aconchegados a sua volta e embarcaríamos em um mundo de beleza, magia e finais felizes através do seu poder quase mágico de Scherazade<sup>13</sup>. Pensava, ansiava. Isso nunca aconteceu! Ela até tentava, mas a árdua vida que levava como trabalhadora da agricultura, mãe de quatro filhos que dependiam absolutamente dela, exigia muito de suas forças. Mal começava a história, cansada, adormecia.

---

<sup>13</sup> Conta a lenda Pérsia que Scherazade, com sua beleza e inteligência, fascinou o rei que matava todas as esposas na noite de núpcias, ao narrar histórias fantásticas por mil e uma noites, salvou sua própria vida.



Passados mais de trinta anos, agora fuçando minha vida de leitora e conversando sobre as histórias daquele tempo com minha mãe, fui me reconhecendo. Ela contou-me sobre sua própria história de leitora, quando viveu com tia Tina, na época da juventude, histórias inusitadas. Para ler, ouvir músicas e acompanhar novelas de rádio costumavam fugir para a mata, em horas de descanso da labuta rural, buscando o sossego que o exercício requeria. Entre seus objetos de cobiça literária estavam a literatura de cordel, novelas de rádio, músicas de Chico Buarque e Caetano Veloso. Rememorou algumas histórias que contava naquelas tardes de domingo depois do almoço fresco comida típica da comunidade rural Espinheiro, em Santo Antônio de Jesus, iguarias que ainda trago na memória, com sabores, texturas e cores marcantes. A leitura depois do almoço era para segurar o sono; a comida pesada, composta de carnes frescas e vísceras bovinas, preparada de um dia para o outro que amolecia o corpo, chamava o sono, algo perigoso para a saúde, podia dar constipação, diziam. Daí a necessidade das histórias e a atenção dada as suas narradoras.

Lembrei-me muitas vezes das histórias iniciadas e nunca finalizadas, especialmente a história de *João sem direção*, e pedi que minha mãe pudesse se lembrar dela, naquele instante e contá-la para mim. Animada por ela mesma reviver lembranças dos tempos de outrora, começou a contar.

Sua voz alegre, de perfeita entonação tomou a sala com a história de *João sem direção*, realizando um desejo de infância. Era uma manhã silenciosa, agora em uma casa alugada, à Rua do Cajueiro, área urbana de Santo Antônio de Jesus. Éramos eu, ela e sua neta Emile Vanessa. Ficamos centradas naquela epopeia de João, que parte pelo mundo sem direção, vivendo experiências fascinantes no decorrer de sua vida.

Inspirada pelas Musas, filhas de Mnemósine, ela evocou a memória, iniciando a narrativa com voz firme, vigorosa, rica em entonações dramáticas e vivas. Fui teletransportada para o mundo mágico da infância. Como criança, aconcheguei meu corpo no sofá, deitei a cabeça em seu colo, e fui só ouvidos. Desta vez, a história teve início e fim.

A possibilidade de viver experiências ricas de histórias e memórias, como essa que vos conto, é um elemento que venho incorporando às minhas vivências nesse itinerário junto ao FEP.

## PRIMEIRAS LEMBRANÇAS: MARIA, QUEM ÉS?

*Os dentes levemente mais à frente  
Revelam meu sorriso azulejado  
Emoldurado por lábios salientes  
Certamente ardentes se beijados*

*A frente suavemente projetada  
Como nas estátuas primitivas  
A testa de feição mais alongada  
Como nas estirpes mais antigas*

*Me atenho aqui a descrever meu rosto  
Que o resto só com os olhos de um pintor  
Suficientemente hábil e de bom gosto  
Pra retratar-me toda em toda cor*

*Apenas cito a mais as minhas pernas  
Raramente expostas por inteiro  
Qual montanhas sob neves eternas  
Encobertas janeiro a janeiro*

*Talvez a breve referência aos dentes  
E ao meu sorriso aberto azulejado  
Já seja tão ou mais que o suficiente  
Para explicar as fadas do meu fado.*

Gilberto Gil

A escrita memorial tem o poder de permutar passado, presente e futuro num turbilhão em que emergem acontecimentos vividos e sentidos que damos ao presente. Tudo o que vivemos, como que projetado na tela da memória, desenrola-se diante de nós. Refletimos sobre nossas experiências, que nos marcam e forjam, damos sentido às coisas vividas, conectamos leituras, discursos, formamo-nos, reformamo-nos. Em meio à névoa do passado, emergem episódios em cores vivas. As lembranças afloradas levam as sensações que outrora vivemos: alegrias, tristezas, dores. Atolados em um revival de emoções, por vezes a escrita emperra.

Este texto é um exemplo disso. Foi iniciado em outubro de 2018, com muitas versões já escritas e deletadas, até que, finalmente, em janeiro de 2019, certas lembranças puderam ser olhadas e aceitas como parte do que hoje sou. Acabou sendo um bom exercício para compreender quem eu sou e por que sou. Apesar de difícil, essa escrita encoraja a reflexão sobre mim mesma. Revivendo eventos passados, mesmo os mais dolorosos, autorizamos nossa *autopoiesis*. Alimentada por esses sentimentos, entreguei-me ao cultivo da lembrança.

Trata-se de um relato autobiográfico, a partir de leituras que fiz nesse meu percurso de vida, desaguando no que hoje sou. E é possível que um pouco dos -desertos que atravessei<sup>14</sup> (DJAVAN, 1984) sejam revelados. Estarei desobedecendo à dona Santa, minha mãe, que me aconselha sempre a não contar minhas histórias tristes. Eu a compreendo, mas também acredito que há beleza e aprendizado nas histórias de Marias, mesmo as tristes. Sua própria história, que ouço repetidas vezes, é prova disso. Quase que sozinha, e com o labor rural, possibilitou e me apresentou ao mundo das leituras.

Decidi chamar minha escrita de anotações. E elas foram muitas. Escrevia e descartava. E finalmente depois de reler, experienciar novamente Atwood (2014), em *Negociando com os mortos*, entendi melhor sua discussão sobre a escrita, o escritor e o leitor, e as ricas referências literárias sobre esse laborioso processo.

<sup>14</sup> Da música —EsquinasII, de Djavan, 1994. Disponível em: <[https://www.google.com/search?source=hp&ei=gDsHXYT2MJ6z5OUPyMy1oAY&q=DESERTOS+QUE+ATRAVESSEI+DJAVAN&oq=DESERTOS+QUE+ATRAVESSEI+DJAVAN&gs\\_l=psy-ab.3..0i22i30.2075.12268..12947...0.0..1.354.6385.0j20j11j1.01..gws-wiz.....6..35i39j0i131j35i39i70i249j0i22i10i30.GDeekIY4OQ4](https://www.google.com/search?source=hp&ei=gDsHXYT2MJ6z5OUPyMy1oAY&q=DESERTOS+QUE+ATRAVESSEI+DJAVAN&oq=DESERTOS+QUE+ATRAVESSEI+DJAVAN&gs_l=psy-ab.3..0i22i30.2075.12268..12947...0.0..1.354.6385.0j20j11j1.01..gws-wiz.....6..35i39j0i131j35i39i70i249j0i22i10i30.GDeekIY4OQ4)>. Acesso em: 20 dez. 2018.

Acalmei-me. Alimentada por seus argumentos, compreendi um pouco minhas angústias de escritora iniciante, agonia de caloura.

Nasci na década de 1970. Tenho poucas lembranças dos anos iniciais de minha vida, quase nenhuma, parecem tomadas por uma espessa neblina. Motivada pelo desejo dessa escrita, conversei com minha mãe a respeito do evento: minha existência. Nasci no Hospital Luís Argolo, em Santo Antônio de Jesus, o que era um luxo para uma família de agricultores de cacau e mandioca, que morava em Corte Pedra, lugarejo pertencente a Itabaína – atual Tancredo Neves, desde 1989 – que fica entre os municípios baianos de Santo Antônio de Jesus, Gandu e Valença. Meu pai guardava dinheiro para essas ocasiões e Maria Damiana, nossa tia Lia – irmã mais velha de minha mãe – morava na cidade, o que possibilitava tal feito. Foi um parto rápido, a grávida mal chegou ao hospital e nascia a menina com seus quatro quilos e seiscentos gramas, encantando a todos pelo tamanho.

O nome Maria Madalena foi escolhido por essa mesma tia, uma espécie de segunda mãe de minha mãe, por ser mais velha, forte e sábia. Era seu porto seguro. Segundo minha mãe, quando eu nasci, tia Lia disse: -Santa, vamos colocar o nome dessa menina o nome de mãe? Quem sabe ela ficará bondosa como ela?|| – e a sugestão foi acatada.

Herdei assim o nome de minha avó, Maria Madalena, e isso quase foi uma sentença. Dona Maria Madalena de Jesus, pessoa de bondade e serenidade extremadas, viveu muitas histórias tristes. Anos mais tarde, aos seis anos, presenciei um desses eventos: um acidente doméstico a imobilizou, limitando-a a ficar em uma cama pelo resto de seus dias. Dediquei-me a ser ouvinte de suas histórias. Foram minhas primeiras -leituras|.

Dos dois primeiros anos de vida, nada lembro. Morávamos na fazenda de meu pai, terras só conhecidas anos depois pelos relatos de minha mãe. Dele, Senhor Antônio Venceslau dos Santos, nenhuma palavra trago na memória, sobre sua história. Daqueles tempos, restou-me a marca da fratura na clavícula, fruto de uma queda. Assustada com os gritos dos porcos que minha mãe cuidava, indo ao seu encontro, caí da pequena escada de madeira. Cicatrizou, cristalizou e restou uma saliência que servia pra ilustrar o caso contado em dias de festas.

Meu pai vendeu as terras que antes o classificava como um fazendeiro, homem de notável respeito e poder na região. Migramos para cidade. Tenho vaga lembrança de suas luzes, do desespero de minha mãe quando levei uma estocada

de um primo bem no olho, por espiá-lo pela janelinha da porta enquanto ele vendia frutas na varanda.

Outro acontecimento marcante foi o contato com os chamados caretas, foliões usando máscaras, que nos assustavam na época do Micareta<sup>15</sup>. Eu morria de medo daquelas figuras altas, pra mim pareciam gigantes vestidos de preto, com máscaras de olhos pequenos e sorrisos largos, assustadores. Anos mais tarde, na década de 1990 era eu quem desfrutava das delícias dessa festa e, com certeza, também assustava muita gente, devido a irreverência que nos tomava nesses dias de folia. Eram momentos de alegria e algazarra pelas ruas da cidade.

### **Primeiras Lembranças: domínios de Cecílio Batista**

Lembranças de vivências passadas que julgávamos esquecidas ressurgem. Uma teia é finamente tecida por fios que se articulam com outros e outros e outros... Como abelhas saindo velozmente da colmeia para produzir mel, as lembranças trazem nomes, datas, cores, trechos de poemas, cheiros e sensações que eclodem sem parar, deixando-me, por vezes, sem fôlego. Como ficaram tão cuidadosamente guardadas, mesmo quando o desejo era esquecê-las?

Imagens que emergem da névoa da memória, agora com cores mais definidas, vêm de onde fui criada: o sítio de meu avô, na comunidade do Espinheiro, zona rural de Santo Antônio de Jesus. Foi pra onde um tio, irmão de minha mãe, levou-nos após meu pai partir para Salvador, aventurando um emprego. *A Triste Partida*, composição de Patativa de Assaré (1964)<sup>16</sup> interpretada por Luiz Gonzaga, que eu escutava com minha avó, tempos depois vem à minha memória como um arquétipo desse evento.

A comunidade agrícola do Espinheiro ficava a três horas do centro urbano, se fôssemos a pé. As lembranças da infância remontam à grande casa, situada no alto de uma ladeira. Lembro-me dela entre uma extensa faixa de Mata Atlântica e um terreiro sempre muito limpo. As vassouras, nós construíamos com folhagem específica e cordas feitas a partir do tronco das bananeiras. Ele, o terreiro, era exaustivamente varrido todos os sábados, nas primeiras horas da manhã. Sábado

<sup>15</sup> Festa com trios elétricos e artistas da música baiana, que acontece fora da época do Carnaval em diversas cidades brasileiras.

<sup>16</sup>—Triste Partidall, de Patativa de Assaré, 1964. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Yu0bvuk8s\\_k](https://www.youtube.com/watch?v=Yu0bvuk8s_k)>. Acesso em: 5 jun. 2019.

também era dia de arrumação da casa, quando nos mobilizávamos para limpá-la e enfeitá-la com belos arranjos de flores, abundantes no jardim. Se fosse dezembro, as flores eram os jasmims que davam na área alagada do riacho. Eram flores de pétalas brancas, suaves, e de cheiro forte e doce.

Ao amanhecer, o sol nascia atrás da mata, penetrando seus raios através das árvores, chegando até nós de forma suave. Um extenso jardim, com muitas variedades de rosas brancas, vermelhas e cor-de-rosa, jasmims, murta, trepadeiras floridas e cravos deixavam o ar com um perfume inebriante, atraindo abelhas e beija-flores que circundavam o lugar. O extensivo trabalho com as plantações durante a semana era substituído no sábado pela ida dos homens à cidade, vender produtos, comprar mantimentos, e as mulheres pela atenção e cuidados com a casa e o jardim. Essas lembranças da infância me remetem ao meu avô, Cecílio Batista, um homem de estatura baixa, magro, de cabelos brancos e olhar penetrante. Seus belos olhos verdes contrastavam com tom de sua pele, cor de ocre intenso, denunciando sua ascendência indígena. Nosso Avôhai<sup>17</sup>.

A casa em que morávamos abrigava três famílias. A nossa assim composta: eu, dois irmãos, uma irmã e nossa mãe, Maria Viana, de apelido dona Santa. Nosso pai não morava conosco, um acidente de percurso o levou para morar em Salvador, para trabalhar no -trechol, ele dizia, referindo-se a vir para capital aventurar emprego na área da construção civil. Havia ainda a família de uma tia, irmã de minha mãe, com três filhos e o marido, totalizando cinco pessoas. Também tinham meus avós maternos, um tio e duas tias. Ao todo éramos quinze pessoas. A casa tinha muitos cômodos, salas amplas e telhado alto. Foi construída por meu avô, como contava minha avó.

Anos mais tarde, pude presenciar a força e liderança de meu avô, quando um verdadeiro exército de homens coordenados por ele construiu, coletivamente, a casa de farinha<sup>18</sup>, que serviria à comunidade em tempos futuros. Na divisão das tarefas, seguindo a cultura patriarcal, as mulheres ficaram responsáveis pelo preparo dos alimentos e davam suporte ao trabalho dos homens, coordenadas por minha tia

---

<sup>17</sup> Termo criado por Zé Ramalho na música Avôhai (1978) para homenagear seu avô que o criou, significando avô e pai, ao mesmo tempo.

<sup>18</sup> É um espaço com um sistema de ralação, prensagem e forno. Depois da colheita, a raiz da mandioca é levada direto do campo para a casa de farinha, onde é raspada para retirar sua pele escura e suja de terra. Em seguida é triturada por meio de um motor. Depois cai em um cocho, é prensada e novamente ralada. Por fim é torrada, peneirada e a farinha está pronta para o consumo.

mais nova, tia Diocéia, apelidada Lua. Já aos homens cabia trançar varas<sup>19</sup>, fazer amarras com cipós, amassar o barro, dar forma às paredes, dando vida a mais um gigante espaço onde nos reuniríamos futuramente. Lá nos sentaríamos em volta de uma imensa pilha de mandiocas, a limpar, raspar, contar, ouvir histórias e fazer farinha, beijus e bolos de carimã na palha de bananeira. Eram momentos de intensa alegria, quase uma festa, onde todos e todas se envolviam nesse labor.

Morávamos em uma comunidade pobre, a maioria dos seus habitantes era analfabeta, vivia da cultura da mandioca, da produção de farinha, do fumo e de produtos para a própria subsistência. Anos depois, foi iniciado o cultivo de laranja e lima, que hoje é a base da agricultura da região do Espinheiro, zona rural de Santo Antônio de Jesus. Não só os produtos agrícolas mudaram, mas também o trato com a terra. O solo, antes limpo com o trabalho braçal, hoje acontece por meio de agrotóxicos, é triste ver.

Meu avô dizia que nunca deveríamos cortar as árvores que formavam um extenso bioma, a mata, como chamamos. Essas cobriam o íngreme declive que compunha nosso imenso quintal. Não só serviam para filtrar seus raios, mas também protegiam as plantações do vento forte, atuando como barreira natural. Minha mãe é uma das que segue essa orientação até hoje, em sua faixa de terra o bioma ainda resiste.

Não migramos para cidade grande, conforme algumas tristes narrativas ouvidas na infância. Fomos para o sítio, ou roça como costumamos chamar. Aquele ambiente silencioso, de ritmo lento, sombrio e escuro contrastava com as luzes, a alegria e o movimento da cidade. Foi assustador de início. Não havia luz elétrica, contávamos com os candeeiros de luz amarela com tons de vermelho e a fumaça do querosene queimado a nos pintar o rosto. Contudo, o que de início assustou, passou a me atrair soberbamente.

Gostava das sombras projetadas pela luz difusa, gostava da escuridão que se opunha quando a luz se afastava e nos fazia correr assombrados por espaçosos cômodos escuros. A excitação do medo diante do inimaginável nos fazia buscar a luz, como as muitas mariposas, concorrentes nossas. A escuridão do fim do dia, contudo, foi se tornando lentamente almejada, esperada.

---

<sup>19</sup>Varas são trançadas para fazer as paredes de uma casa de taipa, servindo de suporte para o barro pisado.

Quando o sol recolhia seus últimos raios, escondendo-se atrás da plantação de tangerina de cheiro forte e sabor cítrico adocicado, era o momento em que os integrantes da família iam chegando dos labores do dia, aglomerando-se na cozinha ou na sala para conversar. Como as abelhas pretas de patas grudentas, que insistentemente circundavam flores no nosso jardim e pomares em busca do néctar, muitas vezes se embaraçando em nossos cabelos, eu ficava atraída pelas histórias dos adultos, quando na quase penumbra compartilhavam os acontecimentos do dia. Quando tínhamos sorte, alguma história ou caso de assombração sobre o místico mundo rural vinha à tona. Sim, a noite era esperada.

A presença mais marcante na grande casa que passei a habitar, em 1973, era de meu avô, Cecílio Batista. Um homem forte, como nenhum outro que conheci. Ético, o que dizia, fazia, não contradizia. Sua palavra era lei. Falou, estava registrado, mesmo não estando escrito. Torcedor do Esporte Clube Bahia, dedicava as tardes de domingo a ouvir seus jogos. Sabia escrever e ler. Era extremamente religioso e temente a Deus. Tinha como ritual ler profeticamente o livro da Missão Abreviada<sup>20</sup>, durante a Semana Santa. Exímio marceneiro, lembro-me da força de seus braços magros, os músculos sobressaindo sob pele cor de barro vermelho dissolvido em água de enchente, quando serrava alguma madeira para torná-la banco, mesa, prateleira...

Minha mãe o adorava. Foi acolhida de forma segura e silenciosa por ele, em seu retorno com quatro filhos. Fisicamente parecia um velho caboclo. Era magro, um pouco corcunda, olhos verdes claros, penetrantes, pareciam ler nossa alma quando lançava o olhar sobre nós. Muitas vezes imaginei que deles saiam brilhantes faíscas verde-ágata...

A mata era seu lugar favorito, tinha por ela adoração. De lá trazia flores selvagens para presentear minha avó, cuja cena diversas vezes pude presenciar. Apesar de amá-lo muito, sua rígida seriedade e eventuais explosões me mantinham distante dele. Ele foi um árduo defensor de minha mãe, em tempos de dificuldades extremas. Uma das nossas funções era lavar seus pés à noite. Uma das mulheres da casa aquecia a água, depois a temperava com água fria e despejava em uma bacia. Se ele não estivesse na cozinha, era chamado:

---

<sup>20</sup>Livro do padre Manuel José Gonçalves Couto, lançado em Portugal em 1859. Foi o livro mais editado no país durante o século XIX.



– Cecílio, a água tá pronta!

Ele silenciosamente chegava, sentava em um banco próximo à bacia. Mergulhava os pés na água e uma de nós, recrutada anteriormente, acomodava-se diante dele para lavar seus pés e depois secá-los. Confesso que nem sempre me agradava, mas nunca emiti qualquer opinião. Não ousaria. Por que tal rito? Meu avô era um homem ágil, envolveu-se no labor da agricultura e da marcenaria até seus oitenta e dois anos, quando morreu. Aquele ato dava dicas de sua soberana hierarquia em seus domínios.

A casa que nos abrigava foi construída por ele, com apoio dos amigos e vizinhos. Era costume da época. Todos se reuniam para realizar trabalhos coletivos, como a construção de moradias, das casas de farinha, também para matança de animais, para desatolar algum que estivesse preso à lama ou então em trabalho de parto. Era uma casa muito alta, suas janelas e portas azuis se destacavam no sol do meio dia, -sol a pinol, diziam. Porém, quando a noite caía, o ambiente se tornava sombrio e havia sempre um mistério rondando o lugar.

Impossível esquecer suas leituras bíblicas, o compenetrado respeito diante da trovada, o amor à mata e aos rios, como um verdadeiro caboclo que era. A música era outra paixão. Tinha uma viola, que ousava tocar em horas de folga. Nem sempre soavam rítmicas as batidas ou melodiosos os sons do tronco sinuoso e oco da viola sobre a qual ele se curvava. Relembro o que falava minha avó de seu quarto, brincando com ele ou, quem sabe, tentando dissuadi-lo do feito:

– Cecílio, creio que está chovendo ... Ouço os pingos da chuva.

Ele ria e continuava a tocar.

Sua alma de artista o levou a organizar a Festa de Reis da região, era um dos seus tocadores e trovador. Uma bela festa que nos enchia de alegria pelas cores, músicas e muita comilança. Como o milagre da multiplicação dos pães, toda a escassez se transformava em fartura de comidas, doces, pessoas. A festa deixou de acontecer depois de sua morte. A música e toda a alegria das visitas que gravitavam em torno da celebração foram resumidas a um pálido presépio armado em um canto da sala.

A casa descrita já não existe. Em seu lugar, novas casas de alvenaria foram construídas e predominam na região, com banheiros e água encanada, nos moldes das casas urbanas de Santo Antônio de Jesus.

Às vezes sonho que sou criança e estou na ampla sala de visitas, com chão de terra batido, sempre muito bem varrido, o que o deixa com tonalidade quase azul. Suas portas e janelas de madeiras estão abertas, permitindo a entrada dos últimos raios solares. O lado oeste da casa, sempre invadido pela luz do crepúsculo e a algazarra dos pássaros no alvorecer e no final da tarde. O cheiro de jasmims, rosas e sabugueiros exalam no ar, vindos de dois jarros de porcelanas, brancos e com desenhos de pequenos ramalhetes de flores azuis.

Aos domingos, todos se juntavam a contar casos e dar boas risadas. Os grandes bancos de madeira predominavam também na sala de visitas, o que nos forçava a sentar juntos, aumentando a interatividade e o afeto. Na sala havia ainda uma mesa e o oratório, este guardava verdadeiras relíquias, algumas imagens sacras que existiam há gerações na família. Recordo claramente da imagem de Nossa Senhora da Conceição, era esculpida em madeira, meticulosamente pintada com cores suaves, alguns fios cor de ouro ressaltavam o belo trabalho artístico. A iluminação das velas, acesas imprescindivelmente às dezoito horas por uma tia-avó, ajudava a criar o clima mítico. Soube que o oratório foi queimado por um pastor, primo nosso, que hoje reside no sítio, e lá fundou uma Igreja Pentecostal!!

### **O jardim: refúgio das mulheres-plantas**

Em *Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*, Eliane Brum (2014) se refere as suas -mulheres-floresl. Tive na infância as minhas mulheres-plantas, afinal, elas plantavam de tudo. O jardim, multicolorido e perfumado, era nosso destino aos sábados para colher legumes e grãos. Uma profusão de flores e plantas. Pela manhã, um sol fraquinho esquentava o corpo antes do primeiro gole de café forte, secava as últimas gotas de orvalho que teimavam em permanecer brilhando sob as pétalas de flores e as folhas.

Coqueiros ornamentais e trepadeiras se encontravam com plantações de feijão andu, fava e feijão mangalô. Ao fundo, uma chácara de tangerina, com suas flores pequenas, brancas e adocicadas enchiam o ar com um perfume suave que se misturava com o forte cheiro fornecido pela profusão de brancos arranjos de murta, rosas e jasmims, flores de café com pétalas brancas, quase translúcidas. Todas elas juntas forneciam cheiros entorpecentes que pareciam nos embriagar. Eu adorava

aquela matinha quase sagrada, que acolheu as histórias e as orações da menina triste, saudosa do pai que nunca chegava e do qual tanta gente dizia coisas tristes.

No jardim de Brum (2014), a desordem reinava solene quando a diversidade de flores, frutos, plantas carnívoras e insetos que se misturavam com força e violência. Relata a autora:

Se no cotidiano ela se resignou aos canteiros ordenados da aparência, às cores discretas e às combinações comportadas, seu quintal era uma subversão da ordem. Lá ela plantou de tudo. E tudo misturado. Deixava essa babel exuberante crescer e multiplicar-se segundo os humores de cada espécie e fingiu não ver quando outras, alienígenas, imiscuíram-se pelos muros. Enquanto entre as paredes da casa ela encarcerava suas grandes esperanças numa fachada de resignação, nos cantos sombrios de seu jardim o coração da minha tia batia com fúria. Na violência daquelas plantas entrelaçadas, crescendo sem poda e sem propósito, ela protegia sua porção vital. Impedia que a tragédia da vida, não como ela é, mas como nos obrigam a acreditar que seja, arrancasse o melhor dela fingindo ser erva-daninha. (BRUM, 2014, p. 22).

Já o jardim de minha infância se difere soberbamente. Ele ficava à frente de um terreiro exaustivamente varrido todos os sábados, nas primeiras horas do dia, antes do forte calor abrasar nossos corpos. Lembro-me, tudo era submetido a um planejamento extenuante, das rosas plantadas, dalias, palmas de Santa Rita, aos pés de maxixe e jiló, base para o ensopado às quintas-feiras, eram meticulosamente plantados, organizados e limpos. O jardim e o pomar se fundiam harmonicamente. Lá, reunia-me com minha mãe e tia Lua, nos dias de sábado, depois do terreiro varrido, para catar andu<sup>21</sup>. Lembro-me de como elas conversavam e riam. Faziam anedotas sobre o meu pavor de lagarta e outros medos tolos, brincavam e gracejavam. Naquelas prosas elas eram libertinamente livres e, apesar de toda a seriedade, histórias sobre sexualidade também vinham à tona.

Descendo a ladeira a caminho da fonte, havia um belo pé de açucena, que em época do Natal nos enchia de expectativas para o seu desabrochar. Para nós, era uma novidade, já que só floria de ano em ano. Suas pétalas eram grandes, de um lilás suave, o seu interior tinha um branco cálido de cheiro adocicado, que atraía as abelhas e muitos olhares. Era também uma das flores preferidas de minha avó,

---

<sup>21</sup>Atividade desenvolvida comumente por mulheres de colher o feijão andu, alimento rico em proteínas, consumido em ensopados com carnes.

dona Madalena, e eu era suas pernas e sentidos para apreciar e descrever, já que a ela não era permitido o privilégio de caminhar.

A imensa casa tinha seu lado oeste pouco apreciado, era úmido, cheio de musgo, escorregadio. Eu não gostava nada dele, talvez por sempre cair quando andava por lá, o que me gerou os apelidos de desajeitada, molenga e fraca, como minha avó, que devido à queda ficou paralisada em uma cama, dos sessenta e seis aos noventa e seis anos, quando morreu.

### **Histórias de Marias: tornando-se com outras...**

Sou Maria como minha mãe, avó e tias. Madalena, Viana, Valentina, Diocéia, Damiana, Fátima, Conceição... Devo dizer que todas nós carregamos histórias tristes, inclusive eu, o que faz parte dos acontecimentos da vida numa sociedade patriarcal como a nossa, especialmente em famílias regidas por fortes princípios religiosos, como a minha. Identifico-me com Brum (2014, p. 16) e suas mulheres tristes: -Eu era rodeada por mulheres bondosas demais, e tristes, muito tristes. No mundo onde eu nasci ser mulher era suportar a vida. O fardo, a cruz, dia após dia. Essas eram as santas, as putas não me eram apresentadasll.

Como que uma sina, precisava ter -bondade e paciência, características de Maria, minha avó, além de aceitação e silêncio diante da dor. Não fugi do propósito, tornei-me uma Madalena religiosa, convicta, temente a Deus, mulher de poucas alegrias. Já na infância presenciei o acidente com minha avó que a deixou parálitica, exiliada em seu quarto. Lembro-me do dia da queda. Foi depois do almoço, ela tropeçou em uma sandália e caiu. Fez muita careta de dor, mas não emitiu um soluço sequer. Carregaram-na para sua cama, que ficava no quarto próximo à primeira sala da casa e perto da cozinha – ali seria sua morada pelo resto de seus dias. Nele havia uma janela em que se podia ver parte da mata e os primeiros raios de sol da alvorada, apreciada com sofreguidão por dona Madalena. Pergunto-me, às vezes: como, em plena década de 1970, uma pessoa fica parálitica depois de uma simples queda? Por que não a levaram à cidade, a um médico que ficava cerca de uma hora dali, indo de carro? Não sei... coisas daquele místico mundo rural, que até hoje não consigo entender.

Anos depois, foi minha vez de me tornar -diferente. Aos seis anos, devido a um problema de saúde, meus rins foram atacados por uma grave doença. Morri e

retornei à vida após uma transferência de emergência para o Hospital Martagão Gesteira, em Salvador. Ainda hoje me impressiona a força de minha mãe. Nesta viagem pelas minhas memórias e histórias, em busca do conhecer o que sou, fiquei sabendo que enquanto eu estava em tratamento em Salvador, ela saía do sítio e ia buscar notícias minhas com minha tia no centro urbano de Santo Antônio de Jesus, pois lá havia telefone e contato com a capital onde eu estava internada. Uma façanha, pois nosso sítio ficava a três horas de viagem caminhando.

Salva da morte, como Lázaro, chegando ao sítio, alegrias e restrições. Foram muitas restrições que me levaram à solidão e à rejeição. Fiquei proibida de participar das estripulias de criança. Minha morada se tornou o quarto de vó. Virei um pária. Era rejeitada pelas crianças, já não fazia parte do grupo. Sempre perto dos adultos, era considerada uma espiã pelas crianças; e ainda, muito menina para participar da interação com os adultos, com exceção da minha avó. Algumas vezes me escondi na mata, para quem sabe ser notada, não deu muito certo, certa vez levei uma surra!

Minha avó não conhecia sequer uma letra, não assinava seu nome, era analfabeta, mas com ela vivi muitas de minhas experiências literárias. Como ninguém, ela nos prendia ao fio do suspense com perguntas inquietantes e pausas propositais. Fui sua ouvinte fiel. Sempre inspirada pela Deusa Mnemósine e suas nove filhas, tinha uma memória incrível, sabia contar histórias como ninguém. Imitava falas, fazia gracejos. Suas descrições refinadíssimas beiravam Marcel Proust (1995), com uma riqueza de detalhes que nos impressiona, no *Em busca do tempo Perdido no Caminho de Swann*.

*Chapeuzinho Vermelho, Príncipe Dom Pássaro Verde, Dona Baratinha, Festa no céu, A raposa e o coelho*, e os contos dos irmãos Grimm, uma infinidade de referências da literatura infantil eram insaciavelmente devoradas por mim, enquanto martelava as pedras para quebrar o milho, triturando-o até torná-lo pequeninos grãos amarelo-ouro, para alimentar os pintinhos, filhotes de muitas galinhas criadas por nós. O labor, o barulho das pedras batendo umas contra as outras não diminuía o encanto e prazer daqueles momentos. Quando ela não contava histórias, ouvíamos orações, músicas, novelas e programas de rádio, que eram por nós duas saboreadas atentamente, através de seu radinho de pilha.

Dona Madalena trazia consigo muitas histórias tristes. Foi criada por um tio perverso e rude que lhe desferia severas surras e castigos. Teve um casamento

arranjado aos quinze anos com meu avô, sobre quem ela pouco conhecia. Perdeu filhos e filhas e sobreviveu a mordidas de cobras venenosas, como a surucucu-pico-de-jaca. Fui repositório de muitas dessas histórias, tristes e belas, que fazem parte do que hoje sou. Percebo que tive uma infância marcada pela solidão, poucos livros de literatura infantil, muitos livros da literatura de cordel alguns já mencionados e pela forte cultura da oralidade característica da comunidade em que vivi.

### **Primeiras letras: cartilha sem castigo**

Submersa na ideia do memorial, busquei desenrolar os fios que compõem minha trama formativa, visando encontrar aquele que me conduziu ao seu início, em meados da década de 1970, ainda sob o regime da Ditadura Militar, quando teve início existência. O que me tirou desse destino de puxar enxada<sup>22</sup>, para ser professora, enquanto alguns primos continuam a desempenhar a função de trabalhadores rurais? Por que era tão importante para minha mãe nos colocar na escola, mesmo quando isso exigia grandes sacrifícios?

Aproveitei a curiosidade e o clima nostálgico das festas natalinas para chamá-la para uma prosa. Era um fim de tarde, o sol lançava seus últimos raios, entre os muros apertados das casas vizinhas e a área externa à cozinha da casa que hoje a família habita, na zona urbana de Santo Antônio de Jesus. Ela denota a cultura rural, ainda presente em nossos hábitos. No pequeno retângulo do quintal são cultivados mamão, cana, pimenta, aipim, graviola e tem uma pitangueira de frutos carnudos, de um vermelho vivo quase escuro, os mais doces já experimentados por mim. Em cima de um muro baixo que contorna a área, vasos com cebolinha, manjeriço, rosa do deserto e hortelã são atenciosamente cuidados por minha mãe.

Organizei o espaço, puxei duas cadeiras, uma em frente a outra, tomei seus pés em meu colo, dispus o gravador do celular e comecei minha investigação. Minha mãe, fornecendo elementos importantes para compreensão de minha história, que junto com outras histórias revelam a importância da professora do Ensino Médio está vinculada a um grupo de pesquisa sobre formação de professores em exercício. Um misto de emoção e expectativa me arrebatou. Olhei para suas pernas, repousadas, ambas calejadas por maus tratos e falta de cuidados - correspondentes a uma mulher pobre, lavradora rural – que exibem hoje veias grossas, azuladas,

---

<sup>22</sup> Ato de lavar a terra com a enxada para retirar as ervas daninhas.

grandes protuberâncias sobre a pele, sinais de problemas de circulação, a erisipela. Enquanto massageava, com carinho e gratidão suas pernas, indaguei:

– Por que para a senhora era tão importante levar os filhos e filhas para estudar na cidade?

A sua reação foi elucidativa. Ela me olha indignada como se eu estivesse fazendo uma pergunta que chegava a ser tola, pois resposta era óbvia, e disparou:

– Para não ficar como eu, puxando enxada, oxe! Eu numa vida miserável, puxando enxada, plantando mandioca, arrancando mandioca, torrando farinha. Fazendo tantas coisas... Eu pensei: com fé em Jesus que minhas filhas não ficarão como eu, puxando enxada. Daí botar para estudar.

– E por que considerava o estudo tão importante? – Insisti.

E como resposta, outro olhar indignado e mais um argumento certo:

– Se eu estudasse, estava na roça? Eu era sabida, Lena. Se não fosse a roça, eu iria longe, eu comia livro, eu gostava. Eu ficava de seis horas, sete... Todo mundo ia dormir e eu ficava lendo, sob a luz do candeeiro. Sempre ia além da lição recomendada pela professora.

E começou então a contar, com riqueza de detalhes, os seus primeiros dias na escola, quando tinha sete anos, e sua paixão pelo estudo, pela descoberta do novo. Na comunidade, contudo, só tinha escola até a quarta série primária e as roças de plantio precisavam de braços jovens para o trabalho. Dar continuidade aos estudos dos filhos e filhas na cidade era um desafio que muitos pais e mães não ousavam topar, mas assim fez dona Santa, no início da década de 1980.

A escassez financeira agravava os problemas, mas não minava sua determinação de que toda a sua prole estudasse. Quase como um mantra, nós a escutávamos constantemente dizer: -estudem para não depender de homeml. Dona Santa, com certeza, foi a primeira feminista que conheci: desenvolvia todas as tarefas da rotina rural desempenhadas por homens, brigava por igualdade, cuidava de quatro crianças, mais tarde cinco, com o nascimento da caçula – Ana Paula, última filha mulher a entrar para Universidade, algo que a deixava inquieta, imersa em orações. Mesmo depois que fomos para a cidade, ia semanalmente ao sítio, onde temos uma faixa de terra. Afinal, era essa a labuta que garantia os poucos recursos, indispensáveis para a sobrevivência, como o aluguel, a alimentação e os custos com os estudos. Seu zelo pela minha jornada, objetivando o Mestrado em

Educação na UFBA, tendo atenção aos prazos das seleções às quais me submeti, passou a fazer ainda mais sentido, após essa prosa.

A orientação dada sistematicamente por ela obteve resultados. Assim como ela, eu também ia sempre um pouco além da lição recomendada pelas professoras. A minha predileção era a literatura, e não foi de se estranhar quando, em 1988, finalizando o curso de Magistério, fui aprovada no vestibular para Letras na Universidade Estadual da Bahia (UNEB), *Campus* de Santo Antônio de Jesus. Contudo, nem toda família logrou êxito, meus dois irmãos, como tantos outros primos, estudantes de escola pública, não concluíram o Ensino Médio.

Lembro quando, sentadas em um banco de madeira, com auxílio do ABC<sup>23</sup>, tendo nossa mãe como professora, minha irmã e eu aprendemos as primeiras letras. Ela arrumava um tempo entre a labuta da agricultura, os cuidados com os filhos e filhas e nos ensinava as primeiras letras naquelas manhãs, chegando mais cedo da roça, o que evidencia a importância que dava à leitura.

Tempos depois, fomos para uma escola primária, em outro povoado. Lembro-me da lição da cartilha, memorizava com medo de errar. A volta para casa era o que eu mais temia, era medrosa e sempre tinha alguma coisa a nos acontecer. Era um caminho repleto de lagartas, um cachorro bravo ou era a fome mesmo que nos fazia querer chegar mais rápido em casa. Ficamos pouco tempo nessa escola.

Depois veio a escola São Jorge, lembro-me até hoje de como aprendi a escrever seu nome. Tia Tina era a professora e Fátima, sua filha, a ajudante – hoje também professora. Ali aprendemos a ler e escrever, sentados coletivamente em bancos de madeira, através de histórias, brincadeiras, letras e festas. A escola pertencia à comunidade rural na qual vivíamos, em Espinheiro, no município de Santo Antônio de Jesus. Ficava na casa da professora, tia Tina, que era também diretora, zeladora, merendeira e secretária escolar.

Estudávamos em sua sala de visitas. Assim, os acontecimentos cotidianos, próprios da comunidade, faziam parte da vida escolar... a própria vida era o currículo. Festas, dramatizações, comemorações, aniversários, nascimentos e mortes eram compartilhados por todos ali. Na Escola São Jorge, não havia cadeiras enfileiradas. A disciplina existia, mas não reinava absoluta naquela sala de visitas com suas lições, números, canções e brincadeiras que preenchiam as tardes

---

<sup>23</sup> Livro didático para alfabetização infantil.



ensolaradas. Dois compridos bancos ladeavam a extensa mesa de jantar, que em dias letivos, acolhiam alunos de diferentes idades, escolaridades, gêneros e classes sociais da comunidade.

Difícil esquecer as celebrações daquela escola. Nas festas juninas tínhamos a deliciosa tarefa de recortar bandeirolas em papéis coloridos. Munidas com cola, prendíamos cada uma em metros de barbante, formando compridas cordas multicoloridas para enfeitar a sala de aula e o terreiro onde aconteceria a festa em homenagem a São João. O espaço era enfeitado também com folhas de palmeiras, coqueiros, flores de papel crepom de cores vibrantes e uma fogueira que seria acesa na véspera do dia santo.

No dia da festa, uma expectativa só, desde a preparação de pratos típicos, com milho, amendoim e/ou laranja, até as dramatizações, como o casamento na roça, e as brincadeiras de cabra-cega, quebra-pote e corrida do limão. No finalzinho da tarde, quando o sol tingia o céu de cor de laranja, as atividades se encerravam. Calçávamos as sandálias, pegávamos com a professora as vasilhas de lanches, antes cheias de guloseimas, e voltávamos para casa, fatigados e felizes.

O Natal era regado a muita música, encontros e comilanças. Havia a celebração da Festa de Reis, que reunia anualmente todos os membros da comunidade. Como faltavam algumas peças na minha lembrança, recorri a minha mãe para me contar mais. Estava curiosa, pois a professora dona Tina era a protagonista, o que tornava a escola palco de acontecimentos envolvendo todas nós. Segundo minha mãe, sua irmã e ex-aluna, os festejos de Reis começaram por iniciativa dela e meu avô, portanto eram os responsáveis.

Tudo se iniciava na véspera do Natal, quando saímos em comitiva, visitando algumas famílias vizinhas. Éramos recebidos festivamente para rezar, cantar o nascimento do Deus Menino, conversar e apreciar uma comezaina com iguarias típicas da região. Os festejos iam até cinco de janeiro, quando todos se encontravam de volta à casa dos responsáveis pela festa. Um farto banquete era preparado: galinha assada, carne de panela, bolo de carimã, doce de caju, doce de mamão e bolachas de goma eram itens certos sobre a mesa. Os casos, notícias dos mais distantes, músicas e trovas de viola faziam com que eu esperasse ansiosamente por essa ocasião.

Inicialmente, esse festejo acontecia na casa de vovô, depois foi transferido para casa da professora Tina, onde também era nossa escola. Ela era a principal

responsável e integrava o grupo musical que acompanhava os louvores. Durante o Natal, período das férias escolares, a sala de aula se transformava em um lugar mágico, místico e belo. Metros e metros de papel marrom, flores, orquídeas, bichinhos de porcelana e muitos pés de bromélias transformavam parte da sala na gruta que abrigaria a encenação do nascimento do Deus Menino.

Arranjos de lírios-do-brejo, colhidos à tardinha por dona Tina em uma área alagada, próxima ao riacho, quando ia buscar água e tomar banho, quando era possível ver essas belas flores brancas, quase translúcidas, de aroma doce e suave, que nos acalmavam, tornando o cenário ainda mais místico. Guardo, entre as reminiscências, as nossas aventuras pela mata para pegar flores e trepadeiras nativas para enfeitar a grande gruta do presépio, feita de galhos de árvores e -papel metroll na cor marrom. Recordo dos enfeites de Natal – cuidadosamente guardados de um ano para outro – e das visitas noturnas, só para saciar o prazer diante da beleza que as cores e luzes produziam, deixando o ambiente quase mágico. Foram os dias mais felizes de minha existência, mesmo que este tenha sido o período de maior dificuldade econômica de nossas vidas.

Ainda posso ouvir a música que me tornou cativa. Pandeiro, viola e um prato de esmalte, sonoramente tocado com um garfo, eram os instrumentos. O grupo era formado por meu avô na viola, o vizinho Apocedônio no pandeiro e no prato por dona Tina, minha tia e nossa professora. Juntos tiravam sons rítmicos e alegres, que acompanhavam as cantigas de reis entoadas. Recordo a alegria estampada no riso e nos belos olhos verdes da professora, que brilhavam mais intensamente nessas ocasiões. Minha mãe me lembrou os versos que acompanhavam os sons que ecoam das reminiscências recém-despertadas. Sensação indescritível. Ouvir a canção entoada me transportou para aquela época e seus significados.

Penso que essa importante referência para que eu me tornasse professora. Muitos foram tocados por aquela formação singular. -Ela me ensinou a ler e escreverll, disse-me um membro da turma, cheio de orgulho, em nosso último encontro, ocorrido em março de 2017, quando dela nos despedimos e nos esvanecemos definitivamente pelos caminhos diversos que a vida toma. Nessa escola havia alegria, prazer, cheiros e sabores maravilhosos, que enchem a memória de boas lembranças, despertando o desejo de novamente vivenciá-la. Recordando a escola, vem à lembrança o belo filme de José Luis Cuerda: *A Língua das Mariposas* (1999), indicado pela Professora Márcea Sales, logo que retornei à

FACED, quando comecei a experienciar outra formação, onde me espantei com a Filosofia e a beleza das Artes, levando-me a novas buscas por conhecimento.

*A princesa Magalona*, um conto de origem portuguesa, foi o primeiro livro a cair em minhas mãos e absorveu-me por completo. Gostava de ler, -aprender a ler foi o máximo de glória e aleluia que alcancei na vida. Ler – e depois escrever – foi a descoberta maior, mediadora de tudo o que eu me tornaria. Foi a minha América, o meu novo mundoll (BRUM, 2014, p. 39).

Histórias e novelas ouvidas pelo rádio, orações, livros que eu tinha acesso através das primas mais velhas, como: *Cem noites Tapuias*, de Ofelia e Narbal Fontes (1982), tornaram-se companhias agradáveis na ausência das brincadeiras infantis ou nos dias em que do quarto de vó eu era expulsa. À medida que crescia e lia, iniciei com vó uma nova relação. Lia para ela, copiava orações e compartilhava casos e segredos vividos. Ela era um ouvido atento às minhas histórias e tinha sempre um ensinamento para me acalantar ou me fazer rir.

### **O retorno à cidade: estudo e autonomia**

Eu tinha nove anos quando não havia mais escola para acomodar nossos estudos nas redondezas. A última série foi cursada na escola da comunidade do Benfica. Lá estávamos, minha irmã Cristina e eu, em um ponto crucial de nossas vidas: seguir adiante nos estudos ou parar por ali, nos dedicar ao trabalho braçal, à cultura da laranja, como a maioria das mulheres da nossa comunidade. Elas tinham dupla jornada: labor rural e trabalho doméstico. Não era fácil, não havia tempo nem espaço para os estudos.

Foi uma grande a confusão quando dona Santa comunicou sua pretensão de migrar para a cidade, a fim de estudarmos. Conselhos, avisos e prognósticos de certo fracasso. Absolutamente toda a família foi contra, como meu pai ainda vivia por Salvador a decisão e a ação cabiam a ela. Teimosa, como uma boa taurina, encarou o pessimismo quase evocado, retornou ao centro urbano de Santo Antônio de Jesus. Não ousou descrever as casas em que moramos ou as condições de vida que tivemos, contudo foi, mas fomos felizes.

Estava no Ensino Fundamental, as Artes, a História e a Matemática me atraíam fortemente. Foi um tempo de pouca leitura e muitas mudanças. Nossa mãe continuava trabalhando no sítio, e nós nos encarregávamos de estudar e cuidar dos

mais novos. Eu, minha irmã Cristina e Fátima, uma prima que já estudava na cidade – fazia Ginásio na época, tornamo-nos confidentes e amigas inseparáveis, superando certo antagonismo da infância.

Aos 12 anos o trabalho entrou em minha vida. Fazíamos faxina e com o dinheiro comprávamos pequenas iguarias e itens de asseio pessoal. Os livros eram raros e as histórias contadas também, minha mãe quase nunca estava presente, não havia televisão ou rádio em nosso cotidiano.

Não tínhamos como comprar livros didáticos, tia Maura se encarregava de consegui-los em segunda mão, comprados ou doados. Eu viajava com prazer nos livros de língua portuguesa e na literatura durante o Ensino Médio. Fiz Magistério, naquele currículo com a Organização Social e Política do Brasil (OSPB), onde constavam *Educação Construção Moral e Cívica* e *Procedimentos da Didática*, encontrava na Literatura um alento. Lia os poemas, trechos de músicas e tudo o que vinha no livro, mesmo o que não era solicitado. Nessa época conheci alguns romances – *Júlia* e *Sabrina* –, lidos com emoção por outras jovens de minha idade, não demoraram a me entediar.

Concluí o Magistério em 1988, depois de um sofrido estágio. Eu não tinha dinheiro para investir no material necessário e era péssima para executar os ritos pedidos. Todo o material didático do estágio era criado em cima de um tema, ricamente elaborado, quase uma exposição de muito brilho e cores, eu não tinha a menor aptidão requerida, mas gostei da regência. Dei conta do estágio. Participei da festa de formatura com um belo vestido ofertado por uma prima e um frágil anel de pedra rosa, presente de um primo.

No final de 1988, fui aprovada no curso de Letras, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), começando a estudar em 1989. Abracei com gosto a poesia de Camões e o romantismo de José de Alencar: Peri e Ceci, em *O Guarani* (2003); *Iracema* – a virgem dos lábios de mel – e o guerreiro Branco (2013a); *Senhora* (2013b), com o galante Seixas da tez pálida e a apaixonada e sofrida Aurélia.

Permaneço com boas recordações das leituras daquela época. Aulas de inglês e latim foram bem-vindas, contudo, foi pela história da Revolução Francesa que me apaixonei. Uma monografia sobre o tema foi solicitada, assim imergi pela primeira vez em águas profundas sobre esse marco histórico. Robspierre, Danton, Marat, becos e ruelas de Paris fizeram parte da minha vida por um tempo. Quase como uma traça voraz, devorava tudo sobre o tema.

## Histórias da juventude: Poesia, política e vodka

Em 1989, ano de eleição, Luís Inácio da Silva e Fernando Collor de Melo eram candidatos. Até então eu só ia para a Faculdade e para a escola onde lecionava; tinha 18 anos nessa época. A timidez era preocupante, e minha mãe resolveu interferir, antes que eu cumprisse o intento de ir para o convento – desejo de infância. Ela incumbiu ao primo Rogério, conectado com a vida cultural da época, a difícil tarefa de me animar com alguma atividade festiva. Fui uma espécie de fardo. Calada e tímida, nada tinha em comum com a turma que me inseriu no culto à boemia.

Eram jovens artistas, poetas, escritores e ativistas políticos como muitos dos jovens rebeldes dos anos de 1980. Até então, eu sabia muito pouco sobre os anos de chumbo do Brasil. No mundo rural em que vivi, não fazia parte; no Ensino Médio não foi abordado por nenhuma professora; nem no curso de Letras essa discussão se fazia presente, infelizmente. Assim, conheci o período amargo da Ditadura em minha juventude, já educadora, e até hoje me pergunto como isso foi possível tão tarde.

Novas leituras, discursos inflamados, argumentos fundados no comunismo, que eu não sabia ao certo o que eram. Gincanas, primeiras viagens, rock, vodka, conhaque e calorosas discussões em noites frias. Compromissos políticos seriamente encarados, festas e alegrias se tornaram parte de minha vida. Não nos incomodavam os olhares de desaprovação ou falatório sobre nós, -jovens comunistasll.

*Pais e filhos*<sup>24</sup>, *Eduardo e Mônica*<sup>25</sup>, *Que pais é esse*<sup>26</sup>? músicas do Legião Urbana e *O pulso ainda pulsa*<sup>27</sup>, dos Titãs, eram os hinos a nos embriagar no balanço cadenciado e no ritmo alucinado do rock. Extravasávamos e chocávamos nos bailes do Clube dos 100 – clube dos abastados da cidade na época, local onde

<sup>24</sup> Renato Russo Pais e filhos- Legião Urbana, 1989. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/legiao-urbana/22488/> Acesso em: 15 jun. de 2019

<sup>25</sup> Renato Russo Eduardo e Mônica, Legião Urbana, 1996. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/legiao-urbana/22497/> Acesso em: 15 jun. de 2019

<sup>26</sup> Renato Russo. Que pais é esse, Legião Urbana, 1987. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/legiao-urbana/46973/> Acesso em: 15 jun. de 2019

<sup>27</sup> Arnaldo Antunes. O pulso ainda pulsa. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/titãs/48989/> 1996. Acesso em: 15 jun. de 2019

aconteciam as festas mais desejadas e que, graças ao dom da boa argumentação de Dene Côrtes, uma espécie de líder da turma, um a um, todos do grupo entravámos nas festas... Daí então era só música, dança e bebida barata.

Ainda cursando Letras, aproximo-me de Aloísio de Azevedo e me entrego ao prazer da escrita visceral de Machado de Assis. Capitu e seus oblíquos olhos, Bentinho e sua angustiante dúvida em *Dom Casmurro*, e tantos outros escritos com magistras enredos e descrições.

O ano é 1996, a militância política e a imersão na vida cultural provocaram em mim uma ebulição. A cidade com suas normas, preconceitos, falso moralismo e muitas cobranças sobre mim começavam a me incomodar, nada me satisfazia. Abandonei o curso de Letras duas vezes, desejava estudar Sociologia, que junto com a Filosofia me inquietavam soberbamente.

Utópica, achava que ia mudar o mundo através do socialismo. Hoje, a certeza da incerteza já não me permite esse deslumbramento. Na vida prática, coordenava junto com Dene Côrtes, hoje secretária de Cultura de Santo Antônio Sindicato dos Servidores Públicos de Santo Antônio de Jesus (SINDSERV), de Jesus, o fundado por nós, no início dos anos de 1990. Assim, a burocracia sindical e seus fundamentos começam a fazer parte de minha formação.

Abril de 1996 foi o período em que a comunista e sindicalista se apaixonou pelo poeta, filósofo, músico e escritor recém-chegado de Salvador, era professor de Filosofia da UNEB, *Campus V*, a quem me refiro como -o poetal. A partir desse encontro, retomei o contato com a literatura, acrescentando poesia ao áspero mundo sindical. *A Rosa do Povo*, de Drummond (1994), foi meu primeiro presente. Poemas de Fernando Pessoa nos acompanhavam nas madrugadas frias, quando embebedados pela alegria dos amantes, encerrávamos a noite com calorosos abraços. As primeiras luzes do dia anunciavam os feirantes montados em suas mulas com os panacuns<sup>28</sup> cheios de frutas, flores e folhas, alimentavam nossas almas com cheiros, sons e cores que vinham aos poucos. Diria Miller (1974, p.27):  
-Época em que ainda éramos tão inocentes que ouvíamos poetas e sentávamos ao redor de uma mesa ao crepúsculo invocando espíritos partidos. ||

Líamos Pessoa, observávamos pessoas, amávamos. Recitado por ele, *Tabacaria*, de Fernando Pessoa (1928), se tornou um dos meus poemas favoritos.

---

<sup>28</sup> Cestos grandes que são amarrados aos animais, usados para transportar produtos da agricultura.

Por sua influência conheci Hoffmann e Clarice Lispector. Também *Crime e castigo*, de Dostoievski (2004); *Metamorfose* (1997) e *O Processo* (1979), ambos de Kafka. Obras que grudavam em minhas mãos, quando nelas chegavam.

Desejava cursar Ciências Sociais, mas não me inscrevi, duvidava da aprovação. Tomando a iniciativa, -o poeta! fez minha inscrição. Inscrita, passei, vim morar em Salvador. Como professora primária da rede estadual trabalhava 40 horas semanais, era um verdadeiro malabarismo conciliar com o horário fragmentado da UFBA. Os textos clássicos de Sociologia, Política e Antropologia, que eu tanto desejava, chegaram. A alma sindicalista mergulhou com afinco em *O Capital* (1988), de Karl Marx. Interessei-me pela Sociologia do Trabalho, bebia as palavras da professora Maria da Graça Druck, quando explicitava sobre o tema. Sociologia da religião e estudos sobre violência escolar também me interessavam.

As reminiscências me pegaram... envolta em um redemoinho de lembranças, rodopio loucamente em uma espiral em que tempo e espaço voltam vivamente. Sinto-os, vivo-os. Não é fácil mergulhar em si. Volto vinte anos no tempo para um passado ainda presente, porém muito bem camuflado sob a névoa protetora da memória. Lembranças emergem com força, experiências da menina leitora de outrora ressuscitam com cores, cheiros, sabores, desejos. Seus tons são intensos.

Histórias de tristezas e perdas alimentaram a desilusão e a solidão, jogando-me nos braços de Fernando Pessoa, companheiro inseparável por muito tempo. Com sofreguidão e melancolia, devorava seus poemas. Até hoje é um dos meus poetas preferidos, juntamente com Carlos Drummond, Mário Quintana e Cecília Meireles.

**Dona Santa, com certeza, a primeira feminista que conheci**



**Dona Maria Madalena de Jesus, pessoa de bondade e serenidade extremadas, viveu muitas histórias**



**Ficava na casa da professora, tia Tina, que era também diretora, zeladora, merendeira e secretária escolar**



**Minha infância, o sítio em que fui criada, na zona rural de Santo António de Jesus, a casa onde vivi a meninice, com pintura gasta, roída em alguns cantos das paredes, com um tom branco desbotado que parecia cinza.**





## O RETORNO À FACED

*O Barco!*

*Noite no teu, tão bonito  
Sorriso solto perdido  
Horizonte, madrugada  
O riso, o arco da madrugada  
O porto, nada!...*

*Navegar é preciso  
Viver não é preciso*

*O Barco!  
O automóvel brilhante  
O trilho solto, o barulho  
Do meu dente em tua veia  
O sangue, o charco, barulho lento  
O porto, silêncio!...*

*Navegar é preciso  
Viver não é preciso.*

Caetano Veloso

Em 2002 fui convidada a fazer parte do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado da Bahia (APLB-Sindicato), aceitei de imediato, a utopia permanecia em mim. Ainda neste ano eclodiu uma greve em que acampamos na Assembleia Legislativa, e como resultado, obtivemos a conquista do Estatuto do Magistério (Lei nº 8.261/02) que regulamentou a carreira, instituindo o avanço vertical à progressão do servidor para o nível imediatamente superior em virtude da qualificação, fazendo surgir vários cursos de Pós-Graduação *Latu Sensu*.

O Departamento Social, através de Marinalva Nunes, resolveu discutir a questão com a categoria e implantar também alguns cursos. Fui então chamada a fazer parte da equipe que pensaria o projeto, contudo pouca contribuição nós sindicalistas demos, mais uma vez, a tarefa de pensar o modelo e elaborar a matriz ficou a cargo dos professores doutores, através de uma parceria do projeto que se iniciava com a Faculdade Visconde de Cairu. Passado o entusiasmo inicial, percebi que o plano – enquanto possibilidade de atualização, formação continuada, melhoria salarial e da qualidade da educação pública – seguia os modelos tradicionais de formação. Mesmo assim, tinha condições de alavancar.

Os cursos de Pós-Graduação *Latu Sensu* eram escassos em 2002. As Faculdades que os ofertavam não tinham propostas com valores condizentes com a capacidade de pagamento dos professores. Gradativamente, chegavam a Salvador instituições de outros estados com o objetivo de oferecer cursos mais baratos, porém tais cursos apresentavam sérios problemas, tais como: qualidade questionável, chancela da instituição desconhecida e professores sem a qualificação necessária. O projeto da APLB-Sindicato, porém, pertencia a uma instituição sindical respeitada, que desfrutava de grande prestígio com as professoras e os professores, devido à greve vitoriosa. O estatuto garantia a progressão de carreira mediante formação e, conseqüentemente, um aumento significativo dos salários.

A parceria de um grupo de professores estimados da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade Estadual da Bahia (UNEB) garantiria o sucesso da empreitada: fazer formação continuada para servidores públicos, em especial de professores em exercício. Em maio de 2003, iniciou-se a fase de execução do projeto, com a implementação do curso de *História e cultura afro-brasileira*, que teve como objetivo principal qualificar professores das áreas de História, Literatura Brasileira e Educação Artística para atuarem pedagogicamente, utilizando conteúdos

e abordagens no campo da história e cultura afro-brasileira, dando cumprimento à Lei 10.639/03. Também foi oferecido o curso de *Metodologia do ensino na contemporaneidade em atenção às especificidades da educação inclusiva*. Os dois cursos foram coordenados academicamente pela equipe de professores parceiros.

As inscrições superaram as expectativas, iniciamos com quatro turmas, duas de cada curso no primeiro semestre, e mais uma turma no semestre seguinte. O projeto se desenvolveu ampliando diversos cursos na área de educação. Ao final, o Projeto de qualificação teve um total de 96 (noventa e seis) turmas, com 5.640 (cinco mil e seiscientos e quarenta) inscritos e 2.426 (dois mil e quatrocentos e vinte e seis) certificados, segundo dados da entidade. Contudo, divergências quanto à gestão me afastaram do projeto, mas a experiência motivou inquietações que culminaram em minha volta à FACED-UFBA, em 2009.

Quais os motivos que me levaram à FACED e não à Faculdade Filosofia e Ciências Humanas, a saudosa São Lázaro, minha faculdade de origem, onde cursei Ciências Sociais? Contingências talvez... Lembro-me que peguei o edital para aluno especial e escolhi a disciplina *Práxis pedagógica na formação de professores*. Ela atendia aos meus anseios em estudar exatamente a formação de professores. Preparei a documentação, elaborei um texto sobre o tema, tal como solicitado pelo edital, porém não falei de minha experiência pessoal enquanto diretora da APLB-Sindicato, do envolvimento em um projeto de formação, nem das questões que me intrigavam sobre a própria formação. Naquele momento achei que não fossem importantes, mas como eu estava enganada! Não fui aprovada pela seleção, mas decidi que iria estudar assim mesmo, como aluna ouvinte.

Em 14 de agosto de 2009, retornei à FACED. Ainda hoje me sinto insegura dentro do ambiente acadêmico, mas naquele dia a ansiedade e a insegurança me consumiam como um todo. Tal qual Pancho, em seu primeiro dia de aula – no filme *A língua das mariposas*, de direção de José Luis Cuerda (1999) – trazia pronto na memória o discurso com o pedido para ser aluna ouvinte da disciplina. O coração batia acelerado e o suor encharcava as mãos e o cabelo. O medo quase me dominava, pois achava que não pertencia aquele lugar. Ao chegar à sala em que aconteceriam os encontros, reencontrei colegas da rede estadual de ensino, excursistas e professores que trabalharam comigo no projeto de formação da APLB-Sindicato, o que foi muito positivo. Fiquei mais confiante. A presença acolhedora da

professora Márcea Sales também foi essencial para minha integração e de todos os presentes.

Durante sua apresentação e do programa da disciplina, a professora deixou todos confiantes para as narrativas iniciais. Como dinâmica primeira, íamos nos apresentando através de um pequeno relato sobre nossa história de vida. Éramos 17 naquele dia, havia mestrandos, doutorandos, alunos especiais do Programa e ouvintes, como eu. As áreas de formação também eram diversas: Biologia, Geografia, Pedagogia e Sociologia.

Márcea Sales relatou em sua história a ligação com o movimento sindical, o que também retardou seu retorno ao ambiente acadêmico. Vi naquela narrativa uma inspiração que fortalecia meu objetivo de retomar os estudos. Lembro-me que cheguei ansiosa para ler os textos que trouxessem conceitos de dentro da área de currículo e formação de professores. Fui surpreendida pelo livro *Matando o tempo*, uma autobiografia de Paul Feyerabend (1994), filósofo contemporâneo que nos presenteou com um texto instigante e brilhante sobre sua história de vida.

Cada aula foi dividida em dois momentos. O primeiro, para a discussão de capítulos dos livros *Matando o tempo* e *O trabalho da citação*, de Antoine Compagnon (2007), alternadamente. O segundo, destinado à apresentação das experiências pedagógicas, enfatizando a ressonância na prática docente. Era um item avaliativo, voluntário, quem não quisesse ou pudesse fazer a apresentação, entregaria um texto com seu relato, ao final da disciplina.

Como preparação inicial para as apresentações, instigando-nos a pensar a relação entre formação e prática, mergulháramos nas discussões dos textos: *A-contecer de uma formação*, de Carvalho (2008), *Palavras que inscrevem a nossa história*, de Sales, Carvalho e Sá (2007) e *Os significados/conceitos de Práxis evidenciados na pesquisa*, de Seixas (2006). Nos meses de setembro, outubro e novembro, fizemos as discussões a partir dos textos indicados, sendo uma hora para cada capítulo. Sobre *Matando o Tempo*, segundo o programa da disciplina (2009), -a ideia é fazer esta leitura, a autobiografia de um professor universitário, como embasamento para as apresentações, já que é um livro que pode ser percebido como uma experiência que apresenta ressonâncias na formação. Já para *O trabalho da citação*, não bastava refletir sobre o conteúdo temático, era preciso entender o que é um texto, pois ele é mais que as regras da Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT). Paralelo às atividades, lemos *A elegância do ouriço*,

livro de Muriel Barbery (2008), que foi tema de uma roda de conversa em 27 de novembro daquele ano, no encerramento da disciplina, onde também fizemos uma autoavaliação das experiências adquiridas no decorrer do semestre.

### **FEP e eu: uma história de formação**

Em 2007, tornei-me diretora da Federação dos Trabalhadores Públicos do Estado da Bahia – FETRAB, em um período rico em histórias vividas e ouvidas. Sites, documentos políticos, atas, greves e cursos de formação sindical foram as leituras que compuseram minha rotina. Contudo, estava inquieta, angustiada. Incomodava-me a ausência do prazer e da animação, coisa que pude sentir no convívio acadêmico em 2009. Persegui, persisti e em 2011 voltei à FACED, reencontrei Inez Carvalho, agora como aluna especial do mestrado. Finalmente criei coragem e aproximei-me do FEP. Lá, Joselita Ferreira Boaventura, professora da rede estadual e participante do grupo, apresentou-me à professora Roseli Sá, cujo empático acolhimento deu-me certa segurança para ficar. Estudos sobre currículo e formação de professores, narrativas, a Arte e suas linguagens, princípios fundantes do FEP, tudo me cativou.

Inscrita no FEP em 2011, passei a prestar mais atenção aos relatos de experiências e histórias de vida dos/das ativistas do movimento sindical baiano, algumas delas ainda vivas na lembrança, como a de Dr. Armando Campos, presidente da Associação dos Funcionários Públicos do Estado da Bahia ( AFPEB), centenária associação que abrigou os servidores públicos da Bahia nos anos da ditadura, quando foi incendiada, e agora é um palco para seminários de formação, reuniões, plenárias dos servidores e debates acalorados entre candidatos ao governo do estado.

O FEP é massa!!! Respondeu Pedro Teófilo, bolsista do grupo, quando lhe perguntei sobre o FEP. Seus olhos brilharam ao falar, seu sorriso aflorou. -Massal, para nós baianos, significa algo muito bom. A definição não poderia ser mais adequada. O grupo nos faz bem, aguça o olhar curioso, alimenta a *autopoiesis* através do mergulho da alma para dentro de si, graças ao cultivo zeloso das narrativas autobiográficas, como discorre Marie-Christine Josso (2004).

Na caminhada com o FEP, a literatura é parceira, pois ouvimos Barthes (1977), que afirma ser a literatura em quaisquer que sejam as escolas inteira e

terminantemente realista: ela é a realidade. *Felicidade*, de Giannetti (2002); *O crime no restaurante chinês*, de Fausto (2009); *A menina que roubava livros*, de Zusak (2007); *Quase memória*, de Cony (2006); *Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*, de Eliane Brum (2014), são algumas referências que vivenciamos. O texto que alimentou a última discussão do semestre 2018.2 foi *A oração do carrasco*, de Itamar Vieira Junior (2017). Uma seleção de narrativas que prende a atenção por suas histórias intensas, singulares e com descrições primorosas. Um texto de narrativas femininas, as personagens são mulheres negras que narram sua trajetória no caminho percorrido nessa jornada que chamamos vida. O enredo de Alma prendeu minha atenção. A narrativa da escrava fugitiva da casa dos seus senhores em busca da liberdade e de seu espaço no mundo remete a minha história enquanto mulher que semelhante a Alma vou erguendo a mim mesma || minha pele tinha muitas feridas, meu cabelo carregava o barro do mundo por onde passei (p. 36).

Quando Alma nos diz: -carreguei nas minhas costas o peso das minhas correntes, carreguei o peso do que passou, carreguei o medo e a mágoa, eu, Alma, vou carregando as coisas que vou encontrando || fez-me refletir sobre a trama que nós mulheres empreendemos em nosso tornar-se. Encontro na autobiografia dos personagens de Itamar Vieira Junior a importância da memória na constituições do que somos individualmente e coletivamente. Difícil esquecer e não pensar nos estudos sobre formação e memória quando nos diz Alma -o rio caudaloso vem em minha cabeça, essas coisas boas, essas coisas tristes, nada sai de minha cabeça, vou lembrando as coisas... || (p.31).

Discussões sobre atualidades e reflexões sobre a conjuntura político/econômica/cultural na qual a educação se insere também nos nutrem, lá no FEP. No semestre de 2018.2, ano eleitoral, os programas de governo foram analisados em nossos encontros, leituras sobre o momento político foram feitas. Nesta época, já imaginávamos o risco eminente da ascendência do conservadorismo, o que infelizmente ocorreu. As *fake news*, excessivamente presentes em nossas vidas, foi outro tema que rendeu discussões e reverberou em meu cotidiano docente.

Minha mãe costuma dizer que não devo me preocupar com a insegurança no ambiente acadêmico. Estudando, ficarei gradualmente mais -sabidinha, não terei duvidosa segurança. Refletindo sobre a participação em um grupo de pesquisa e

extensão, penso que ele tem essa competência: possibilitar experiências importantes para nossa atualização, tão necessárias à minha atuação docente e da pesquisadora em formação que sou. Tais experiências aguçam o olhar para questões cotidianas do chão da escola pública.

Creio ser essencial, para nós professores do Ensino Médio, estarmos atrelados à pesquisa e à extensão, vivermos experiências com estudos de currículo e formação. Esquecer, desaprender, aprender, re-aprender. Sobre os estudos desenvolvidos pelo FEP e sua criação, diz-nos a professora Roseli Sá:

Nos estudos e ações realizadas ao longo de mais de vinte anos no campo do currículo, questionamos insistentemente as teorias, políticas e práticas curriculares que atribuem ao conhecimento curricular a pretensão de uma formação indistinta para todos os sujeitos do currículo. Com essa orientação criamos o Grupo de Pesquisa sobre Formação em Exercício de Professores (FEP), o qual procura contemplar, simultaneamente, em seus estudos, ações e projetos, as dimensões do ensino, da pesquisa e da extensão, tendo como campo os cursos de Pedagogia para professores em exercício realizados sob forma de convênio com municípios baianos. (2012, p. 1).

### **Formação no FEP**

O FEP traduz-se em formação pela experiência. Aprende-se vivendo, experienciando textos, filmes, poesias, músicas, literatura, conversas etc. Assim, formamo-nos através das vivências, tornando-nos o que somos nas relações tecidas na caldeira pulsante da cotidianidade. Como diz Paula Moreira Santos, apoiada em Palmer:

De experiência em experiência, cada um torna-se o que é. As experiências nos levam ali e acolá; no presente, passado e futuro. Vejo o *continuum* experiencial do qual fala Dewey como uma rede, pois não se caminha por um único e ascendente caminho, mas na errância, na itinerância; existem bifurcações, clivagens, desvios, idas e vindas. E uma boa forma de desviar, porque abre, é a arte. Ler uma obra de arte não é adquirir conhecimento conceitual por meio da observação ou da reflexão; é uma experiência, uma ruptura e um alargamento do nosso antigo modo de ver as coisas (PALMER, 1997). Pena que a arte nem sempre seja bem quista nas propostas de formação institucionais. (SANTOS, 2011, p. 40).

Apego-me ao grupo por sua atenção e olhar curioso sobre a escola pública, sobre professores e estudantes, possibilitando reflexões sobre a complexa trama do -tornar-sel e o papel do currículo nessa empreitada. Abraço-me a professora Terezinha Fróes Burnham que argumenta:

Considerando que a escola é uma instituição social, criada na e pela modernidade para a formação dos cidadãos de uma sociedade e que para tal formação é fundamental a construção de sujeitos coletivos, indivíduos sociais, num/para um momento do eu permanente, tenso e duplo processo de instituição/continuidade, é importante procurar aprofundar o entendimento do papel do currículo para essa construção. ( 1993, p. 3).

Manter-me atenta às discussões sobre a escola na contemporaneidade é algo que ambiciono continuar perseguindo, e a FACED, através de um grupo de pesquisa que discute currículo e formação de professores é, a meu ver, o espaço certo para isso. Afinal, faz parte da constituição humana, a interminável busca pela compreensão do mundo, tanto o seu próprio mundo interior, quanto o exterior, do qual somos parte integrante e integrada (FRÓES BURNHAM, 1993). Sobre o emaranhado artifício do tornar-se e a escola, fato abraçado pelo FEP em seus estudos, diz-nos professora Terezinha Fróes:

[...] seu significado como processo social, que se realiza no espaço concreto da escola, com o papel de dar aqueles sujeitos que aí interagem, acesso a diferentes referenciais de leitura e relacionamento com o mundo, proporcionando-lhes não apenas um lastro de conhecimentos e de outras vivências que contribuam para a sua inserção no processo da história, como sujeito do fazer dessa história, mas também para a sua construção como sujeito (quicá autônomo) que participa ativamente do processo de construção e de socialização do conhecimento e, assim, da instituição histórico-social de sua sociedade. ( 1993, p. 3).

Aos poucos, vou conhecendo, com a ajuda do FEP, que na construção da ciência contemporânea se admite o erro, reincorporam-se nas discussões a respeito da subjetividade e da flexibilidade, esclarecendo os perigos da inflexibilidade e da rigidez. A flexibilidade inclui o pensamento do outro, outros pontos de vista, outros caminhos, sugerindo a multiplicidade. Sem estudar isso a fundo, pode-se erroneamente pensar que tudo é válido. Considerar a multiplicidade vai, além disso,



é muito mais atraente, tendo em vista que a vida é um emaranhado de tentativas, erros e contradições. Sobre a complexidade argumenta professora Terezinha Fróes:

As características da complexidade aproximam o olhar sobre o conhecimento de uma rede de relações capaz de perceber a multirreferencialidade, o sentido holográfico do conhecer, as relações que legitimam a identidade e a vizinhança dos saberes. É percebido um movimento que permite tanto o mergulho nas especificidades dos conceitos quanto um afastamento para o entendimento das relações desses conceitos, aproximando o que é conhecer do sensível, do observável. Esse exercício permite entender as linearidades, os conceitos objetivos e também a complexidade e a fragilidade dos conceitos estabelecidos. Um movimento que possibilita a concretude e/ou o esmaecimento da realidade, colocando em discussão estruturas basilares, como o conceito do real e da lógica. (FRÓES BURNHAM, 2013, p. 215).

Trazendo para o campo do currículo, poderíamos compreender como a incorporação da heterogeneidade, da opacidade, da diversidade, um vasto leque de referenciais, como nos inspiram os escritos da professora Teresinha Fróes que dizem:

Considerar a análise do currículo como um processo de familiarização, de penetração na sua complexidade, requer abertura dos sujeitos que ali interagem, entendendo tal abertura segundo a polissemia que esta complexidade exige: abertura de si-para-si-mesmo, quer como aluno, como professor ou como sujeito participante da coletividade da escola; de-si-para-com-o-outro, qualquer que seja o lugar que este outro ocupe nas relações escolares; de-si-e-com-o-outro-para-o-mundo múltiplo em que convivemos. (1993, p. 7).

Segundo Fróes Burnham (2012), o currículo escolar tem a função de formar cidadãos críticos e produtivos, que participem, responsabilmente, da transformação de sua sociedade. Para tanto, é necessário que o currículo tome como ponto de partida a vida concreta dos sujeitos que aprendem suas experiências, seu saber no nível do senso comum.

Nesse caminhar, rico em possibilidades, não dá pra esquecer textos como: *Os sinos dobram por nós: o mundo e o Brasil e as narrativas curriculares dos últimos tempos*, de Carvalho, Sá e Sales (2016); *Conhecimento escolar e emancipação: uma leitura pós-fundacional*, de Carmen Teresa Gabriel (2016); *Felicidade e a Ilusão da alma* de Giannetti (2002); *O crime no restaurante chinês*, de Fausto (2009); *A*

*menina que roubava livros*, de Zusak (2007); e *Quase memória*, de Cony (2006). Também são ricas as contribuições para estudos de currículo e educação na contemporaneidade os escritos das professoras Maria Roseli Sá e Maria Inez Carvalho, além dos já citados de Teresinha Fróes Burnham, apreendidos nesse percurso.

### **Implicações do FEP: Inez Carvalho e Roseli Sá**

As professoras Inez Carvalho e Roseli Sá são fundadoras, coordenadoras, narradoras de suas histórias e referências sobre estudos de currículo desenvolvido pelo grupo. Um grupo diferente em cada contexto: com a professora Roseli Sá coordenando, como aconteceu na ausência da professora Inez Carvalho, enquanto esteve no pós-doutorado na Universidade do Minho (UMINHO), em Portugal 2016; com professora Inez Carvalho coordenando, enquanto estava no pós-doutorado a professora Roseli Sá, em 2017; e com as duas juntas, que é como eu mais gosto, como estamos vivemos esse momento (2018/2019).

Com as duas atuando juntas, é certo que temos boas cutucadas filosóficas, literárias e divergências, o que só enriquecem nossos encontros. Saio de lá inquieta, em desordem muitas vezes, e feliz...Uma contrapondo a outra, com seus argumentos, reflexões, memórias, condimentos de uma formação que a-com-tece na caldeira cotidiana do FEP, que nos vai cozinhando com diversos temperos-referências e, por meio dos sabores experimentados através da arte, da literatura, da filosofia, quase imperceptivelmente vamos nos tornando.

Carvalho e Sá (2016) são também autoras do texto *Os sujeitos nas narrativas curriculares: formação, experiência, subjetividades*, onde nos apresentam ao FEP, percorrendo sobre os estudos essenciais para compreendermos a formação, viagem singular e única, quando emergimos das experiências cotidianas que nos tocam, tornando-nos outros num incessante devir.

Uma união de longa data entre duas mulheres, professoras e pesquisadoras que se entendem, desentendem, compreendem e inovam. Um jovem grupo de pesquisa rico em possibilidades formadoras que tem em suas coordenadoras alguns dos seus alimentos principais. Referindo-se a essa relação, a professora Inez Carvalho comenta: -sou junto com minha parceira de todas as horas – Roseli de Sá, a líder desde a sua criação. (2017, p. 16).

No transcorrer de minhas histórias como a professora Inez Carvalho, guardo comigo a defesa de seu Memorial Uma volta para o futuro: em busca do tempo/espço perdido das lembranças (2018). Indeterminação, não finalismo, contingências, provisoriedade, instabilidade. Palavras ressaltadas na narrativa da viagem empreendida pela fiel descendente do tempo que se tornou uma decidida habitante do espaço, que em mim, suscitaram reflexões posteriores sobre formação. A perigosa tarefa que empreendeu ao procurar compreender como se tornou o que é. Tarefa perigosa, salientou naquela tarde de fevereiro de 2017, principalmente pela escolha. -Porque a gente pode desdizerl, disse-nos ela à época. Pude, eu mesma, vivenciar o angustiante labor em colhemos, ao içarmos acontecimentos em um mar de uma vida, no desejo de revelar quem somos.

### **Roseli Sá: as narrativas autobiográficas e a experiência com Proust**

Era verão em Salvador, em 2016. Passávamos na FACED as tardes de quinta, discutíamos sobre narrativas e descrições, quando a professora Roseli Sá começou serenamente a falar da literatura memorialística de Proust, nos contando sobre a descrição contida no *Em busca do tempo perdido no caminho de Swann-Combray* (1913), em que o autor descreve a degustação dos bolinhos pequenos e cheios, chamados de madalenas. Com certeza esse foi um belo momento em minha formação. Sua paixão ao falar das narrativas ricas em descrições, a suave entonação de voz, a serenidade e calma ao relatar detalhes do texto me reportaram às minhas grandes narradoras: dona Madalena e dona Santa, vó e mãe.

Voltando para casa, presa em um típico engarrafamento de final de tarde entre os bairros Canela, Imbuí e San Martin, abandonei-me à beleza do encontro tramado na tarde que se findava, e mal percebi o calor e a agonia fatigantes no ônibus lotado, depois daquele incidir que tratou de narrativas. Dias depois, curiosa, fui procurar a literatura de Proust de quem guardo na memória belíssimas descrições.

Outra lembrança ainda muito presente, aconteceu faz pouco tempo FEP. Em uma discussão sobre os conhecimentos fundantes na escola, enquanto calmamente deslizava os dedos sobre as teclas do computador, a professora Roseli Sá destacou:

– Nenhum curso ensina tudo! É preciso conhecer a área do conhecimento. Conhecer noções para estar no mundo e operar nele. Se você é capaz de fazer relações, qualquer conteúdo você delinea.

Tal argumento ainda mexe comigo. Tenho dificuldade de cumprir o programa da disciplina *Sociologia* no Ensino Médio, quando há problemas básicos com a leitura e a escrita. Professora Roseli Sá nos diz que se o aprendiz constrói noções básicas, fundantes das áreas do conhecimento, ele será capaz de fazer relações entre os conteúdos apreendidos e a vida. Como referência para este tema, Roseli Sá indicou a leitura de *Experiência e educação*, de Dewey (1976). Ainda reflito sobre essa afirmação da professora. Essa vida no FEP vem inspirando um trabalho com poesia, literatura e histórias de vida no currículo do Ensino Médio que desenvolvo no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães. Roseli Sá ressoa, o FEP ressoa... E tudo me leva a ter outro olhar sobre mim, minha práxis e os atores envolvidos, jovens baianos no Ensino Médio.

No início de 2019 usei fazer um breve diagnóstico, na intenção de sondar o nível de escrita e leitura nas turmas onde leciono *Sociologia*, pensando em concentrar nossa atuação na leitura de textos sociológicos, em compreender conceitos que possibilitem a reflexão sobre a relação com o meio social.

A trajetória entrelaçada ao FEP, junto as professoras aqui citadas, nutre meu cabedal de vivências como mulher, professora e pesquisadora, estas serão bases para escritos futuros. Por hora, evoco *Lia e Deia Gilberto Gil (2018)*, tradução precisa de como percebo essas duas mulheres professoras pesquisadoras que nos orientam e envolvem nos estudos de currículo e formação:

Como fazer para dizer às duas  
 Que as duas são as duas uns amores?  
 Uns amores, dois amores, mil amores  
 Meus e de tantos outros admiradores  
 Como fazer para dizer a elas  
 Quão belas são aquelas suas mãos?  
 Cheias numa, mais magras na outra  
 E as outras partes, os vãos e desvãos  
 Uma tamanho tamanho tamanho pé de laranja  
 A outra tamanho tamanho tamanho pé de mamão  
 Uma mais assim broto de soja  
 A outra, assim mais broto de feijão  
 Ambas o melhor dos alimentos  
 Ambas a melhor das refeições  
 Ambas trovoadas, fortes ventos  
 Para o meu e tantos outros corações  
 Lia e Deia, Deia e Lia, lia ideia

Duas cotovias e uma ideia  
Que os pássaros passarão todos os dias  
Voando ao léu no céu da poesia  
Que as noites sempre trarão a lua  
Os sonhos de verão e as fantasias  
Nos corações, nas mãos de Lia e Deia  
Nas mãos, nos corações de Deia e Lia.  
(GIL, 2018).

### **No caldeirão do FEP: Narrativas curriculares e formação docente**

Entre os estudos empreendidos pelo FEP que me prendem à sua firme teia, o estudo da narrativa nas práticas curriculares é especial. O grupo se concentra nas narrativas, no registro da memória como um elemento metodológico formador, articulando saberes do currículo com saberes docentes, refletindo sobre nossa vida, práxis, formamo-nos nessa espiral em que mergulhamos nas memórias – algo que tenho vivido intensamente. O FEP, pesquisa sobre a formação de professores em exercício, preocupando-se em articular a autonomia docente quanto a nossa formação, os saberes do exercício cotidiano com saberes atrelados pelos currículos. Refletindo sobre a dinâmica do FEP, vão nos dizer as professoras Roseli Sá e Isis Celta Alves:

A relação entre *currículo* e *formação* é tratada a partir do questionamento sobre a posição dos sujeitos do currículo e da importância do conhecimento de si evidenciado nas narrativas de seus percursos curriculares. Para tanto, lançamos mão de formulações heideggerianas do ser no mundo e da concepção gadameriana de formação, articulada às proposições de Larrosa sobre experiência e experiência narrativa. As reflexões sobre a utilização das narrativas de si como dispositivo de formação e de investigação buscam referências no campo da pesquisa (auto) biográfica e escrita de si, em especial, nas construções de Delory-Momberger (2008) acerca do biográfico e da biografização da vida. (2016, p. 1).

Como nos formamos? O que nos torna o que somos? Com quais referências lemos o mundo? Como alimentamos nossa prática docente? Inquietantes questões sobre formação me envolvem, em especial a formação de professores em exercício. Durante o percurso de 27 anos trabalhando como docente no Ensino Fundamental e Médio observo que ainda há muito a ser feito para que possamos ofertar uma

formação que acate às errâncias dos percursos, os acasos, as contingências e incertezas, próprias da vida humana.

Penso na escola pública e sua relação com o mundo contemporâneo e seus jovens, nossos alunos... A contemporaneidade imprime suas marcas. Vivemos tempos em que as coisas e as instituições desmancham (BERMAN, 1982). A incerteza e as contradições são perenes. Como proibir o uso de celular em sala, quando vivemos imersos na onda tecnológica? Pois, esse é um dos motivos de homéricas brigas que afetam a relação entre os estudantes e nós professoras/es. Como impedir o contato com a tecnologia, se nos formamos inclusive pela relação homem-natureza e máquina? Muitos são os conflitos dessa natureza em nossas escolas. O que nos falta? Onde encontrar fundamentos que possibilitem essa compreensão? Nunca foi tão importante mergulhar em leituras e discussões sobre a escola, o conhecimento escolar, seus atores e parceiros como a universidade, berço da formação de professoras/es que ingressarão nas escolas em um futuro próximo. Entre as duas, escola e universidade, o diálogo deve ser contínuo e profícuo.

Nos últimos dois anos, vivenciei situações importantes nesse percurso de professora e interessada nos estudos de currículo. Em uma das instituições que leciono, a comunidade estudantil chegou a registrar a insatisfação contra a escola, imobilizada pelas extenuantes aulas expositivas, rotinas cansativas, monótonas e que destoam do mundo altamente volátil e dinâmico em que vivemos. Não ouvimos os anseios do corpo estudantil, como donos da cátedra, não nos importamos com as opiniões dos estudantes. Mas, precisamos ouvi-los. No Colégio Estadual Odorico Tavares, onde sou professora, a evasão chegou a mais de 50%, gerando um grande transtorno em nossa vida profissional, deixando professoras e professores excedentes.

A formação docente é um dos aspectos essenciais quando se pensa na formação básica e suas demandas. Qual formação vem sendo dada aos professores e professoras, objetivando atualizá-los para os desafios enfrentados pela escola na contemporaneidade em que, fazendo referência a Berman (1982), -tudo que é sólido desmancha no arll?

No momento, fazemos uma formação que nos garantirá 14% de progressão funcional. Não é ruim, uma vez que temos atualmente doze (12) mil servidores que recebem abaixo do piso salarial mínimo de R\$ 954,00. Mas, e o curso? Acho que os projetos de formação ofertados pelo estado da Bahia, através da Secretaria Estadual

de Educação (SEC), pelo menos aqueles que tenho experimentado nos dois últimos anos, não atendem às necessidades de uma formação voltada para a reflexão de si, como nos diz Carvalho, Sales e Sá (2007): -é esta a formação pensada no e para o Projeto Irecê. Os professores-cursistas formam-se, ou seja, tornam-se eles mesmos. Não se transformam em outros, em sujeitos ideaisll (p. 06).

Já os projetos em que fui cursista, da Secretaria de Educação da Bahia (SEC), em quase nada se relacionam com nossa prática cotidiana, com nossas próprias experiências. Acabam servindo só para a progressão de carreira, mas pouco repercute na prática docente. Estão na contramão de referências que venho adquirido na FAGED, através de encontros que têm orientado minha prática docente em pensar no currículo como um movimento em que as possibilidades se atualizam e cada possibilidade realizada é um acontecimento, cuja temporalidade é finita, as atualizações seriam singularidades de cada pre-sença, como alude a professora Roseli Sá (2008).

Conheci a professora Roseli Sá em 2009. Em 2012, fui sua aluna ouvinte na disciplina *Currículo e formação de professores*. Referências como António Nóvoa, Christin Delory-Momberger, Miguel Arroyo, Marie-Christine Josso, Jorge Larrosa nos foram disponibilizadas. Na época, nos detivemos aos estudos das narrativas curriculares, com foco na importância do conhecimento de si, a utilização de registros da experiência, os saberes (auto) biográficos no currículo. Centramo-nos principalmente na posição dos sujeitos do currículo e no sentido formativo da narrativa. A autonomia do sujeito é relevante, nos formamos e não por outros somos formados. Os escritos da professora Roseli Sá apontam para essas questões.

No texto *Itinerância em currículo*, Sá (2004) registra sua atenção ao cotidiano vivido e às leituras realizadas, a fim de tecer os fios da compreensão da complexa rede que é o estudo de currículo. Em diálogo com Sidney (2000), que aborda itinerância/errância, ela confessa sua cumplicidade em:

[...] aproximar mais da formulação de uma concepção de currículo que contemple o movimento complexo de diferentes instâncias que o configuram, numa perspectiva mais longitudinal (embora não diacronicamente previsível e fechada), tendo como cerne a *errância* histórica (SÁ, 2004, p. 1).

Distinguimo-nos dos outros seres vivos pela capacidade cognitiva de uso da razão. Incansavelmente buscando compreender a vida, o mundo, o sentido de

nossas ações, somos seres em contínua formação. Seres inacabados. Tornamo-nos o que somos a partir das relações e interações que fazemos no decorrer de nossas vidas. Assim, vamos nos formando em uma rede cujos fios se cruzam em diferentes espaços e tempos. Tornamo-nos com o mundo: -o homem, então, não pode ser o ente que é, senão encarnado no mundo, em contínua comunhão com os outros entes. (SÁ; CARVALHO, 2016, p. 5).

Os encontros na Faculdade de Educação me guiam em direção a uma formação tecida cotidianamente através das experiências vividas, que privilegia a importância do conhecimento de si na tessitura da formação. Nesse sentido, pensar na formação é pensar no sujeito aprendente, nas suas memórias e histórias. Ou seja, -a relação entre *currículo* e *formação* é tratada a partir do questionamento sobre a posição dos sujeitos do currículo e da importância do conhecimento de si evidenciado nas narrativas de seus percursos curriculares (SÁ, 2012, p. 2).

Gadamer (2008), na sua obra *Verdade e método*, expõe questões das ciências do espírito pautadas na compreensão, cujo propósito é -rastrearl por toda parte a experiência da verdade, que ultrapassa o campo de controle da Metodologia Científica. Logo, a formação, não deve ser entendida apenas como um processo que realiza a elevação histórica do espírito, pois ela também é o elemento onde se movimenta aquele/a que se formou, e sua essência é o retorno a si. Para o autor, em uma formação nada se perde, o conhecimento novo assimilado é integrado ao anterior: -reconhecer no estranho o que lhe é próprio, familiarizar-se com ele, eis o movimento fundamental do espírito, cujo ser é apenas o retorno a si mesmo a partir do ser outrol (p. 50). Ou, como defende Sá e Alves (2016, p. 2), a -*formação* é atribuída à condição de nascer de um processo interno de constituição e não necessariamente de uma finalidade técnica.

Nesse contexto, amor, ódio, racionalidade, irracionalidade, paixão, prazer, desejo, coragem, medo, ordem, desordem, acontecimentos, incertezas, singularidades e pluralidades marcam a complexidade da existência humana, devendo ser matéria no currículo da formação docente, salienta Macedo (2005). Podemos, então, compreender que a formação é uma viagem singular e complexa, onde cada um deve percorrer por si só e/ou com os outros, onde não há método ou caminho. Uma viagem marcada por acontecimentos que repercutem e ao mesmo tempo transformam nossa consciência num processo reflexivo constante de ressignificação.



As coisas acontecem na relação, na experiência dos sujeitos. Larrosa (2002), nos convida a pensar a formação, a partir do par experiência/sentido, argumentando que -pensar não é somente \_raciocinar' ou \_calcular' ou \_argumentar', como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é, sobretudo, dar sentido ao que somos e ao que nos acontecell (LARROSA, 2002, p. 3). São as palavras que criam sentidos, produzem realidades, professa o autor, a experiência é o que vivenciamos e nos mobiliza: -a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontecell (p. 3).

E como chegamos ao que somos? O -chegar ao que se é, segundo o autor, não comunga com autoconhecimento ou autorealização, mas se posiciona ao lado da invenção, diz-nos ele:

Isso que somos e que temos de chegar a ser não é agora nem objeto – não é uma -realidade de nenhum tipo, nem subjetiva nem objetiva – e nem sequer uma ideia que teríamos que -realizar!; isso que somos e que temos de chegar a ser está claramente do lado da invenção. O homem é um animal de invenção, e as diferentes formas de consciência não são senão produtos dessa função inventiva, dessa capacidade de invenção. (LARROSA, 2002, p. 57).

As professoras Roseli Sá e Inez Carvalho ressaltam:

chegar a ser o que se é, para se realizar em seu devir, passa pela *experiência*. A *experiência*, nessa perspectiva, passa a ser uma palavra-chave das mais caras para o nosso pensar/fazer currículo; para o nosso pensar/fazer formação. (SÁ; CARVALHO, 2016, p. 3)

Para Dolory-Momberger (2006, p. 3), -nos tornamos sujeitos de nossa própria história e a narrativa -reúne, organiza e trata de modo temático os acontecimentos da existênciall, afirma. Segundo a autora, a narrativa é o retorno a si, o trabalho de reflexão, o momento primeiro para a inscrição da história de uma vida:

A autora defende a formação centrada no reconhecimento da vida como experiência formadora e de formação. Ao lado dos saberes formais e exteriores ao sujeito, existem os saberes subjetivos não formalizados que os sujeitos aplicam em sua vida cotidiana, nas relações sociais e profissionais. Ainda, segundo Dolory-Momberger (2006), através da narrativa damos forma ao vivido, ao experienciado: -a

narrativa é o lugar onde o indivíduo humano toma forma, onde ele elabora e experimenta a história de sua vida (DOLORY-MOMBERGER, 2006, p. 3).

Assim se posicionam as professoras Roseli Sá e Isis Celta Alves sobre a temática:

A narrativa (auto) biográfica, dada essa sua capacidade de organizar a vida como um percurso, acaba tornando-se espaço propício para notar a partir das características de uma individualidade (o autor que narra) notas de uma coletividade. (SÁ; ALVES, 2016, p. 5).

No itinerário de nossas vidas cruzamos com outros, vivemos acontecimentos, experiências que nos tornam, somos sujeitos de nossa própria história. Em outras palavras, ir ao encontro de si visa à descoberta e à compreensão de que viagem e viajante são apenas um (JOSSO, 2004). As narrativas configuram importantes construções na articulação de espaços, tempos e dimensões de nós mesmos em busca de sabedoria na vida e na tomada de consciência da subjetividade.

Inspirada por essas ideias, em 2015, desenvolvi com as turmas do Ensino Médio do Colégio Estadual Odorico Tavares, uma experiência com narrativas autobiográficas através do Projeto *A História de cada um: a importância das narrativas autobiográficas na formação dos alunos em Sociologia do Ensino Médio*. Foram promovidas visitas a cinemas e rodas de conversa para discussões de temas cotidianos. As turmas adoram essas incursões, a que chamaram de -aula diversificada. A elaboração do relato, após certa resistência inicial, revelou-se como espaço para lembranças, memórias e confissões sobre problemas cotidianos.

### **Na caldeira do FEP: estudos de linguagem**

Em 2018, o Brasil viveu a eleição presidencial num cenário em que as mídias sociais desempenharam um papel decisivo no pleito. A discussão dessa conjuntura, as mídias sócias e as *fake news* foram tema de debate no FEP. Essa vivência, juntamente com novas leituras referentes aos estudos de linguagem, possibilitadas pela participação no componente curricular *Leituras acadêmicas*, sob a regência da professora Inez Carvalho, foram catalizadoras para o planejamento e concretização da *Oficina Ler pra quê? Mentiras, verdades e fake news*, sucedida na primeira semana letiva do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães. Uma aventura desde a sua elaboração. O objetivo foi revelar a importância da leitura e do olhar curioso

atento às informações que circulam velozmente. O desafio foi pensar textos que atraíssem o público bastante diverso do noturno, composto por jovens de dezessete anos a jovens senhoras de sessenta e cinco.

As narrativas curriculares, através de relatos experienciais e exposição de vídeos foram os recursos utilizados. O índice de sucesso com leituras é baixo nas escolas públicas, lemos pouco, somos resistentes à leitura. Por outro lado, vivemos um momento fortemente influenciado por notícias falsas, que muitas vezes, por serem tão repetidas, vão sendo tomadas como verdades. Para minha surpresa, apesar de trazer como tema a leitura, rejeitada muitas vezes pelas turmas, a proposta foi bem recebida e todas as vagas disponibilizadas preenchidas.

Foram três dias envolvidos em discussões e narrativas sobre o tema. As histórias de vida, relatos de experiências e vídeos foram utilizados como aportes para disparar a discussão sobre os conceitos de verdade, mentira e ética. No segundo encontro, participou comigo o professor de Artes Mauricio Meireles, contribuindo com argumentos sobre a história da arte e sua própria história de estudante e professor da educação pública e o movimento geral de virtualização que afeta toda sociedade: informação, comunicação, corpos, educação, economia, sensibilidade/inteligência, enfim, toda nossa vida subjetiva e social (LEVY, 1996). Um encontro soberbo, em que ouvimos do grupo de estudantes suas opiniões, experiências e concepções, inspiradas na vida. Ao final dos três dias ouvi no relato de uma estudante:

– Quando ouvimos falar de *fake news*, não imaginamos que é um assunto tão importante em nossas vidas.

Dias mais tarde, para minha surpresa, o colega professor de Artes me ligou. Solicitava-me o material pedagógico que utilizei para se instrumentalizar, pois desejava abordar a temática em sua disciplina com suas turmas do vespertino. No momento da ligação eu estava dedicada à escrita deste memorial, e pude perceber que gradativamente, em pequeninas gotas, o FEP começa a ressoar também na formação docente dos espaços em que atuo, ao levar um tantinho de uma formação experienciada e abastecida com todas as linguagens.

Conto-vos essa experiência habitada no exercício docente cotidiano para salientar a importância dos estudos da linguagem pautados no FEP, importantes referências para a (re)criação de cenários do currículo do Ensino Médio. A Arte enquanto formação ecoa FEP, que ouve (HEIDDEGER, 2019,p 46 ), quando este

diz que -a salvaguarda da obra não isola os homens de suas vivências, mas fá-los antes entrar na pertença à verdade que acontece na obra e, funda assim o ser-com-e-para- os –outros , como exposição histórica do ser ai a partir da sua relação com a desocultação". Vamos compreender com este filósofo, que a arte tem a ver com a verdade, que através dela o ser do ente acende a permanência do seu brilho. A narrativa autobiográfica é suporte nesse meu contar, e não é fácil adotá-la, a viagem em busca de si, por vezes, é dolorosa, mas aprecio esse mergulho reflexivo no qual passado, presente e futuro se entrecruzam possibilitando novos conhecimentos, tal como a autoformação nas palavras de Marie-Christine Josso (2004). Creio que o leitor também terá seu benefício, já que o objetivo aqui é de registrar o movimento do meu percurso formativo no mundo da linguagem.

### **O texto: traçado de sentidos**

– Como está o texto? – Pergunta dona Santa, minha mãe, à Ana Paula, irmã caçula que escreve seu trabalho de conclusão de curso sobre Psicologia Escolar. Essa é uma pergunta já conhecida, que ela sempre nos faz quando estamos no labor de um escrito. Rememorando as discussões da disciplina *Leitura Acadêmica*, na qual estive inscrita no segundo semestre de 2018, no Mestrado em Educação, também vivenciando o exercício da escrita de um texto, resolvi puxar uma conversa sobre o tema:

– Mãe, o que a senhora quer dizer com -como está o texto?!

Obtive imediata resposta:

– Se vocês estão seguindo bem, entrosando com as leituras... conseguindo escrever.

Seguindo bem, entrosando com as leituras... Pensei sobre suas palavras. As leituras de vida tornaram minha mãe uma apreciadora de diversos textos. Ela gosta de ler, e quando diz -entrosar com as leituras! fala com propriedade. -Entrosar! é, na língua portuguesa, -encaixar (-se) [dente de roda] com (o de outra roda, peça etc.); engrenar (-se); acomodar (-se) (HOUAISS, 2011, p. 373). No processo da escrita de um texto, quando encontramos com as autoras/os selecionadas/os, precisamos dessa relação para que o diálogo ocorra.

Este breve relato traduz a importância de nossos percursos no mundo da leitura, tal qual para dona Santa, é uma espécie de matriz principal de nossas

aventuras acadêmicas. Leitora de rico itinerário, fundado na literatura de cordel, novelas de rádio, músicas de Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil, além da leitura de textos bíblicos, minha mãe aprecia um bom escrito, e pela nossa ansiedade diante desse ofício, ela deve imaginar a dificuldade que nos impõe.

A escrita por vezes atormenta, contudo, igualmente possibilita momentos mágicos pelo prazer do contato com o pensamento do/a outro/a com quem dialogamos ou não, gerando nossas próprias reflexões. Ela abre gavetas de lembranças trancadas no porão da memória, incita visitaçã e (re)visitaçã de textos, desencadeia buscas de termos, conceitos, poemas, gerando caminhos, bifurcações e experimentos, é uma inquietação constante.

Como na preparação de um alimento, em que visamos agradar o paladar, escolhendo zelosamente temperos, cores, cheiros, sabores, texturas, misturas que criam uma alquimia fantástica, empreendida em uma viagem cujo desejo é elaborar uma guloseima com poder de enfeitiçar o degustador, prender sua atenção, inebriar seus sentidos, encantá-lo. Assim é a escrita, trabalho laborioso. Requer cuidado, afeto, ousadia, combinações, rigor, escolhas, caminhos, palavras colhidas com zelo. Contudo, quem exerce uma das artes, ou ambas, bem sabe que dependendo das escolhas e misturas, o resultado pode chegar a ser desastroso. Tarefa nada simples, como percebemos com Margareth Atwood (2014), em *Negociando com os mortos*. Alguns mais corajosos se aventuram, mas não é nada fácil, -para ser é preciso muito mais energia e persistência (p. 55).

Páginas e mais páginas escritas e descartadas, num constante vai e vem buscando encontrar as palavras certas a serem esculpidas na tela branca do computador, que possam traduzir o que pensamos e precisamente queremos expressar. A jovem Azzi, da Poesia Acústica, canta essa agonia: -quem dera eu não precisar usar palavras para explicar o que tenho no meu coração. Porém, precisamos de outras, talvez, como ressalta Caetano:

Para afins, gatins, alfa-luz, sexonhei la guerra-paz  
 Ouraxé, palávoras, driz, okê, crisexpacial  
 Projeitinho, imanso, ciuortevida, vidavid  
 Lambetelho, frúture, orgasmaravalha-me Logun  
 Homenina nel paraís de felicidadania  
 Outras palavras, outras palavras  
 Outras palavras, outras palavras.  
 (VELOSO, 1981).

O texto, pelo qual pergunta minha mãe, a manifestação linguística de nossas ideias que concatenadas possui significados para o leitor de acordo com seus conhecimentos linguísticos, requer trabalho laborioso. O texto é o entrelaçamento de códigos linguísticos, que, orquestrados articulam/atribuem sentido de acordo com nossos edifícios linguísticos, sempre provisórios, (re)criados, sob as constituições anteriores. Sendo o mundo é linguagem, precisamos decifrá-lo, traduzi-lo o que justifica a presença do texto desde os tempos remotos e o fortalecimento da memória com o texto escrito, llum outro modo de falar, uma outra forma de discurso, um outro modo de lembrar: a escrita – Pharmakon – remédio e veneno. ll (SMOLK, 2000, p 176)

O texto é vivo, virtual, história, memória. Não é fácil tecer, costurar palavras, produzir redes de significados para o leitor compreender a mensagem contida nele. Argumenta sobre o tema professora Inez Carvalho:

Escolher palavras é retirá-las da virtualidade, de uma escala que é dinamicamente infinita, onde a impossibilidade de adequação não chega a ser problemática, e atualizá-las, na escala do instantaneamente finito, onde a tentativa de adequação é fundamental. (2016, p18)

### **O mundo é palavra: ler é preciso**

Lembro-me, que na infância, minha avó contava uma história tão assustadora quanto *O homem de areia*, de E. T. A. Hoffmann (1986). Trata-se de um indivíduo, que, por desconhecer as letras, levou a mando de seu patrão, um rico fazendeiro, um bilhete no qual constava o pedindo de sua execução ao carrasco. Por ignorar as palavras, carregou sua própria sentença de morte, sem o saber. Contada com riqueza de detalhes, como minha avó fazia, era aterrorizante e triste aquela história. Não sei se movida por essa ou sua própria história de vida, semelhante às histórias de muitas mulheres da comunidade rural em que vivi minha infância, rica em oralidade, mas com extenuantes dificuldades em percorrer caminhos que levassem ao domínio da palavra escrita, motivei-me a conhecer logo as letras. Graças a um contexto mais favorável, aos cinco anos fui alfabetizada, namoro a literatura desde

então e hoje ousou dizer que estou onde desejei estar: no mundo das leituras, textos, palavras e contextos acadêmicos.

Algumas palavras têm o dom de ressuscitar demônios, paixões, melancolias. Outras já não usamos. Outras ainda são adotadas, tornando-se parte de nós, sou prova viva disso. Ex-sindicalista atuante no serviço público estadual, trago grudadas em mim palavras usadas no ambiente sindical como -pautal, -companheiral, -plenárial, -atasl, -campanhasl ... elas se manifestam em mim como que possuídas de vida própria.

As palavras -têm vida e, portanto, nascem, vivem, algumas morrem, ficam congeladas ou se transfiguramll, alude o historiador Boris Fausto (2007), citado em *Palavras: do mundo virtual dos dicionários à concretude da utilização*, de Maria Inez Carvalho (2009), um escrito que apresenta o estudo das palavras, códigos inicialmente virtuais que são atualizados por nós a cada utilização. Para a autora, a leitura é um exercício de atualização, as palavras se encontram em estado de dicionários, são virtuais, portanto, precisam de chaves para torná-las vivas. O poema *Procura da Poesia*, de Drummond (1967), é utilizado de uma forma deleitosa, como uma metáfora necessária para compreendermos sobre a virtualização e atualização das palavras. O texto é uma boa conversa sobre currículo e a formação de professores, tendo como pano de fundo essa análise, é dose certa para um bom envolvimento.

Sobre minha escrita, ouvi recentemente que é careta, que tem palavras carregas de dramaticidade. É possível. Minha linguagem é fruto de minha história, de minha trajetória de vida, com dramas, erros, alegrias, frustrações e tristezas. O texto sou eu, careta, campesina e dramática. Encontrar a discussão sobre linguagem deixou-me em paz comigo mesma e com meus escritos, algo iniciado em 2009, quando retornei à FACED e fiquei instigada com a discussão sobre os Memoriais de Formação do Projeto Irecê, fundados na *Pedagogia do A-com-tecer de uma formação* de Carvalho (1992). *Palavras que inscrevem a nossa história*, de Sales, Carvalho e Sá (2007) e com a participação na disciplina *Leituras acadêmicas*, com a professora Maria Inez Carvalho.

Um dos momentos que impactaram-me na FACED-UFBA, foi ouvir da professora Inez Carvalho durante a defesa de seu Memorial em 2017, a ideia do mundo enquanto linguagem. A escola enquanto linguagem, uma casa-prisão, uma vez que não existe nada fora dela.

Casa-prisão, porque não existe nada fora da linguagem. Pelo menos nessa linha que estou seguindo. Existem muitas outras linhas, que não vão estar com essa ideia, esse entendimento. Daí a ideia de ser uma casa-prisão. Parto aí, exatamente com uma ideia de Barthes. Eu sou apaixonada pelo livro *Aula* de Barthes (1977), em que ele vai nos dizer, de forma que choca, que a linguagem é fascista. Ela é fascista porque não tem muito a dizer. E se a gente pensa em como aprendeu a linguagem, como aprendeu a gramática na escola, quem não há de concordar com esse fascismo? Eu tenho que deixar o sujeito, o predicado todo direitinho. Só que ele nos diz que há uma forma da gente fugir desse fascismo, que é através da literatura. E é nisso que acredito. (Anotações pessoais, 2017).

Na volta para casa, sentada no ônibus lotado, fiquei atarantada com o que tinha ouvido: língua fascista... casa-prisão. Então, estamos presos ao mundo da linguagem, a ele pertencemos, dele não podemos fugir? Como moscas presas em visgo, debatemos inutilmente, mas das garras poderosas da linguagem não nos desvencilhamos? Sim, é o que nos diz a obra *Aula*, de Barthes (1977).

Quando escrevemos então, pobre de nós, inocentes prisioneiros! Pensamos ser livres, mas só seguimos através dos ditames da língua. Debatemo-nos, como aves indefesas, presas ao alçapão. De nada adianta se rebelar. Contudo, somos alentados por Barthes, seus argumentos dizem que podemos trapacear esse fascismo, fugir do domínio da linguagem, não nos debatendo contra ela, mas numa invasão por dentro dela, pela literatura. Para dessa forma -conseguir fazer emergir o fulgor do real, através de uma festa com a ciência. Extasiada da autoridade, da asserção, do gregorismo, da repetição, do poder implacável da contestaçãoll (BARTHES, 1977, p. 7).

### **Eu leitora: nas linhas do texto floreio**

Alguns textos são inspirações, construções que nos arrebatam no rodopio do prazer guiado por Eros, apresentando novos mundos, visões, deleites; outros são densos/intensos, escritos angustiantes; outros ainda são complicados de compreender, nem sempre ousamos desbravá-los. São todos eles repositórios de palavras cuidadosamente (es)colhidas, tendo o poder de nos fazer transmutar quando cruzamos com eles, atualizamo-nos, de acordo com Levy (1996, p. 6), com -criação, invenção de uma forma a partir de uma configuração de forças e de finalidadesll.



Defeitos, mau jeito e tristezas fizeram-me sucumbir às angústias torturantes, o que me aproximou dos livros. Desde que entraram em minha vida, lá pelos meus seis ou sete anos de idade, os livros se tornaram fiéis parceiros nessa conturbada travessia que é vida. É possível que a solidão que me acompanha desde a infância tenha me aproximado deles. Às vezes discordo, mergulho, vibro, entristeço, regozijo. Torno-me viva em contato com os livros.

Existente desde os tempos mesopotâmicos (LEVY, 1996), o texto, objeto virtual e abstrato, atualiza-se constantemente em múltiplas versões, cópias, traduções, edições. Sintonizados com ele, vivenciamos uma -cascata de atualizações (p. 18). Um fio condutor para a produção de sentidos frente às coisas do mundo, no mundo. Somos viajantes do livro-mundo (MANGUEL, 2017), ávidos por encontrar sentidos e compreender. Em nossa fome de desvendar o mundo o livro assume papel de protagonista, e, de acordo com Manguel:

O livro é muitas coisas. Como repositório de memória, um meio de transcender os limites do tempo e do espaço, um local para reflexão e criatividade, um arquivo da nossa experiência e da dos outros, uma fonte de iluminação, felicidade e, às vezes, consolo, uma crônica de eventos passados, presente e futuros para muitos, um espelho, uma companhia, um professor, uma invocação dos mortos, um divertimento, um livro em suas várias encarnações, da placa barro a página eletrônica, tem servido há bastante tempo como metáfora de nossos conceitos e realizações essenciais. (2017, p 29)

O que acontece quando lemos? Como é tramado esse poder transcendental da leitura sobre nós? Pistas dadas por Pierre Levy (1996) nos conduzem a compreender um pouco dessa relação: ao lermos fazemos escolhas, algumas palavras saltam aos olhos, outras não. Escavamos, garimpamos, -em primeiro lugar um texto é esburacado, rasgado, semeado de brancos (p. 19). Também nem todas as palavras chegam a ser captadas e fragmentos são incompreendidos, negligenciados, contudo, outras tantas palavras são conectadas e costuradas, por nós. -As passagens do texto mantêm entre si virtualmente uma correspondência, quase uma atividade epistolar, que atualizamos de um jeito ou de outro, seguindo ou não a instrução dos autores (p. 19).

Enquanto leitora, gosto dessa possibilidade de participação no texto, quando grifamos, cortamos, riscamos, dedicamo-nos à arte -de recosturar o texto para abrir um meio vivo no qual se possa desdobrar o sentido (LEVY, 1996, p. 19). A leitura

do texto constrói teias em conexão com textos anteriores, fatos, fragmentos, momentos, experiências, sentimentos, sensações, o que vai além da compreensão do escrito, -não é mais a unidade do texto que está em jogo, mas a construção de si, construção sempre a refazer, inacabada, lembra Levy (p. 20). Há um namoro, uma intimidade entre o leitor e o texto, uma dialética recíproca: -lemos o livro, mas profundamente, pode ser o livro a nos ler. (STEINER, 2017, p. 23).

Professora e pesquisadora em construção/desconstrução, traço, faço, (re)faço, tornando-me outra na passagem das páginas de um texto. Suportes para muitas inquietações encontro nos textos, nas leituras fontes de atualização. Nessa viagem almejo encontros com discursos que permitem ao menos compreender nuances da minha inacabável construção.

### **Minhas leituras sou EU**

Em um momento conturbado do contexto político brasileiro, quando eleições e *fake news* configuram novas cenas, a exemplo das mudanças estruturais na profissão docente com o Novo Ensino Médio e a implantação – sem discussão – da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)<sup>29</sup>, participar das discussões tecidas no cotidiano da disciplina *Leituras acadêmicas* possibilitou outros olhares sobre minha própria vida profissional/pessoal, situada nesse panorama de grandes transformações.

Nessa trajetória tecida no segundo semestre de 2018, através do curso de Mestrado, bons encontros tivemos com a leitura de textos, contextos e outras experiências. Uma delas vivemos durante o mês de setembro, ao irmos à Caixa Cultural visitar a exposição *Mariana*. Coubemos, todos aconchegados, no carro do colega Pepe, imersos em uma boa prosa onde discutimos o percurso, chegamos à exposição repleta de imagens, cores, beleza, histórias, significados e sentimentos.

Quando atravessasse a porta de acesso à exposição, fui tomada por imagens que remetiam a labirintos, com mandalas cuidadosamente trançadas, fios especialmente tecidos. Obras que, sem dúvida, expressam a beleza da arte e da subjetividade humana. Tratava-se da exposição *O Tempo Dos Sonhos: Arte Aborígine Contemporânea da Austrália*, com a curadoria de Adrian Newstead e

---

<sup>29</sup>Um documento de caráter normativo que define o currículo de todas as etapas e modalidades da Educação Básica no Brasil.

Djon Mundine (Caixa Cultural, 2018), que reúne obras com uma linguagem moderna e contemporânea de artistas aborígenes.

Degustada a primeira exposição, fomos ver as fotografias de Christian Cravo, que retratam as memórias humanas do rompimento da barragem de Mariana, em Minas Gerais, ocorrida em 2015. Tal exposição leva o nome da cidade onde aconteceu essa tragédia. Viajei no tempo, imaginei momentos. Vi a paisagem sem lama, e depois, quando o marrom tomou conta de tudo, tirando cores, flores, beleza, amores, alegrias, vidas. Vi a bailarina em pose afetada, com sapatilhas antes rosas, agora sujas, também belas. Vi bichos e pessoas, antes do rompimento da barragem de Fundão, em suas vidas cotidianas, depois solidificadas pela lama.

As imagens entravam em mim, tomando-me, sufocando-me. Quase podia sentir o cheiro da lama que inundou a cozinha, antes refúgio para o café do finalzinho da tarde ou do amanhecer friorento. O barro marrom escuro vedou a janela, que antes tinha uma cortina de renda, moldando uma nova forma. Quantas vezes as fotos antigas, de realidades agora enlameadas, foram guardadas, vistas e revistas?

A imagem de Nossa Senhora coberta de lama, a cerca de arame farpado, as roupas outrora coloridas, hoje tomadas pelo marrom me impressionaram. Imagens congeladas pelas lentes do fotógrafo Christian Cravo, que conseguem traduzir a dimensão a que chegou à lama, sugando a vida daquela comunidade.

As imagens retratadas, apesar da beleza que a arte pode nos oferecer, carregam a dor e a tristeza provocadas pela destruição de Mariana: são registros que denunciam o descaso com o meio ambiente, com as espécies, com a vida humana em solo brasileiro. Um trabalho que nos leva a imaginar o poder da grande e gorda boca do capital, que devora tudo o que encontra em seu caminho: plantas, rios, bichos, flores, pessoas, com uma fome avassaladora, acolhida maternamente pelo Estado.

Na volta pra casa fui tomada pela reflexão sobre nossas discussões daquela tarde: com Aleph de Jorge Luis Borges, compreendemos que o mundo está envolto em uma rede de relações, está tudo em tudo. O Aleph carrega o universo. Existimos nas relações da rede de encontros que nos atam. Os eventos repercutem em nossa existência. Histórias, experiências vividas tornam-se imagens que ficam guardadas na memória. Carrego o mundo em mim. Como dizia Raul Seixas : — Eu nasci ,Há dez mil anos atrás E não tem nada nesse mundo que eu não saiba demaisll.

## Ler por quê? Por que ler?

Na viagem empreendida com a disciplina *Leitura Acadêmica*, percorremos o *Leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça* (MANGUEL, 2017), que usa a metáfora do mundo como leitura, e nós, seus viajantes incansáveis. Como ansiosa plateia, desfrutamos de *Aula de Barthes* (1977) para descobrir, no fulgor literário, o escape necessário para driblar as amarras poderosas da língua. Com *Negociando com os mortos* (ATWOOD, 2014), envolvemo-nos em uma narrativa rica em observações e referências sobre a tríade: livro, leitor e escrito, permitindo-nos compreender porque precisamos negociar com mortos. No último capítulo, a autora enriquece nossa compreensão acerca do tema, abalizando diversas referências que tratam da angústia humana diante da morte. Como uma primeira ilustração, reporta-se à civilização minóica, que deixou raríssimos textos escritos, que segundo a autora é justificado pela crença de que os minoanos não tinham muito medo da morte, daí a ausência da necessidade dos registros. Guiados por Atwood, percebemos que a relação entre escrita e mortalidade pode ser explicada pelo ato de que escrever é, principalmente, uma reação diante do medo da morte.

Desfilando um manadeiro de citações, a autora evidencia que a literatura é rica em títulos que revelam uma decidida preocupação com a mortalidade. Somos propensos a escrever e descrever nossas angústias sobre o drama da existência humana: a expiação da morte. Argumentos certos são elencados no decorrer do capítulo, auxiliando na compreensão da questão. O enlaço entre mortalidade e escrita decorre de sua possibilidade de permanência e do fato de sobreviver à própria realização.

Para ilustrar a relação entre escrita e mortalidade humana, a autora evoca as narrativas como elementos essenciais para negociar com os mortos, pois segundo ela, narrar é correlacionar acontecimentos que se desenrolam no tempo. Os mortos permanecem vivos em nós, nos convence a autora após, uma escrita rica em referências que mostram a energia viva dos mortos nas diversas culturas. Algo que o feriado do -Dia de Finados não deixa negar, nem o deslumbramento dos sobrinhos, sobrinhas e afilhadas crianças, quando pedem para contar a sangrenta história de Barba Azul, reiteradas vezes.

O mundo dos mortos fascina, atrai. Sim, há perigo em descer aos sombrios domínios, onde reina o deus Hades, mas lá também há beleza. A descida ao submundo das sombras, quando dele conseguimos alcançar o mundo dos vivos, é preciosa, nos anima Atwood. Pois, os mortos controlam coisas valiosas e desejáveis, presentes nos domínios de seu perigoso reino, a exemplo do conhecimento, da riqueza, da busca de um ser amado desaparecido. A narrativa da Deusa grega Deméter, que perde sua filha Perséfone para o Hades, ilustra o argumento da autora sobre o desejo humano de ir à terra dos mortos para recuperar alguém, para trazer a pessoa de volta ao mundo dos vivos.

O Rei *Gilgamesh*, que desce ao inferno visando obter o segredo da imortalidade, retorna sem ele, mas com suas experiências que são escritas em uma pedra, tornando-o assim o primeiro escritor imortalizado pelo registro, revela o poder das narrativas e de nossas experiências cotidianas. Pelas mãos da autora percebemos que o mundo dos mortos, o mundo das sombras, guarda histórias e segredos valiosos. Descer ao submundo do Hades é perigoso, mas essencial para desvendar seus mistérios. Bebemos na fonte de histórias antigas, memórias ancestrais, narrativas de nossos antepassados e pensamentos de autores que já não habitam entre nós.

Também percorremos *O Aleph* de Borges (1989), zangamos com a eleição presidencial de 2018 e percebemo-nos metamorfoses ambulantes, com Raul Seixas. Inspiradas por *Cidades invisíveis* de Calvino (2017), viajamos.

Não é fácil ser um bom leitor, estamos impregnados de conceitos e fundamentos que neblinam os olhos, tirando o poder da leitura radical, despida dos nossos ranços, por isso mesmo, a todo tempo a professora Inez Carvalho estava a nos alertar sobre a necessária sofisticação da leitura, de exercitar o esforço em pensar o posicionando do lado contrário, uma espécie de -advogado do diabol<sup>30</sup>, mergulhando no texto, nos esforçando para fazer uma leitura rigorosa do contexto, das palavras e seus significados.

Uma atitude, um gesto cultivado. Fuçar, desmembrar, juntar, traduzir, fazer -(re)nascerl e -matarl palavras (CARVALHO, 2009), num atualizar intermitente,

---

<sup>30</sup>Expressão usada inicialmente pela igreja católica para advogados que tinham que apresentar impeditivos nos julgamentos de canonização de santos ou beatos. Atualmente essa expressão define o posicionamento diante de um contexto de forma contraditória, observando o outro lado.

inacabável e imperioso para nós, professoras da educação básica e jovens estudantes das comunidades escolares.

Atores no palco, da performance da vida em cenários matizados com erros, acertos, belezas, mutações, distorções, contingências próprias da existência de um coletivo humano, que é a escola, que nunca é sempre a mesma, sendo. Experimentar a vivência que relato em brevíssimas palavras acrescentou novas peças à intrincada engrenagem do meu emaranhado ser. Sendo uma tônica necessária às experiências cotidianas, com leitura em turmas do Ensino Médio das escolas públicas, no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães e no Colégio Estadual Odorico Tavares, imaginadas para acontecer em 2019, inspiradas no *A-con-tecer de uma formação* (CARVALHO, 2008).

Engoli o mundo através das páginas de um livro. Ser viajante, torre e traça (MANGUEL, 2017), é encontrar chaves que abrem as portas dos significados e dos sentidos, afinal -viver é interpretar, dar um sentido ao mundo e atuar em função desse sentido (LARROSA, 2009, p. 17), é mergulhar em viagens rumo ao desconhecido através dos livros.

Lenine nos convida a viajar sem sair do lugar:

Eu andei pelas ruas da Grécia.  
Já fiz peripécia no reino de Atlantis  
Fui vassalo do Rei Hamsés  
Sem mover os meus pés daqui dessa estante

Fui além das muralhas da China  
Além das minas do rei Salomão  
Sem mover os meus pés dessa sala  
Eu voei sem sair do chão  
Tá no livro, tá escrito.  
(LENINE, 2010).

Ler Livros, gente, sendo paciente, aprendendo a ver, sentindo os cheiros das palavras, ler com dedos sensíveis ou punhos fortes, é o que nos sugere Larrosa (2009), inspirado por Nietzsche, pois somos todas e todos, como ele argumenta, territórios de passagem. A cada nova leitura, fragmentos dos textos com os quais nos encontramos vão cravando em nós seus ensinamentos, deixando suas marcas e traços numa atualização sempre provisória.

Criada formação cartesiana, aprendi a ler o mundo pela ótica das certezas, acertos, -neutralidade, mas imersa no FEP, venho (des)construindo, arquitetando

olhares. Percebi que precisamos romper com o fixo, com a exacerbada intencionalidade, não controlamos os eventos, eles são contingentes. Apreendo, que o conhecimento, não é construído apenas no conhecimento científico. Múltiplos olhares são necessários para ler o mundo, o que nos encaminha a multirreferencialidade como uma forma de olhar. Ciente da teia de relações que nos atinge, encontramos na complexidade, aporte para compreensão da formação e currículo. Ser leitor no FEP é aguçar o olhar para os eventos cotidianos. Atentar para as histórias da vida, para a Arte enquanto experiência de formação. É ler o mundo enquanto metáfora, pois são muitos os seus sentidos. É namorar as palavras, tirando do estado de dicionário, atualizando-as. Fazer a leitura radical, mergulhar no texto, indo no cerne dos significados, evitando a leitura superficial, observando o tempo/espaço em que se insere e ao suporte utilizado. Leitura para nós do FEP é exercício de atualização!

Oficina Ler pra quê? Mentiras, verdades e fake news, sucedida na primeira semana letiva do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, em 2019



**O FEP NO CURRÍCULO ESCOLAR DO ENSINO MÉDIO: (RE)CRIANDO  
CENÁRIOS EM ESCOLAS ESTADUAIS DE SALVADOR – BA**

*Pode ser um lapso do tempo  
E a partir desse momento acabou-se solidão  
Pinga gota a gota o sentimento  
Que escorrega pela veia e vai bater no coração  
Quando vê já foi pro pensamento  
Já mexeu na sua vida, já varreu sua razão  
Acelera a asa do sorriso  
Muda o colorido, vira o ponto de visão*

*Cai o medo tolo, cai o rumo  
Quando a terra sai do prumo eu estou perto de ti  
Abre-se a comporta da represa  
Desviando a natureza pra um lugar que eu nunca vi*

*Uma vida é pouco para tanto  
Mas no meio desse encanto tempo deixa de existir  
E é como tocar a eternidade  
É como se hoje fosse o dia em que eu nasci*

*Livre, quando vem e leva  
Lava a alma, leve e vai tranquila  
E a pupila acessa do seu olho disse love*

Lula Queiroga



Uma formação, forjada nos acontecimentos que emergem do cotidiano da escola, que possibilita driblar a formação positivista ainda está tão presente em mim, constituem meus estímulos preferidos do FEP. Imaginar a educação como uma obra de arte, e o currículo enquanto o cenário com cores e movimento, que é mutante, oscila, (re)cria, é o ensinamento que trago do FEP. Essa caldeira de sabores que alimenta minha práxis.

Na busca pelo significado da palavra cenário, encontrei-a como sinônimo: campo, circunstância, conjuntura, contexto, episódio, esfera, fato, hipótese, possibilidade, quadro, situação, suposição, acontecimento, caso, ocorrência, passagem, e ainda como espetáculo, horizonte, painel, perspectiva, visão, vista<sup>31</sup>. Atenho-me a cenário como sinônimo de acontecimentos de eventos do dia a dia docente. Diria que é o espaço virtual ou real de a-com-teceres da escola, pública, com cenários encharcados de conhecimentos e subjetividades, que no cotidiano (re)inventamos, o mundo. Cenário inspirado pela Pedagogia do A-com-tecer, teoria fundante do Projeto Irecê, cunhado por Maria Inez Carvalho, referenciado nos estudos da emergência, possibilidades/atualizações.

O mundo é uma obra de arte num contínuo fazer e refazer, funcionando como um jogo em que o imprevisível/inesperado emerge das diversas possibilidades postas. É no que acreditava o professor Felipe Serpa, o -pajé<sup>32</sup>, sempre lembrado pela professora Inez Carvalho como referência em seus estudos de formação.

-Desmandos do mundo significando a consciência do caos no espaço virtual das possibilidades, onde o fundante é a diferença sem conceito, que a partir dos jogos nos espaços de acontecimentos e de linguagens, forja os processos identitários|| (SERPA, 2011, p. 203).

Imersos em um mundo rico de possibilidades múltiplas, tornamo-nos outros, ampliando permanentemente a consciência. A minha inserção no FEP, uma professora do Ensino Médio da Educação Pública, resultou em (re)criação, imaginação, (re)invenção, possibilidades e atualizações que conduzem à lucidez dos escritos de Felipe Serpa, comentando -As cidades invisíveis||, de Calvino (2007):

<sup>31</sup> O site —sinônimos.com.br apresenta 32 sinônimos e sentidos para o verbete *cenário*. Disponível em: <<https://www.sinonimos.com.br/cenario/>>. Acesso em: 20 mai. 2019.

<sup>32</sup> Como era conhecido o professor Felipe Serpa na FACED.

Todo ser originária e virtualmente é igual a cada outro no âmbito do universo infinito das diferenças, e cada um ser ou grupo de seres é diferente, em face de seus acontecimentos, seu próprio contexto e sua própria linguagem. Na vivência de cada um nos inter-contextos, na convivência, nos entre-lugares e na produção do inter-texto, enriquecemos todos os distintos processos educativos. Não há centro, não há verticalidade. É a horizontalidade, onde cada ser é uma centralidade. O labirinto virtual, imanente, infinito, apresenta-se nos acontecimentos, na vivência dos inter-contextos e inter-textos e na convivência dos seres nos entre-lugares, horizontal e em rede. É o real pleno de paz, porém instável e caótico. Esses processos educativos terão como centralidade a vida. Acontecimentos, configurações de acontecimentos, intensidade dos acontecimentos, linguagens, inter-textualidades, topologias de vizinhança, subjetividades, serão os elementos das vivências e convivências dos processos educativos. (SERPA, 2011, p. 250).

Sorver dessa concepção é perceber a formação como um jogo da vida, do qual fazemos parte. Inventamos e somos inventados, como percebido nas palavras do professor Felipe Serpa, sobre os moradores da Cidade de Maurília: -São esses atores nesse jogo permanente, cada um é constituído pela sua configuração de acontecimentos, atualizações, gestando, de forma instável, seus processos identitários, e sendo gestados por estesll (2011, p. 249).

A inserção do FEP em meu cotidiano resultou em uma conflagração. Comecei a participar das reuniões do grupo em 2011, e a maneira de avaliar a vida e de viver o sindicalismo nunca mais foi a mesma. Inquietações, avaliações, angústias e morte de muitas das narrativas, as quais eu acreditava serem verdadeiras. Quais as verdades? O conhecimento é provisório, renovável, transmutável, assim como nós, seus elaboradores. Só vim perceber isso através da relação com o FEP.

Já o sindicalismo, movimento que admiro e respeito, está pautado em fortes fundamentos, na crença de que existem verdades, certezas absolutas, que se adotadas chegaremos ao mundo ideal, harmonioso, sem tensões, conflitos ou antagonismos. Se ainda não alcançamos essa sociedade, pacífica, livre das desigualdades, é porque erramos, não seguimos o caminho certo. Por outro lado, enquanto sindicalistas, presos a certezas, fazemos poucas buscas para estreitar laços com as instituições que atuam com a formação humana, visando reflexões, desconstruções, entrelaçamentos, possibilidades de formação e atualizações. Velhos discursos, muitos já sem sentido para mim, após a inquietação promovida pela ambiência acadêmica.

Como diz Gianetti (2010), -Rara é a vida sem um divisor de águas: um marco, um evento que defina *um antes e um depois* (p. 14). A minha experiência com o FEP, é um desses -um antes e um depois. Sua presença em minha vida nutriu o espanto diante de questões cotidianas, levou-me a questionar argumentos, antes quase sagrados.

Uma prática vinda da formação sindical, os registros passaram a se intensificar, anoto tudo: falas, descrições dos espaços, pessoas, reflexões, experiências... Avalio de diferentes formas alguns procedimentos até então naturalizados por mim no cotidiano sindical. Desentendo-me com quem antes era minha mentora e líder, saio da administração da FETRAB e retorno à sala de aula.

Lembro-me da última atividade que organizei naquele início de ano, -Café político sindical: avaliação conjuntural do cenário brasileiro de 2015, o que, sem dúvidas, já foi ressonância do FEP. Desde o espaço escolhido para a atividade – a Aliança Francesa, pela beleza e aconchego do lugar – até os livros espalhados, a disposição das cadeiras e mesas, o café e os palestrantes de áreas distintas: um professor de política, uma sindicalista e um economista. A atividade foi incrível, com gosto de café e FEP. Contudo, ao seu final, em conversa com a coordenadora geral da entidade, percebi que já não podia me prender aquele mundo, então, decidi sair da administração da Federação e voltar à regência de classe.

Foi um momento difícil, afastada do chão da escola pública durante oito anos, senti-me insegura. Teria que encontrar uma escola para trabalhar em um momento difícil, onde poucas vagas existiam para professores excedentes. A ansiedade quase me mata nessa época. Frustrada, o país em turbulência com o prenúncio do *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff. Era como se toda a minha vida dedicada ao movimento dos trabalhadores tivesse sido totalmente em vão. Já não me reconhecia naquele espaço, com aqueles discursos, ao mesmo tempo em que aquele era meu mundo, minha vida.

Em março de 2015 comecei a peregrinação na SEC, buscando vaga para lecionar. Havia perdido a minha carga horária no Colégio Luís Viana, localizado em Brotas, ao sair para exercício do mandato sindical. Por sorte, ou por força das contingências, fui trabalhar em dois dos mais conhecidos colégios da cidade de Salvador: Colégio Estadual Odorico Tavares e Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, espaços/tempo que ressoam um pouco do a-com-tecer do FEP.

## **Narrativas em sala de aula – com ela eu conto...**

Destacar uma formação fundada na experiência foi algo que apreendi no grupo de pesquisa ao qual me integro, o FEP. Vivendo acontecimentos cotidianos, rememorando-os e refletindo sobre eles nos formamos. Concepção que carrego comigo e que sutilmente reverbera nas unidades escolares em que atuo. A discussão sobre o conceito de experiência eu conheci após ingressar no FEP e participar do II Seminário Sobre Formação em Exercício de Professores – II SEMFEP<sup>33</sup>, em 2012, que teve como eixo temático *Formação de professores em exercício: cenários contemporâneos*. O evento ocorreu na reitoria da UFBA, era o primeiro daquela magnitude que eu participei, após algum tempo. Lembro-me que fiquei extasiada.

O salão nobre da reitoria, com seu ar magnânimo e nostálgico, abrigou professoras da Educação Básica de diversas regiões da Bahia, observei. Fomos recepcionadas com contação de histórias, feita por Keu Apoema, algo que me reconectou com minhas próprias histórias tecidas no mundo rural onde o tempo passa devagarinho, possibilitando viver aprendizados, como ouvir e conhecer os diversos tipos de pássaros, nomeando-os, identificando-os, descrevendo as cores de suas penas, hábitos e cantos como fazia minha avó. Bem diferente do que hoje vivo e aprecio a pressa da vida urbana contemporânea.

A narrativa de Keu Apoema, carregada de tons e gestos, foi um convite ao encontro com Larrosa, tecido pouco depois, que nos prendeu em sua teia de imagens e argumentos sobre a educação e a gana de viver, tema mais que apropriado para mim naquele momento. Fazia pouco tempo que havíamos enfrentado uma greve na rede estadual, com duração de 115 dias. Por ter participado do seu calendário de atividades e integrado o comando da greve, enquanto representante das professoras e professores do bairro de Brotas, o cansaço, frustração e angústia ainda me dominavam.

Portanto, aquela era uma noite especial, trazia alegria para minha alma, fatigada e triste. Após aquele encontro, curiosa dos estudos empreendidos pelo FEP, e desejando ler Larrosa, requeri ajuda a Élica Paiva, hoje doutora e pesquisadora do FEP, que solicitamente encaminhou seus arquivos com aportes

---

<sup>33</sup> Seminário desenvolvido pelo FEP que discute a formação de professores em exercício

teóricos para meu acervo inicial de leitura. Dentre os textos enviados, *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*, de Larrosa (2002), fisgou-me.

Com uma breve introdução em que discute sobre o poder das palavras, o mundo enquanto linguagem, e nós, seus integrantes presos em suas poderosas teias, o autor inicia o texto. Dependemos das palavras para darmos sentidos ao mundo com qual nos relacionamos e vivemos, é o que podemos perceber com a leitura. Larrosa (2002) considera a experiência como aqueles acontecimentos vividos, que deixam marcas e nos tocam singularmente. Experiências tatuam conhecimentos que ficarão presos ao baú memória, cultivados e utilizados em situações vindouras. -O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarnall. (LARROSA, 2002, p. 27).

Observamos com Larrosa (2002, p. 19) que somos crias da formação moderna, -Quer dizer, um sujeito fabricado e manipulado pelos aparatos da informação e da opinião, um sujeito incapaz de experiênciall. Imersos na ligeireza do tempo contemporâneo, presos à circulação rápida de informações, vivemos poucas experiências, pois acaba faltando tempo para isso. Refletindo sobre o quase mecânico entrar e sair de sala de aula, reproduzindo informações, muitas já gravadas, mecanicamente, pelo exercício da repetição percebi a pertinência dos escritos desse autor que fui conhecer um pouco mais com a professora Roseli Sá e seus estudos das narrativas curriculares.

Vivemos poucas experiências com os jovens com que atuamos, com colegas docentes e demais membros da comunidade escolar das quais fazemos parte. Temos pressa para cumprirmos a extenuante carga horária nas escolas onde trabalhamos. Por outro lado, adolescentes do Ensino Médio também têm pressa devido a extensa demanda dos conteúdos exigidos para aprovação na escola e no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), com os cursinhos preparatórios paralelos ao ensino regular, estágios, trabalho... Falta tempo para as demandas da vida contemporânea. As nossas unhas, muitas vezes roídas, são prova disso.

## **Colégio Estadual Odorico Tavares: (re)inventando cenários com as narrativas autobiográficas**

Grávida do FEP voltei à regência em 2015 desejando viver experiências no cotidiano escolar, parindo as coisas que aprendi no FEP, que fecundadas, exerceram em mim um poder transformador. As narrativas autobiográficas, um dos estudos Fepeanos, aos poucos foram se inserindo em minha prática docente no Colégio Estadual Odorico Tavares, fomentando histórias e (re)criando cenários.

Fundado em 1994, no governo de Paulo Souto, contam que foi construído a pedido de Antônio Carlos Magalhães para atender à comunidade da classe média, moradora da redondeza, o Colégio Odorico Tavares é o espaço onde mais (re)crio, (re)invento e vivo experiências. Seu nome é em homenagem ao poeta e jornalista pernambucano, fã da Bahia, Odorico de Tavares. Contaram-me, recentemente, que nos seus bons tempos, há 25 anos, chegou a ter três mil alunos distribuídos em seus três turnos de funcionamento.

O Colégio atrai estudantes de Salvador e da região metropolitana, devido ao seu histórico de ter boa qualidade de ensino, e eu fiquei muito feliz ao ser encaminhada para este colégio. Está situado em uma das principais avenidas de Salvador, a Avenida Sete de Setembro, o Corredor da Vitória. Confesso que nunca vi o bairro tão bonito quanto no ano em que cheguei, quando logo cedo, às 7 horas da manhã, jovens vestidos de azul, sorridentes, alegres e sonoros surgiam de todos os cantos da cidade gingando, dando novos ares e belas matizes ao bairro. Dava gosto de ver o contagiante movimento e diversidade.

Contudo, fui perceber que nos oito anos fora da sala de aula, enquanto exercia o mandato sindical, o espaço físico das escolas continuava extremamente deteriorado, as péssimas condições de trabalho persistiam provocando adoecimento nos trabalhadores da educação e prejuízos no aprendizado do alunado. No que se refere à formação em exercício de professores, urge formação continuada que nos provoque e atraia.

Apropriar-me dos estudos das narrativas autobiográficas, compreendê-los, enquanto exercício fecundo a minha autoformação e dos estudantes com os quais atuo, foi essencial em meu regresso, para não sucumbir à loucura diante da

tormenta que me consumia naquele ano de 2015, com o prenúncio de mudanças em nossas vidas de trabalhadores em educação e estudantes da Escola Pública<sup>34</sup>.

Os trabalhos desenvolvidos com as narrativas curriculares permitem-me observar a importância dos saberes (auto) biográficos no currículo, a importância do conhecimento de si, as narrativas enquanto autoformação, o sentido formativo da narrativa.

Acredito que esse encontro com as narrativas foi essencial para que eu passasse a valorizar e explorar as histórias de vida, relatos de experiências do cotidiano rico em memórias coletivas, que era para mim o movimento sindical baiano onde atuava e hoje, as escolas estaduais em que exerço o labor docente. Abrir brechas no currículo do Ensino Médio via narrativas autobiográficas, ricas em memórias individuais e coletivas, tem deixado emergir histórias viscerais que me sacodem em um revival de fatos, sentimentos, emoções, tensões no desfilar dos 200 dias do calendário letivo. É intenso!

Era março de 2017, logo no primeiro horário, de uma quente manhã, lembro-me. Nós, professoras da Área de Ciências Humanas, estávamos envolvidas nos preparativos de um seminário para acontecer no dia 8, que objetivava discutir questões relacionadas às mulheres. A sala estava organizada com as cadeiras em círculo, como de costume. Comecei a provocar a discussão, trazendo o tema da violência sofrida pelas mulheres, e começaram a pipocar diversos tipos de argumentos:

- Mulher apanha porque gosta! – disse Gustavo.
- Por que não larga? – questionou Paulo.
- Mulher gosta de apanhar, professora! – diz Beatriz indignada.
- Lá na rua tem uma que todo mundo sabe que apanha! – reforçou Amanda.

E eu dizia:

– Não é assim... A violência contra mulher está vinculada à nossa história patriarcal, ao papel da mulher na sociedade brasileira... Enquanto boa parte da turma defendia os ditames misóginos, um estudante que estava de cabeça baixa e em silêncio, que mal pude ouvir, falou baixinho:

- Meu pai matou minha mãe... Meu pai matou minha mãe...

---

<sup>34</sup>Em 2016, instaurou-se no Brasil uma série de reformas que impactam a vida da comunidade escolar, a exemplo da Reforma do Ensino Médio, da Reforma Trabalhista e a implantação da BNCC.

O resto da turma não parecia acreditar que fosse verdade a afirmação. Eu perguntei:

– Vocês ouviram o que o colega de vocês disse?

Toda turma olhou para ele, que continuou:

– Não é brincadeira. Meu pai matou minha mãe, faz poucos anos.

Ele começou a contar toda a história com riqueza de detalhes, mostrando o abdômen transpassado por grossas cicatrizes, frutos de cirurgias decorrentes de problemas de saúde que ele teve em virtude do trauma sofrido durante toda a infância, marcada pela violência doméstica. Enquanto ele relatava a história, a turma permaneceu em silêncio absoluto. Só sua voz era ouvida. Um triste caso de violência contra uma mulher que resistiu, lutou, fugiu do agressor e foi morta por ele. O jovem garoto falou inclusive que passou mal no momento em que sua mãe era esfaqueada e morta pelo seu pai, em um ponto de ônibus quando ia para o hospital ficar com o filho caçula do casal que estava internado. Justificou a sensação, prenúncio da morte, pelo forte elo que tinha com sua mãe, a vítima.

O relato vivo e dramático por si só desconstruiu os argumentos anteriores, que afirmavam que a mulher poderia se adaptar a situações violentas. Quando nenhum argumento que eu utilizasse naquele momento poderia ter maior impacto do que aquele relato ouvido por todos nós durante a roda de conversa, na turma M3 do Colégio Odorico Tavares. Com olhos atentos e a respiração suspensa, os alunos e alunas fizeram comentários subsequentes que revelaram mais uma vez o poder da narrativa.

Histórias, discussões, reflexões e experiências, com as quais coletiva e individualmente somos formados, tornamo-nos o que somos no espaço profícuo das narrativas. Já nos diz a colega do FEP, Fabrízia Oliveira:

Apropriar-se e pensar a formação, focados em relatos autobiográficos, configura-se como fator preponderante para o entendimento das trajetórias formativas, uma vez que abordam as experiências vividas por cada indivíduo, só desvendando o que somos e o que queremos ser, é possível conhecer a própria historicidade e ressignificar conhecimentos e aprendizagens experienciais. (2010, p. 22).



## **Cenários de formação: tecendo formação com arte**

Cheguei ao Colégio Odorico Tavares em 2015, ávida por vivenciar com as turmas as experiências com linguagens artísticas recém-integradas a minha formação docente. Lá no FEP, a Arte tem morada, é voz na formação, experiência que transmuta e constitui a ciranda do cotidiano. E eu não poderia me furtar do prazer de vivenciar essas linguagens em meu processo formativo, junto aos jovens estudantes. Creio ser possível inventar estratégias ricas em linguagens artísticas para que possamos re(criar) cenários no cotidiano do Ensino Médio.

Discípula do FEP, mentor da concepção em que a formação a-com-tece na relação do encontro com o outro, com a natureza, com as máquinas, no dia a dia, horizontalmente, existindo nas experiências cotidianas e utilizando as diversas linguagens, inspiro meu fazer docente. Pude eu mesma sentir na pele o poder dessa formação. E no trabalho docente com estudantes do Ensino Médio, essa era a vivência eu queria experimentar.

Para fomentar o diálogo com as linguagens artísticas, elaboramos o *Projeto CEOT VIVO: tecendo uma escola socioambiental*, em parceria com o Grupo de Poesia Atuar e estudantes da UFBA, alguns deles ex-alunos do Colégio Odorico. Ofertamos oficinas de fotografia, poesia, teatro, dança, música e desenho, com inscrições feitas preliminarmente, definindo qual modalidade cada estudante gostaria de experimentar. Foi desenvolvido um cronograma de encontros que ocorreram durante os sábados letivos, de agosto a setembro de 2017.

As oficinas artísticas perpassaram o currículo de Sociologia, área em que atuo desde que regressei à regência em 2015 e o Projeto CEOT Vivo também que envolvia a Arte em sua construção. A beleza do momento ficou registrada na memória. Eu estava no primeiro andar do colégio, o que garantia uma visão privilegiada da escada de acesso à escola. Quando abriam os portões, às 7h20 min, todas as meninas e meninos lá estavam. Um mar azul em movimento, proporcionado pelo gingar de seus uniformes que têm essa cor. Cabelos cor-de-rosa, azuis, *black*, alisados, trançados e também carecas... Risos, alegria, olhos brilhantes, curiosos, cheios de expectativas pelo encontro, algo muito belo de se ver, sentir e viver. Minha sensação naquele momento era indescritível. Neste dia saímos do Colégio, perto das 13h., ávidos e aguçados, a conversa sobre o que tinha sido

vivido naquela manhã se estendeu pelo Corredor da Vitória, enquanto esperávamos os ônibus, cada qual para seu destino. Estávamos felizes.

O objetivo do projeto era pensar o conteúdo estudado na unidade através das diversas linguagens artísticas, culminando com Sarau e uma Exposição com o material produzido, envolvendo toda a comunidade escolar. Trabalhamos o tema do Meio Ambiente, eleito devido à precariedade das condições socioambientais da escola. O desejo em atrelarmos Ciência e Arte surge das leituras do FEP, que guiado pelo olhar de Heidegger em *A Origem da obra arte* (2019), introduz a Arte no currículo escolar. Segundo Heidegger, na obra de arte, põe-se em obra a verdade do ente. Pôr, significando erigir. A obra de arte abre à sua maneira o ser do ente. Acontece na obra esta abertura, a saber: o desocultar, ou seja, a verdade do ente. Na obra de arte, a verdade do ente pôs em obra na obra, argumenta o filósofo.

Entre as atividades realizadas, um dia muito especial, ficou guardado na memória, a ida ao Cinema do Museu Geográfico para assistir ao filme *-Lixo extraordinário*. Em um canto da sala eu observava cada expressão e reação diante do que estava sendo visto. No início do filme, algumas conversas paralelas, até o enredo se desenrolar, roubando nossa atenção. Silêncio, afagos, olhos marejados e grudados na tela... alegria e risos.

Após o filme fizemos uma discussão. O ambiente criado na sala do cinema causou uma sensação distinta da sala de aula, favorecendo a interação com a narrativa fílmica, alimentando ricas discussões sobre a sociedade, o meio ambiente e as nossas próprias vidas. Foi valioso perceber as diferentes interpretações dos e das estudantes do universo do filme. Como posso esquecer as conexões entre seu conteúdo e as discussões dos conceitos estudados durante a unidade em sala de aula, onde pesquisamos sobre meio ambiente, avaliando nossa comunidade escolar e propondo possíveis soluções para os problemas encontrados?

Tudo era vivo, colorido, forte, alegre e sensível. Memórias das nossas próprias histórias estavam entrelaçadas a nossa comunidade escolar, diagnosticada durante este trabalho como insalubre e nociva às nossas vidas, devido à grande quantidade de lixo existente nos espaços de circulação e lazer.

O evento vivenciado revela que a obra fílmica encanta com o jogo da objetividade das imagens e a subjetividade das próprias lembranças, como argumenta Rosane Vieira (2007), que na sociedade contemporânea devido a (oni) presença da cultura das mídias, somos cada vez mais espectadores de leitura

fílmica. Implicados por ela, nos deixamos envolver. A experiência fílmica descrita no Cinema do Museu Geográfico traduziu essa concepção defendida por Rosane Vieira em suas pesquisas. Maria Antonieta Tourinho e Rosane Vieira (2011) relatam sobre a experiência do cinema na escola e a necessidade de diálogo entre a educação e a linguagem fílmica, aqui representadas por este fragmento:

Nesse sentido, a utilização da obra fílmica na sala de aula pode proporcionar aos sujeitos do processo -ensino e aprendizagem, a possibilidade de se afastarem de uma prática meramente mecânica e repetitiva, longe das suas vivências, ao reproduzirem símbolos e conceitos vazios de significação. Como um texto na sala de aula, esse artefato artístico estimula formas de conhecimento que escapam à linearidade da linguagem, desenvolvendo a imaginação do educando. E usar o texto fílmico é o melhor exercício para a -alfabetização imagética. (TOURINHO; VIEIRA, 2011, p. 9).

Ao final do Projeto, cada uma das turmas envolvidas deveria apresentar uma proposta para minimizar os danos ambientais no colégio, apresentando ao final uma atividade cultural para compor a programação da I Mostra Socioambiental do Colégio Estadual Odorico Tavares. Impressionam a inventividade e a criatividade artística presente na juventude da escola pública. Trabalhos belíssimos envolvendo projetos de formação socioambiental para as demais turmas do colégio, reciclagem de lixo, campanha socioambiental, aulas de jardinagem, planejamento e execução de uma horta vertical, criação de canteiros com flores e ervas foram algumas das ações.

As propostas artísticas foram traduzidas em performance teatral, painéis e desenhos pintados com lápis carvão, recital de poesia, musicais de Rap, samba e rock apresentadas no -Sarau das Minas, organizado pela turma 2 do segundo ano. Sua organização durou mais de dois meses com toda a turma envolvida, realizando a produção do evento, criando desenhos, pinturas e colagens para construção do Sarau, muitas vezes avançando o turno seguinte, tal o envolvimento do alunado. Uma belíssima experiência plantada na memória. O Sarau foi o cenário para apresentação de poemas, dramatizações, músicas e danças desenvolvidas pelas turmas durante as oficinas artísticas programadas para o projeto. Um dos mais belos momentos vividos por mim no Colégio Odorico Tavares.

Dias mais tarde, com o FEP e participantes do IV Seminário Sobre Formação em Exercício de Professores (SEMFEP) voltava ao Cinema do Museu Geográfico

para discutir a ambiência universitária e a produção cinematográfica. Impossível não reviver a experiência de poucos dias atrás, naquele mesmo espaço com estudantes e colegas do Colégio Odorico Tavares, com quem ali estive. Rememorei falas, semblantes, expressões, era impossível não fazer relações entre as duas atividades, que se conectavam e ressoavam os tons do FEP, naquele seminário e vida de professora do Ensino Médio.

### Seminário sobre formação em exercício de professores (SEMFEP)

Ouvi, senti e me emocionei pelos momentos vividos, em tão curto tempo e em um mesmo espaço: a sala de Cinema do Museu Geológico, parceiro da Unidade Escolar Odorico Tavares e do SEMFEP. Momento que fez ater-me brevemente a contar sobre esse evento importante para nós, professores da educação básica. Um seminário que nos forma desde o seu planejamento, elaboração e avaliação, por ser arquitetado coletivamente, horizontalmente no estilo FEP de existir.

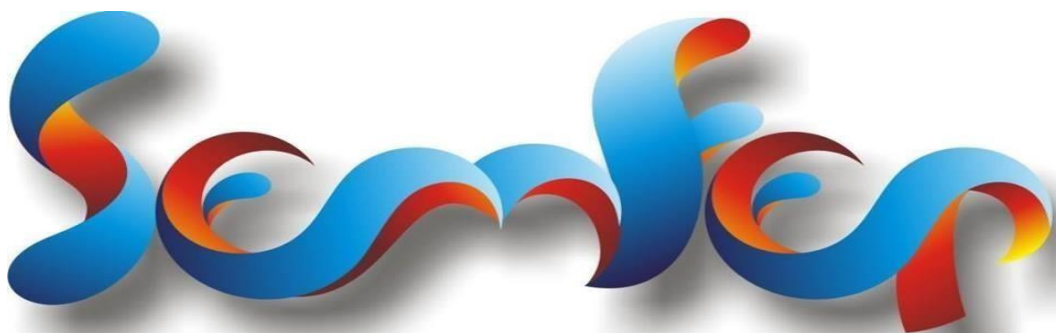
O SEMFEP, é a explosão da caldeira FEP. Um espaço para professores do ensino básico, pesquisadores de currículo de instituições de ensino superior do Brasil e do exterior, se encontram a fim de viverem experiências do mundo do currículo. Um espaço marcado pela Arte, pelas narrativas, em que o inquieto olhar sobre a escola pública e a formação de professores em exercício estão presentes num eclodir de acontecimentos encharcados de saberes, alegrias, emoções. Um a-com-tecer<sup>10</sup> que altera trajetórias, imprime marcas, volve vidas.

Percebo o SEMFEP enquanto obra de arte, talvez inspirada pelos argumentos de Heidegger quando diz:

Na medida que obra é obra, abre espaço para aquela amplidão. Abrir espaço quer dizer ao mesmo tempo: libertar o livre do aberto e instituir esse livre em seu conjunto de traços. A obra enquanto obra instala um mundo. Este in-stituir (Ein-richten), manifesta-se a partir do erigir (Er-richten). A obra enquanto obra instala um mundo. A obra mantém em aberto o aberto do mundo. (HEIDEGGER, 2019, p35)

Atada a essa concepção e na utilização de outras linguagens na tentativa de expressar o meu pensar, apresento o SEMFEP através de fotografias colhidas nesses oito anos com ele entrelaçada.

Marca do SEMFEP



II Seminário Sobre Formação em Exercício de Professores – II SEMFEP, como eixo temático  
Formação em exercício de professores: cenários contemporâneos (2012)



II Seminário Sobre Formação em Exercício de Professores – II SEMFEP, como eixo temático  
Formação em exercício de professores: cenários contemporâneos (2012)



III Seminário Sobre Formação em Exercício de Professores – III SEMFEP teve como eixo temático  
Formação em exercício de professores: relações entre Universidade e Escola (2014)



IV Seminário Sobre Formação em Exercício de Professores – IV SEMFEP teve como eixotemático Formação em exercício de professores: ambiência universitária e formação de professores. (2017



### **Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães: primeiros passos para o princípio do FEP em seu cotidiano**

Começo a ler sobre a BNCC e reflito sobre ela e as recentes experiências para sua implantação no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães. Rememoro encontros, discussões do FEP sobre currículo e formação. A escrita perde forças, não dá conta de expressar a angústia diante do cotidiano enfrentado por nós professoras e professores, que sequer dominamos com propriedade o conceito de currículo, e vem a proposta para reformulá-lo. Frustrada, padeço. A cabeça explode em dor, a escrita perde o ritmo, agoniza, despertando o mostro da ansiedade. A fome passa, passam as horas e escrita fenece em meio ao espaço-tempo de uma sala poente, em um dia quente do verão baiano.

Mas, naquela tarde de calor quase sufocante, em fevereiro de 2019, uma chamada de vídeo feita por Gabriel, meu sobrinho de 6 anos, tira-me da fatigante agonia desencadeada pelas reflexões tecidas sobre o FEP, a BNCC, a formação e nós, que damos vida a essa secular instituição social que é a escola. Gabriel sequer fala comigo, passa o celular para as mãos trêmulas de minha mãe, converso com ela através da imagem oscilante, ela sofre com o Mal de Parkinson.

– Como está o estudo?

É primeira pergunta, vem antes de me abençoar. Ela sempre faz isso, acompanha minha empreitada pelo mundo acadêmico e sabe que no momento sou escrava da escrita autobiográfica. Sua força, temperança e ousadia para manter acesa nossa incursão na universidade me impressionam. Através do zoom trêmulo do celular, acompanho seus passos até o cantinho onde ela cultiva suas plantas, dá para ver o brilho viçoso, o verde cuidadosamente regado por ela. O meu peito se encheu de uma enorme saudade.

Após alguns minutos proseando, ela consegue me animar um pouco com suas histórias. Venho dando atenção a esses momentos em que junto com minha mãe rego minha memória através das histórias de outrora. O tempo parece correr lentamente nesses -encontros|. Permito-me vagabundear, -perdendo tempo, vagando em narrativas, e credito isso à minha itinerância no FEP, aos estudos sobre experiência, de Larrosa (2009) e a pesquisadoras do grupo, como Roseli Sá, Inez Carvalho e Márcea Sales.

Após desligar o celular, levanto-me, coloco a água do café no fogo. Preparo-o. Bebo uma, duas... algumas canecas. Retomo os estudos, caminhando para os últimos relatos a serem contados nesta escrita.

### **Implantação da BNCC no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães**

O Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, localizado na Avenida San Martim, atende a jovens estudantes do Ensino Médio de diversas localidades, sobretudo dos bairros circunvizinhos. Foi fundado por Antônio Carlos Magalhães em 1999, em homenagem a seu filho, o então deputado Luís Eduardo Magalhães – falecido abruptamente em 20 de abril do ano anterior.

Contam colegas, que ali lecionam desde sua inauguração, que seu projeto inicial era se tornar um modelo em formação para o Ensino Médio. Foram selecionados os primeiros colocados em um concurso para professor, realizado na época para trabalhar na instituição recém-inaugurada. Para tanto, antes sobrevinham uma formação específica no Instituto Anísio Teixeira.

O Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, portanto, foi pensado para oferecer uma educação de excelência. Tinha uma estrutura física diferenciada, acessibilidade, salas climatizadas e seus professores viviam em permanente



formação. Isso mudou, já não temos mais a possibilidade de uma formação diferenciada dos demais professores como antes, seguimos com a formação ofertada a todos os demais professores da rede estadual.

E por falar em formação, passei por duas formações ofertadas pela Secretaria Estadual de Educação do Estado da Bahia-SEC-BA, desde que retornei à regência. A primeira em 2015, com o Curso de Extensão em Tecnologias Educacionais (Cate 2), elaborado pela UNEB, visando um currículo para atender ao uso das Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação, por parte dos professores. Li bons textos sobre o uso das TIC no cotidiano escolar, porém, havia um problema: não existiam recursos disponibilizados na escola necessários a aplicação das atividades propostas, as avaliações eram pífias e antes das questões serem lançadas no ambiente virtual de aprendizagem, as respostas já circulavam via mensagens de *whatsApp*.

O segundo curso, iniciado em agosto de 2018, foi inusitado, pois não consegui acessar o ambiente virtual de aprendizagem. Após inúmeras ligações para SEC, descobri que fui reprovada no primeiro curso, o CAT 2. Como assim, se completei o conteúdo e fiz as avaliações? Simplesmente não souberam responder. Três meses de repetidas ligações e maus tratos, eu -era eu uma professora reprovada. Descobri através da UFBA – parceira do projeto por ceder o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) – que se tratava de um erro da SEC. Trocaram meus dados com o de outra professora, que de fato não frequentou o curso. Bloqueada no módulo, padeci para resolver o problema, foram meses de exaustivas ligações e e-mails enviados. A SEC sequer diagnosticou o problema e não propôs uma solução.

Considerada professora faltosa e reprovada, fui humilhada e corri o risco de ter a progressão na carreira do magistério estadual prejudicada. A história revela que o Estado, através da SEC, encontra-se distante do espírito do tempo das conexões e cruzamentos de dados, das tecnologias de informação contemporâneas, algo que propunha na formação.

Resolvido o problema, consegui acessar o curso *Uso Pedagógico de Tecnologias Educacionais* (UPTE), quando ele já estava em sua etapa final, faltando três dias para conclusão. Entrei no ambiente virtual de aprendizagem e surtei. Me vi às 11 horas na Praça do Imbuí, onde resido, junto com uma amiga conversando sobre formação e o absurdo do tal curso que iniciava com uma vídeo-aula apresentando o *Google Chrome*. Um tutorial composto por vídeos em que um jovem

instrutor nos ensina a marcar sites na barra de favoritos, construir um perfil, fazer agenda, acessar o *Google drive*... A cerveja ajudou a acalmar a tormenta. Consegui dormir.

O curso se resumiu a isso: usar ferramentas do Google. Foi angustiante a experiência vivida em um fim de semana, debruçada em vídeos tutoriais, mostrando execuções de tarefas e avaliações fundadas em uma repetição mecânica, revelando que a formação oferecida pelo Estado da Bahia ainda está presa a modelos positivistas, deslocado do cotidiano, indiferente as nossas experiências de professores.

Talvez pela sua memória coletiva, suas histórias e uma gestão composta de professores herdeiros de sua missão original: qualidade de ensino, o Colégio Modelo Luiz Eduardo consegue atrair estudantes para o funcionamento noturno, o que atualmente é raro na rede estadual. A unidade escolar possui uma estrutura física preservada, limpa, com salas amplas, algumas climatizadas. Sofre com a escassez de recursos didáticos, típico da rede pública, mas conta com uma estrutura mínima de tecnologias assistivas educacionais, o que nos permitem atuar com menos padecimento do que em outras unidades escolares em que já trabalhei.

Acredito que esse perfil acima descrito, raro em minha memória de professora, justifica sua eleição para ser projeto piloto na implantação da BNCC no Estado da Bahia. Lá trabalho à noite, com um público composto por jovens e adultos trabalhadores. Atenho-me ao cuidado de trazer discussões sobre os conteúdos da Sociologia, relacionando-os com as nossas experiências cotidianas. Os encontros absorvem boas discussões, mas não fazíamos uso das artes, mudança necessária ocorrida em 2019, através do trabalho *História de Vida e formação: experiência e memória na construção do saber*. Os encontros com a poesia, fotografia, teatro, desenho, música e cinema estão em curso para uma turma de trinta estudantes e uma professora que regressa às suas memórias, conhecimentos.

A angústia diante das mudanças em curso no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, objetivando atender à implantação da BNCC, documento de caráter normativo que define o conjunto de aprendizados essenciais que os estudantes da Educação Básica precisam desenvolver ao final dos seus estudos, sem formação para os professores em exercício, apoquentada, entristece. Amparada pela Lei de Diretrizes e bases da educação (LDB) de 1996 e pelo Plano Nacional de Educação

(PNE) de 2014, a BNCC integra a nova política para Educação Básica, fundada no desenvolvimento das competências e habilidades.

As competências gerais da Educação Básica são dez, que articulam a formação de atitudes e valores na construção do conhecimento e no desenvolvimento das habilidades, como prega a LDB. São muitas mudanças previstas, mas nenhuma formação para nós professoras e professores, que venha a somar em nossas atualizações. Temos a hercúlea tarefa de formatar o projeto, planejar itinerários formativos, ações pedagógicas para seu desenvolvimento, execução, avaliação, re-formular um currículo que ofereça uma formação significativa e contextualizada. Sendo o Colégio Modelo Luís Eduardo projeto piloto da implantação da BNCC, não temos outras referências, estamos parindo o experimento como mães e pais em suas primeiras viagens. Um a-com-tecer fecundo em novidades.

Nós, professoras e professores, percebemos a necessidade de pensarmos outra formação, de criarmos estratégias de ensino. Mas como elaborar isso, se estamos atados aos velhos modelos? Como empreender tamanha odisséia sem outra formação que nos fundamente para tanto? O que pensam professoras e professores sobre o currículo escolar de sua escola? Nós professores pensamos sobre o currículo no qual estamos imersos? O que compreendemos de currículo escolar para re-formularmos o nosso? Estamos na encruzilhada de um problema, e tudo isso dá uma boa discussão.

Lá em 2009, lembro-me que não compreendia o que era currículo, e ficava confusa. Que negócio era aquele tão abstrato e importante que eu tanto ouvia falar em minhas idas à FAGED? Hoje, já passados dez anos, oito deles no FEP, rememoro encontros, discussões e experiências em seminários e outros eventos que discutem currículo e formação, diálogos com integrantes do grupo de pesquisa e com outros professores, colegas de profissão, e percebo currículo como processo, itinerância, experiência, errância, caminhos, cotidiano, cenário, vida.

Currículo é a contextualização de conhecimentos, trazendo a vida do educando para o centro da formação, como nos inspira Marie-Christine Josso (2004), em *Histórias de vida e formação*. Vivo no FEP o currículo fruto da uma construção individual e coletiva. Currículo como cenário, em que imaginação e invenção são bem-vindas para (re)inventar, suplantar e (re)criar conhecimentos. Currículo enquanto identidade, autonomia, memória, incerteza, complexidade, devir.

Fomentado na experiência, quando tocados, conectados a outras possibilidades e atualizações, mudamos no volver incessante e provisório da vida.

Roseli Sá (2010) traz para ciranda do currículo a ideia das possibilidades e atualizações. Tendo como aporte a concepção de Heidegger (1998), em que o mundo se expõe enquanto abertura e nós, seres em movimentos, comportamo-nos e existimos nos relacionando com ele. Somos seres imersos em um mundo de possibilidades, em contínuo movimento. O ser no mundo, fundamento do *dasein* (HEIDEGGER, 2005), é a relação ser-mundo, existente na tensão emergir-mergir no mundo, continuamente o compreendermos, interpretamos, desvelamos, ocultamos. -Dessa forma, o homem não pode ser o ente que é, senão encarnado no mundo, em contínua comunhão com outros entesll (SÁ, 2010, p. 45).

Essa discussão nos pertence, o currículo é pensado enquanto movimento. Construímos conhecimentos, configuramos nossa existência na relação do ser encarnado em um mundo rico em possibilidades, mas pobre em atualizações.

Tudo isso veio à mente quando estava reunida com meus colegas da área de Ciências Humanas em uma quarta-feira, às vésperas do carnaval de 2019 no Colégio Modelo Luís Eduardo tencionando (re)criar cenários. Levei um caderno grosso, seriam muitas anotações a fazer, pensei. Atentei-me a Clifford Geertz (2008), em seu capítulo primeiro, *Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*, referência adquirida nos encontros com o professor Roberto Sidnei, durante o curso *Abordagens e técnicas de pesquisa em educação*, quando lemos *Um Rigor Outro: sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa* (MACEDO; GALEFFI; PIMENTEL, 2009) e mergulhamos em discussões e orientações metodológicas. Percebo, agora, que as anotações ganham mais um sentido, de registro antropológico, metodológico.

Pelo empenho da equipe gestora e corpo docente, creio que sairá um documento, um projeto piloto pensado para dar vida ao novo Ensino Médio na Bahia, projetado para ocorrer em 2020 no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, caso o Ministério de Educação ( MEC) dê continuidade à política da BNCC. Haverá o esforço coletivo dos docentes para mudar aqui e ali a estratégia de ensino, sabemos que precisamos propor algo novo. A apatia dos estudantes durante as nossas aulas é prova da necessária mudança. Mas não é tão fácil, lembrando a nossa discussão sobre memória, precisamos desaprender, esquecer alguns hábitos. A formação cartesiana de quem somos herdeiros, ditada pelos modelos,

descontextualizados da vida, da história, da memória ainda é muito presente em nós.

Precisamos desse repouso na consciência que segundo a pesquisadora do FEP, Fabrízia Pires Oliveira (2010), é momento através do qual libera o que fora experimentado e vivenciado, permitindo que a novidade, que o fluxo possa também ser vivido, que possa surgir, por sua vez, o novo.

Creio que aí está uma das potências do FEP, ele desconstrói, quebra nossos fundamentos fortes. O contraditório está em seu cerne. Imprevisibilidade, errância, diferenças, morte, vida, começo, recomeço, são palavras que correm em suas artérias e veias. É corriqueiro ouvir a professora Inez Carvalho falar sobre as contingências, emergências, provisoriedade, concepções e noções menos finalistas, menos totalizantes. Algo que tem contribuído no sentido de fomentar outro olhar para os dramas da minha vida cotidiana. Com angústia, um professor disse durante o último encontro pedagógico:

– Precisamos de outros paradigmas!

Eu diria que as concepções dos estudos sobre formação, encampadas pelo FEP, seriam bem acolhidas se concretizadas em nossas vidas. O estudo da Professora Márcea Sales (2009), *A arquitetura do desejo de aprender* (2009), alude sobre isso: aprender a aprender, no sentido de estabelecermos relações de autonomia. Pairando sobre minha história de formação, refletindo sobre ela, percebo que a vida docente tecida no ambiente acadêmico, reverbera no cotidiano escolar. Este pertencimento é potencialmente criado através da relação da professora do Ensino Médio com universidade, através de sua intersecção com um grupo de pesquisa e extensão em educação. Precisamos aprender a desaprender, para só assim inovar, (re)criar, e o enlaçamento com instituições, grupos e atividades que discutam currículo e formação docente, fundamental.

Após as discussões durante a semana pedagógica, as reuniões nas atividades complementares (AC) e o encontro na véspera do último carnaval, a comunidade docente do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães elaborou o projeto, onde teremos experiências com itinerários formativos, conforme requeridos para implantação da BNCC em 2020. Debruçamo-nos sobre planilhas e ideias, conversamos sobre a proposta que nos foi feita e, por fim, elaboramos um documento chamado Plano de Flexibilização, constando o itinerário da área de humanas, o planejamento de recursos, espaços e ações para sua concretização.

Juventude, Diversidade e Empoderamento foi o eixo definido pela área de Ciências Humanas para acenarmos para a reestruturação curricular em curso. Argumentando sobre a importância da memória, histórias de vida e experiência na formação, propus a inserção dentro do itinerário do eixo *História de vida e formação: experiência e memória na construção do saber*, que tem por objetivo trabalhar com narrativas autobiográficas como potencial formativo, algo vivido por mim no percurso em que gravito em torno do FEP – uma coisa nesse grupo é peculiar, acende a curiosidade sobre o próprio fazer docente.

Assim, retornando à sala de aula, esforço-me para acompanhar as mudanças que vem ocorrendo no Ensino Médio, meu âmbito de trabalho. Participei de alguns encontros promovidos para discutir a BNCC, realizados pela UFBA e pela UNEB em 2018. Compreender o que vem acontecendo possibilita um mínimo de serenidade para não adoecer ainda mais. Refiro-me à compreensão que vai além do entendimento imediato das coisas, a que mergulha mais fundo, em busca de produzir mudanças e transmutações:

Volto à professora Roseli Sá, com seus estudos em Heidegger. Existe um mundo instituído, em constante movimento, rico em possibilidades o qual nos cabe compreendê-lo ao tempo em que somos compreendidos por ele. -Trazendo para o mundo do currículo, diríamos que o mundo do currículo é um mundo de referências, todas elas atuando como possibilidades de atualizações e com isso de experiências formativas (SÁ, 2010, p. 55).

Nesse cenário que é minha vida, junto a outras tantas vidas de professores e estudantes, fruto de escolhas, caminhos, errâncias, sombras, imprevisibilidade, roteiros, acertos, erros, mortes, luto, contingências, emergências, o FEP e suas leituras possuem um enorme valor, pois reúnem experiências ricas em múltiplas possibilidades, das quais emergem atualizações fundamentais em minha busca pela compreensão da bela tormenta que é o cotidiano escolar, reflexo da vida que é permutada por alegrias, angústias e tristezas. Como disse Ana Paula Moreira (2009, p. 40): -de experiência em experiência, cada um torna-se o que é. As experiências nos levam ali e acolá; no presente, passado e futuro.

## **Pesquiso-me...**

Debruçada sobre o baú das minhas memórias para encontrar imagens necessárias ao alimento da escrita autobiográfica, em que pretendi narrar minha experiência atrelada a um grupo de pesquisa, revivi o tecer da vida. Imagens desfilaram coloridas, cinzas, opacas, brilhantes. Algumas supostamente esquecidas, sob a luz do cultivo audacioso empreendido surgiram, fazendo sofrer, mergulhar em dores. Outras recordaram episódios, marcos definitivos em minha vida, mudanças de rota, de rumos... Eclodi delas. Como diz a professora Ana Paula Feitosa: -Dessa maneira, em vez da simples reflexão, utilizar a Memória para narrar, significou transmutar experiências, combinar, comprimir, exagerar e destilar o passado (FEITOSA, 2005, p. 17).

Refletindo sobre o cotidiano de minha formação, indago a formação docente solenizada no bojo de um grupo de pesquisa que celebra a Filosofia, a Arte e a experiência no currículo da formação em exercício de professores. Refletindo, percebo ser essencial para minha vida profissional estar conectada à pesquisa e à extensão, voltadas para o estudo de currículo e formação. Currículo vivo, enquanto processo social, urgido no espaço concreto da escola é a tônica do FEP, essência herdada do pensamento de Teresinha Fróes, cujos estudos e experiências fomentaram a criação do grupo, como pode ser compreendido através dos textos: *Itinerâncias de uma linha de pesquisa em currículo* (SÁ, 2018) e *A-com-tecer do FEP contado em drops* (CARVALHO; SANTOS, 2018).

Retorno a tese da professora Márcea Sales (2009), em que considera a experiência da formação docente do Projeto Irecê. Tecendo descrições detalhadas sobre o currículo experimentado na Licenciatura no referido município, a autora apresenta a dimensão hipertextual do currículo, o currículo em rede re-construído permanentemente no trabalho de formação e nas diversas linguagens que amparam a formação naquela cidade. Uma descrição argumentativa apurada nos leva a refletir sobre o professor assumir o lugar de ator e autor de suas ações. Ao lê-la, é interessante observar-me arquiteta de mim, autora de minha própria história, tecida na imprevisibilidade, nas diferenças e singularidades de minha formação.

Atrelando sua pesquisa com a pesquisa do meu percurso formativo, percebi que vivi no FEP o Ciclo de Aprendizagens<sup>35</sup>, experimentado no Projeto Irecê, descrito por Sales, Sá, Santos e Carvalho. Conversando com Sales (2009), relacionando seu texto com o recente exercício da escrita autobiográfica, em que tocada sou outra, saliento a importância desse labor para lembrar/refletir sobre as experiências, em nossa incessante e inconstante mutação, em que como atores de nossas vidas, vamos produzindo o roteiro dessa novela chamada formação.

Sobre esses acontecimentos, inerentes à pesquisa, conta-nos o professor Roberto Sidnei, em *A pesquisa e o acontecimento: compreender situações, experiências e saberes acontecimentais* (2016). Encontrei esse escrito vasculhando entre livros, um achado, todo grifado, anotado, marcado, levou-me a *Trabalho da citação* (COMPAGNON, 1996). São escritos que me guiaram a concepções que ajudam a compreender o que vivi, quando debrucei sobre mim, minhas anotações, livros, textos e fotos, tive a rota desviada, finalizei histórias, ressuscitei memórias, encerrei ciclos, percorri caminhos. Percebi que a pesquisa é emergência, contingência, imprevisibilidade. É algo vivo que a-com-tece no cotidiano, -num caminho que só se faz ao caminhá-lo, emergindo daí encontros e encontrões, errâncias, aventuras, pensadas e intempestivas<sup>ll</sup> (MACEDO, 2016 p. 21). Como nos diz Chico Cezar (2017):

Caminho se conhece andando  
Então vez em quando é bom se perder  
Perdido fica perguntando  
Vai só procurando  
E acha sem saber  
Perigo é se encontrar perdido  
Deixar sem ter sido  
Não olhar, não ver.

A viagem recém-empreendida na pesquisa, em que voltei a atenção para mim mesma, vasculhando memórias, bebendo o chorume do passado, que mesmo com odor desagradável, contribuiu para a experiência da reflexão, base para essa escrita, para a leitura do mundo e de mim mesma, fez-me perceber a importância de uma formação experiencial, vivida por todos os sentidos. Podemos acrescentar,

<sup>35</sup>O Projeto Irecê teve sua atenção voltada para o currículo aprendente, dando origem a uma proposta curricular de aprendizagem em rede, desenvolvendo-se em ciclos de aprendizagem (semestres letivos), segundo a professora Márcea Sales (2009).



ainda, que a experiência institui uma memória incorporada, ou seja, o corpo cria e, ao mesmo tempo, é habitado pela experiência (MACEDO, 2006, p. 46).

No percurso da pesquisa alimentada pelos acontecimentos, as narrativas autobiográficas e as descrições densas foram fundantes, no sentido de registrar o vivido, captar o espaço-tempo, registros da memória individual e coletiva, usando para tanto o *Outro Rigor*, escrito em que professor Dante Galeffi salienta:

Outro rigor é a ciência do acontecimento: o rigor do acontecimento. Um rigor com acontecimento. Não é rigor qualquer. A rigor é o rigor em sua polivalência criadora e em sua implicação afetiva com o mundo da vida em toda sua amplitude. (2009, p. 15)

Nesse caminho que vamos seguindo no FEP, compreendendo a pesquisa enquanto implicação, onde pesquisamos o que somos, o que vivemos, algo pulsante que se debruça sobre o cotidiano. Acontecimentos passados tornam-se presentes quando rememorados. Ao ressuscitar eventos enterrados nos labirintos do Castelo da Deusa Memória, compreendemos um pouco mais de nós mesmos e das histórias que nos constituem. Como diz professora Márcea Sales (2009, p. 38): -a escrita memorialística nos permite interpretar o mundo a partir de nossas experiências. Em minha vida iniciou-se intensamente em 2017, com o início da escrita do Memorial para a qualificação. Não esqueço o mutirão de lembranças desenterradas, renascidas em imagens vivas, impregnadas de cores, cheiros e sabores. Mudanças foram tantas e tamanhas, como nunca ousei imaginar, a exemplo do meu desligamento do ativismo sindical.

Cheguei em 2017 como aluna regular do Mestrado em Educação, apresentando-me como sindicalista carregada de fortes fundamentos, tendo uma -itinerância ligada aos fiéis descendentes do tempo (CARVALHO; SANTOS, 2018), ao final deste curso e desta escrita, percebo-me professora pesquisadora, integrante do FEP, em sua primeira aventura na pesquisa em educação. Sobre escrita memorialística, nos diz Fabrícia Pires de Oliveira:

O processo de formação do professor a partir de produções de memórias legitima o lugar de sujeito do conhecimento que deve ser assumido por esse professor. O trabalho com memoriais possibilita também ao professor relatar os fatos vividos por ele mesmo, perceber-se muitas vezes na sua reconstrução e na trajetória percorrida, dando-lhe novos significados. (OLIVEIRA, 2010, p. 30).

Assim como as cursistas do Projeto Irecê, cuja formação foi densamente descrita por Márcea Sales, -percebo-me uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos|| (LARROSA, 2009, p 24) dos eventos imaginados pelo FEP. Olhando para o passado, capturando-o no presente, observo-me cobiada de outra formação quando, quase imperceptivelmente fios são cosidos, em que ao modo que tecemos somos tecidas, remendadas e costuradas. Eu, arquiteta de mim mesma, sou casa edificada nas relações, como defende a formação proposta no Projeto Irecê, no FEP e em suas pesquisas.

As propostas artísticas foram traduzidas em performance teatral, painéis e desenhos pintados com lápis carvão, recital de poesia, musicais de Rap, samba e rock apresentadas no -Sarau das Minas



I Mostra Socioambiental do Colégio Estadual Odorico Tavares



I Mostra Socioambiental do Colégio Estadual Odorico Tavares



## Últimos narrares... (re)começos

Era uma luz, um clarão.  
 Um insight num blecaute.  
 Éramos nós sem ação,  
 Como quem vai a nocaute.  
 Era uma revelação  
 E era também um segredo;  
 Era sem explicação,  
 Sem palavras e sem medo  
 Era uma contemplação  
 Como com lente que aumenta;  
 Era o espaço em expansão  
 E o tempo em câmara lenta.  
 Era tudo em comunhão  
 Com o um e tudo à solta;  
 Era uma outra visão  
 Das coisas à nossa volta  
 E as coisas eram as coisas:  
 A folha, a flor e o grão,  
 [...]

Era como se as víssemos  
 Entrando nelas então,  
 Com sentidos agudíssimos  
 Desvelando seu desvão,  
 Indo por entre, por dentro,  
 Aprendendo a apreensão  
 [...]

Um signo sem tradução  
 No plano léxico-semântico;  
 Enigma, contradição  
 No nível de um campo quântico  
 Era qual uma visão  
 De um milagre microscópico,  
 Do infinito num botão,  
 E em ritmo caleidoscópico,  
 Ciclos de aniquilação  
 E criação sucessiva,  
 Átomos em mutação,  
 [...]

Até que ponto resistem  
 A lógica e a razão,  
 Já que nas coisas existem  
 Coisas que existem e não?  
 O que dizer do indizível,  
 Se é preciso precisão,  
 Pra quem crê no que é incrível  
 Não devanear em vão  
 [...]

E as coisas aquela vez  
 Eram qual foram e são,  
 Só que tínhamos os pés  
 Um tanto fora do chão.

Chico César

Uma caldeira, onde tudo se mistura numa explosão de a-com-teceres tramando-me em um volver contínuo. Uma caldeira que ata as diferenças e particularidades. -Palco dos sonhos mais loucos; Doce o caldo derramado deste engenho; O frio afoga em chama; semeia em meus campos as tuas sementes; Sábios de seus beijos; Preenche minha aldeia; Cantos de receber e darll, metáforas dos versos de Chico Cesar (2015), usadas para traduzir aqui minha intensa relação tecida com o FEP.

Um dos últimos temas que li refere-se à aguçada discussão sobre a ampliação da esfera de presença na formação de professores, empreendida pelo FEP, através da leitura do Memorial da professora Inez Carvalho (2018), *De volta para o futuro: em busca do tempo espaço perdido nas lembranças*. De lá fui encontrar Ana Paula Moreira Santos (2011), em *A experiência na formação, a formação na experiência e a ampliação da esfera de presença*, lembrei-me de quando retornei à regência em 2015, já outra professora, perpassada pelo entrelaçamento junto ao FEP, cuja caldeira se revela pelos versos do poema -Experiencial, Chico Cesar (2003), citado neste capítulo.

Trazia na bagagem o olhar curioso, inquieto, o espanto da Filosofia para fomentar debates cotidianos e a Arte como cor a tingir o opaco das paredes outrora brancas, sujas e riscadas que nos cercavam no Colégio Estadual Odorico Tavares. Impossível não fazer uma relação com a leitura de Santos (2011) e finalizar com sua referência, pois, ao lê-la, pude compreender o sucedido em mim, durante esse percurso de oito anos junto ao FEP. Vivi outra experiência inusitada.

Valendo-se, sobretudo de Dewey e Larrosa, Ana Paula Moreira Santos (2011) analisa os conceitos de experiência e formação, ao desfilarmos pelos ciclos formativos do Projeto Irecê, refletindo sobre a relação entre formação, experiência e ampliação da esfera de presença na formação de professores, argumentando sobre a ideia de formação como processo e produto. Ao lê-lo, percebi que, sutilmente, os vivi, apreendi-me nessa transformação paulatina, processual, gradativa, nas leituras e tessituras junto ao FEP. A pesquisadora do FEP nos diz que descobrir o prazer nas coisas e o gosto pela curiosidade se constitui como essenciais na ampliação da esfera da presença, e, sim, podem ser cultivados em uma formação. Leiamos:

A ampliação só se consegue com a capacidade de discernir entre uma coisa e outra, entre o que pode ampliar e o que pode amarrar, entre o que pode impulsionar e o que pode atrasar, fazer regredir. E a fonte dessa especificação é justamente o gosto; e, aqui, acho válido repetir o entendimento de Montesquieu sobre gosto: -a vantagem de descobrir com sutileza e presteza a medida do prazer que cada coisa deve dar aos homens. Então, a experiência do prazer e do desprazer é fundamental para o desenvolvimento do gosto. Gosto não se discute, como bem afirma a sabedoria popular; mas não é algo inato, muito pelo contrário, é algo formado. (SANTOS, 2011, p. 50).

A experiência e a curiosidade são evocadas por Larrosa (2009), ao relatar sobre a novela da formação, excursão única que empreendemos -como se chega a ser o que se é (p. 38), algo em devir, em movimento, -uma viagem tortuosa e ariscada, sempre singular que cada um deve percorrer por si mesmo (p. 39). Aprendemos a todo tempo, o tempo todo. Santos (2011) também conduz nosso olhar para essa direção, quando diz:

Podemos pensar a ampliação da esfera de presença nesse sentido: uma ampliação da capacidade de olhar, uma permissão para que algo seja dito. Para Gadamer (apud PALMER, 1997, p. 196) -aquele que permite que algo lhe seja dito abre-se, de um modo essencial. (p. 25).

Jogando o jogo arriscado da vida, experienciando possibilidades postas, emergem atualizações que se conectam, transformando-nos cotidianamente na rica relação com o mundo. A cada encontro vivido, novas configurações, tensões, elucubrações e contradições que nos remetem à metáfora do caleidoscópio, forjada pela professora Inez Carvalho, lembrada nos estudos Santos (2011), que salienta:

Um caleidoscópio reúne elementos distintos: formas, cores, texturas e materiais diversos. As imagens formadas no caleidoscópio são atualizações das possibilidades postas; a cada giro constroem-se novas configurações a partir do (re)agrupamento das peças existentes. As configurações do caleidoscópio são imprevisíveis e incontroláveis: elas só acontecem no a-con-tecer. (SANTOS, 2011, p. 27).

Uma formação que nos alimente com a Literatura, a Filosofia, a Arte e a Memória, é o que almejo viver no cotidiano escolar do Ensino Médio das escolas públicas estaduais em que atuo. Acredito no currículo vivo, focado no aprendente,

arquitetado por nós autores/atores da escola pública, (re)criado pelos cenários no concreto/virtual ambiente escolar.

### **2019: o FEP nos cenários de formação em duas escolas estaduais do Ensino Médio de Salvador**

Quando, como que desesperada, procurei a professora Maria Couto para lhe pedir orientação para a escrita memorialística, disse-me ela para não me preocupar:

– Concentre-se em contar sua história. Seu texto finalizar-se-á com a pesquisa em curso.

Tinha ela razão, uma é uma escrita inusitada, em movimento, viva, em que o fim não se apresenta, é sempre tempo de continuar...

A formação eleita pelo FEP foi a poesia necessária à fecundação do itinerário *História de vida e formação: experiência e memória na construção do saber*, projeto imaginado, planejado, efetivado na (re)criação do cenário para formação das turmas do Ensino Médio do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães. Como fundamento teórico, leituras de Marie-Christine Josso (2004), Sá (2012) e Carvalho (2008 2017). Pretendo viver com esse grupo de estudantes um cenário curricular focado no aprendente, valorizando seu cotidiano, suas histórias de vida, estando atenta a singularidades, diferenças e memórias, tendo as diversas linguagens enquanto leituras.

O estudo sobre Memória, experiência, linguagem e formação foi fundante na produção do projeto acima citado denominado pelos estudantes como Grupo Memórias. Teve início em 11 de abril de 2019, com os estudantes do noturno, 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio. Foi um dos primeiros grupos a ter todas as vagas preenchidas rapidamente, uma grata surpresa que demonstra a atração pelos temas das histórias de vida, memória e experiências. Afinal, quem não gosta de ouvir as histórias de acontecimentos que implodem no cotidiano da vida, que ficam registradas na Memória e que, quando contadas, trazem o passado para o presente, sempre nos ensinando algo a mais?

Em 23 de abril de 2019 tivemos a narrativa de Margareth, aluna do 1º ano, ao ser solicitada para rememorar um evento importante em sua formação. Contou-nos com emoção sua história: mulher da zona rural, mãe na adolescência e vítima de violência doméstica. Fugiu do marido agressivo que a espancava, e para gerar o

sustento de seu filho foi obrigada a trabalhar em outro estado, como babá, abandonando-o aos cuidados da avó materna. Ela narrou seu percurso, falta de estudos, primeiras leituras, dificuldades, aquisição do conhecimento formal, retorno à escola como estudante do 1º ano do Ensino Médio, por perceber a importância da formação escolar para sua atual profissão de esteticista. Retrato da trama da vida, o itinerário da errância e a importância do conhecimento em nossas narrativas.

No decorrer dos meses abril e maio de 2019, tivemos sete encontros, dos quais quatro foram destinados a estratégias que nos impelisses a nos olharmos, mergulhando nas memórias que nos compõem, compartilhando histórias e características reveladoras. A poesia foi parceira nesse labor, através da leitura e exposição de vídeos. Estar imersa nessa ciranda que é pesquisar a si mesmo, é tortuoso. O Grupo Memórias, como foi intitulado, é um caldeirão vivo de emoções, dores, angústias, culpas e muito medo de cada um e cada uma em imergir para dentro de si, encarar suas lembranças, marcas vivas da existência.

Mal nasceu, já tem narrativas alegres, com encontros regados a conversas sobre nós mesmos, saboreando comilanças deliciosas feitas pela aluna Jane Muniz, mas também marcado por um evento muito triste, a morte de um estudante do referido colégio, vítima da violência urbana. Histórias que nos formam, no imprevisível, alucinante redemoinho que é a vida.

Os primeiros registros já foram colhidos, compostos da escrita autobiográfica, onde descrevemos sobre nós mesmos. Tarefa difícil, tive medo que muitos não conseguissem, mas aconteceu! Relatos que lidos encheram minha alma de gozo, por neles conter os registros de suas vidas, algo difícil de obter. Alguns preencheram páginas, outros apenas algumas linhas rabiscadas, no esforço de falar de si mesmos. Textos que considero verdadeiros tesouros, referenciais para estudos sobre a escrita autobiográfica no Ensino Médio, que começo a empreender.

Através deste trabalho, espero fazer do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, no tempo/espço de trinta momentos distribuídos entre os meses de abril a novembro de 2019, palco para encontros com as ex-estudantes da escola pública, hoje universitários em instituições públicas e profissionais das mais diversas áreas, visitantes que contarão suas histórias, experiências e trabalhos que desenvolvem na sociedade.

Oficinas de escritas autobiográficas, mediadas por mim, tendo como aporte principal as referências que emergem do FEP; oficinas de poesia em parceria com



Grupo Atuar, através de Rafael Pugas; de fotografia, com Maria Elissom Barbosa Brito; de desenho com Geisa Pires; e de teatro com Hilder Rodrigues constam no roteiro da II Unidade<sup>36</sup>, quando teremos treze momentos, a serem iniciados em 04 de julho de 2019.

Nas oficinas voltadas para reflexão de si e escrita autobiográfica, participo como mediadora. Até então foram cinco momentos inspirados nas referências citadas neste memorial, encontros inspirados pela professora Cristina d'Ávila durante a disciplina *Didática do Ensino Superior*, cumprida em 2017; muita imaginação e material pedagógico do *Projeto de Vida: Orientações para as aulas das turmas de 1ª série do Ensino Médio das Unidades Escolares que aderiram ao PDDE Novo Ensino Médio*, da SEC, compartilhado por um professor da rede estadual pública.

Os momentos vividos nos círculos de conversas que fazem girar nossos encontros em torno de nós mesmos e das ponderações decorrentes dariam provisão para um belo escrito sobre o tema. Saio de lá extasiada, trazendo para casa impressões, cogitações, imagens de semblantes, expressões, relatos revelados durante a experiência em que a memória faz verter reflexões, risos, inquietações, tristezas, alegrias... o que aumenta o desejo de mergulhar nos estudos sobre as narrativas autobiográficas no currículo escolar do Ensino Médio.

Cumprido os ritos finais do Mestrado em Educação, pretendo me debruçar sobre a escrita descritiva de alguns momentos vividos nessa itinerância formativa em que as histórias de vida assumem o palco na formação. Oxalá que os relatos autobiográficos de Jean-Claude Ellena (2013), trazidos em *Diário – de um – perfumista: um ano na vida do principal criador de fragrância da França* e/ou Teatro Performance e Pedagogia Dionisíaca, de Gabriel Teixeira (2014), inspire o labor pretendido.

Vivendo o processo da escrita autobiográfica, compactuo da crença sobre a necessidade do exercício dessa escrita no cotidiano escolar, como defendido por Márcea Sales (2009). Impulsionada pelo convívio com o cronograma literário do FEP, referências literárias que hoje estão fixadas na minha Memória, despertadas pelos recentes estudos de linguagem, através da disciplina *Leituras acadêmicas*, quando observamos que -O mundo difuso e indeterminado que postulamos dos

---

<sup>36</sup>O ano letivo da rede pública estadual é dividido em três unidades formativas, nas quais os professores desenvolvem as atividades planejadas.

eventos não usa a linguagem: ele é linguagem! (CARVALHO, 2018, anotações pessoais), anseio a ciranda literária do FEP na (re)criação de cenários no cotidiano da escola pública, tendo a literatura como artimanha necessária contra os grilhões da língua.

Com as 10 turmas do Colégio Estadual Odorico Tavares e o grupo de 30 estudantes do noturno, do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães propus iniciar a leitura em junho de 2019 do livro *Na minha pele* (2017) de Lázaro Ramos, cuja discussão ocorrerá no final do segundo semestre. A proposta é trapacear a língua, traindo-a pelas entranhas de seu poder, através da literatura. Fugir dessa casa-prisão, por duas rubricas: -[...] a autoridade da asserção, o gregarismo da repetição (1967, p. 4). Nessa minha experiência no FEP, namoro a literatura, mergulho em livros de ficção que trouxeram boas reflexões entrelaçadas com as experiências acadêmicas e subjetivas, que possibilitaram, além do prazer, o aprendizado.

Trazer outras linguagens para o trabalho com a Sociologia é uma experiência que tem alimentado minha formação e práxis com a Arte e literatura, algo que devo aos estudos do FEP que percebe a educação enquanto atividade estética (VIEIRA, 2007). Nesse último mês de maio, no Colégio Odorico Tavares vi teorias e conceitos sociológicos se traduzirem em belos painéis artísticos construídos coletivamente por estudantes, enchendo nossos olhos de curiosidade, admiração e prazer.

O itinerário *Histórias de Vidas e formação: experiência e memórias na construção do saber*, em curso no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, revela-se um evento importante na minha própria história de vida enquanto estudante, professora da educação pública, pesquisadora dos estudos de currículo. Relatar meu itinerário enquanto docente e pesquisadora, norteado pela minha implicação com o FEP, regado a leituras das obras de seus/suas pesquisadoras, sobre as quais pretendo me dedicar após a finalização deste texto. Pesquisas do FEP são o sustento teórico para a prática docente em curso, no qual vivencio o a-com-tecer de uma formação (CARVALHO, 2008).

Era quinta-feira, 14 de março 2019, tinha finalmente concluído meu relato memorialístico sobre o FEP, mas era também o dia no qual seria apresentada sua história via escritos e relatos de suas fundadoras, as professoras Inez Carvalho e Roseli Sá. Lá fui eu, naquela tarde, ávida por ouvir reminiscências. Ia insatisfeita pelo fato de que não havia lido os textos, algo que me incomoda. Até hoje gosto de fazer o dever de casa, mantendo minhas leituras atualizadas. Havia novos

integrantes e o círculo formado por nós se ampliou. A professora Roseli Sá chegou um pouquinho depois, quando já estávamos acomodadas, a professora Inez Carvalho brincou sobre sua chegada, rimos. Inspiramo-nos para os eventos daquela tarde.

Instalada, Roseli Sá começou a nos contar como tudo começou. Dela ouvimos como surgiu o germe que, em 2006, deu origem ao grupo. Gosto de ouvi-la. Um relato rico em memórias sobre estudos de currículo empreendidos pela FACED, no final dos anos de 1990, que deram origem ao FEP. Presente para uma alma sedenta por memórias sobre o grupo. Ouvi atentamente, senti por não estar sentada perto dela, para escutar e registrar as minúcias. Ouvir e ler a professora Roseli Sá me fez perceber que a história do FEP está em mim, é parte de minha narrativa, memória e formação.

Já a professora Inez Carvalho nos apresentou o FEP de maneira peculiar: trouxe boas histórias sobre a implantação do Projeto Irecê, que suscitaram outras memórias dos integrantes do projeto e do grupo, presentes no encontro. Fizemos-nos refletir sobre o Projeto, interagir, conhecer e dar boas risadas. É para mim uma deliciosa degustação do FEP: o riso. Também não faltaram as provocações que nos inquietam, sacodem e até desnorteiam, às vezes – uma das marcas nos discursos e escritos da professora Inez Carvalho, uma das minhas filósofas, parafraseando Edgar Morin (2014).

Esses foram alguns dos temas trazidos pela professora Inez Carvalho naquela ocasião: incertezas; acasos; fundamento fraco/fundamento forte; decididos habitantes do espaço/fiéis descendentes do tempo; as coisas são como elas são/não como as coisas deveriam ser; indeterminação/determinação; e o mundo enquanto evento singular, único, imprevisível, onde não há certezas, mas possibilidades que quando eleitas e vividas nos atualizam. Só agora percebo que o aporte teórico do FEP me atrela aos saberes de minha mãe, repousados na emergência da vida cotidiana. Percebo os acontecimentos que nos ocorrem como contingências nessa imprevisível e finita vida. Busco vivê-las enquanto possibilidade de formação, e não mais como se pudesse controlá-las, são incontrolláveis. Vovemos na imprevisibilidade, complexidade dos fenômenos que nos acontecem cotidianamente até o fim de nossos dias, quando a última página do livro é escrita, findando a história de uma vida.

No percurso para casa eu estava silenciosa, as memórias de tudo que ouvi naquela tarde sobre o FEP falavam muito. Relembrei o primeiro romance apresentado e lido, *A elegância do Ouriço*, de Muriel Barbery (2008); a obra de Feyerabend, *Matando o tempo: uma autobiografia* (1996); o Projeto Irecê, fundado na Pedagogia do a-com-tecer; a importância dos estudos da complexidade, multirreferencialidade, as narrativas autobiográficas... Tudo vivido e lido retumbavam, despertado pelas reminiscências necessárias à escrita autobiográfica.

No dia seguinte, acordei com o livro *Currículo e Formação de Professores: redes acadêmicas em (des)articulação*, de Pimentel, Sales e Vieira (2018). Ler os textos sobre o FEP é mergulhar na história sobre os estudos de currículo empreendidos pela FACED-UFBA, que hoje me referenciam.

Um manancial inventivo, rico em possibilidades formativas, é como percebo o grupo de pesquisa FEP. Enlaçada estou às suas discussões e pesquisas sobre formação. São aportes que evoco para (re)inventar cenários, onde as nossas histórias assumem destaque central no palco da formação e a Arte é artimanha para leituras que elaborarmos sobre o mundo, e sobre nós mesmos.

Enfim, finalizo este escrito, contando o que vivi em uma manhã no Colégio Estadual Odorico Tavares. Uma ocasião movida por discussões pertinentes, vivas, cheias de emoção e desejo. Era o último horário, e eu dava aula a uma turma do 1º ano. Na roda da discussão o tema era Conhecimento. Dele desencadearam outros: individualidade, ser humano enquanto ser social e linguagem. O debate se incendiou com a participação coletiva, fomos envolvidos na espiral dos argumentos. O tempo voou, mal percebemos quando o sinal tocou, marcando o fim do encontro. Eu estava feliz... tenho buscado evitar aulas expositivas. Planejo encontros em que discutimos temas e expomos opiniões após as leituras realizadas. Nas rodas de conversa temos muitas discussões, zangas, risos, encantamentos, espantos, alegrias, e assim vamos nos formando. É árduo e extenuante, devo confessar, mas os/as estudantes têm se envolvido, o que me motiva a continuar.

Em março de 2019, ao final de um desses ricos encontros carregados de subjetividade, em que a discussão se acalorou, ouvi, dentre outros comentários positivos, o clamor para que continuássemos seguindo nosso percurso com os tons do FEP:

– Essa aula tem outro sabor! – Exclamou o estudante Anderson.

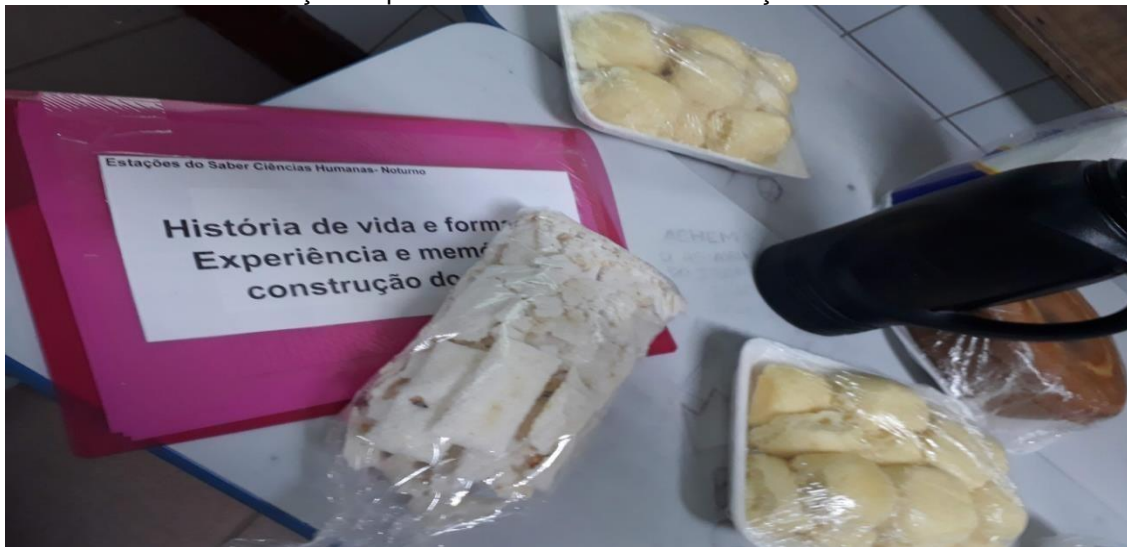
Viver o FEP é o ingrediente principal. As invenções em sala de aula, uma experiência marcada pelos finos fios que tecem uma formação horizontal, contextualizada, agraciada pela Arte, traduzida pelas múltiplas linguagens. A contribuição do FEP no cotidiano escolar reverbera aulas diversificadas, em que as discussões agitam rodas de conversa, enriquecendo a ciranda vertiginosa da vida escolar.

É a beleza, a dor, o ardor, a incerteza e o rigor com que venho trabalhando com as dezesseis turmas do Ensino Médio, vivendo momentos ricos em narrativas autobiográficas, experiências, subjetividades, memórias e formação, o que me mantém cativa ao FEP. Por ele inspirada, experimento novos gostos que passam a compor o currículo do Ensino Médio dos Colégios Estaduais Odorico Tavares e Modelo Luís Eduardo Magalhães e, sobretudo, a minha vida.

Termino com Chico Cesar, que ajuda a traduzir a minha saudação a um grupo de pesquisa que funda seu A-com-tecer na formação temperada pela Arte, entrelaçada à experiência cotidiana da vida, que volve-me completa(mente):

Para viver em estado de poesia  
 Me entranharia nestes sertões de você  
 Para deixar a vida que eu vivia  
 De cigania antes de te conhecer  
 De enganos livres que eu tinha porque queria  
 Por não saber que mais dia menos dia  
 Eu todo me encantaria pelo todo do seu ser  
 Pra misturar meia-noite, meio-dia  
 E enfim saber que cantaria a cantoria  
 Que há tanto tempo queria  
 A canção do bem querer  
 É belo, vês o amor sem anestesia  
 Dói de bom, arde de doce  
 Queima, acalma  
 Mata, cria  
 Chega tem vez que a pessoa que enamora  
 Se pega e chora do que ontem mesmo ria  
 Chega tem hora que ri de dentro pra fora  
 Não fica nem vai embora  
 É o estado de poesia  
 Chega tem hora que ri de dentro pra fora  
 Não fica nem vai embora  
 É o estado de poesia.  
 (CESAR, 2015).

A formação eleita pelo FEP foi a poesia necessária à fecundação do itinerário História de vida e formação: experiência e memória na construção do saber



Oficinas de escritas autobiográficas, mediadas por mim, tendo como aporte principal as referências que emergem do FEP



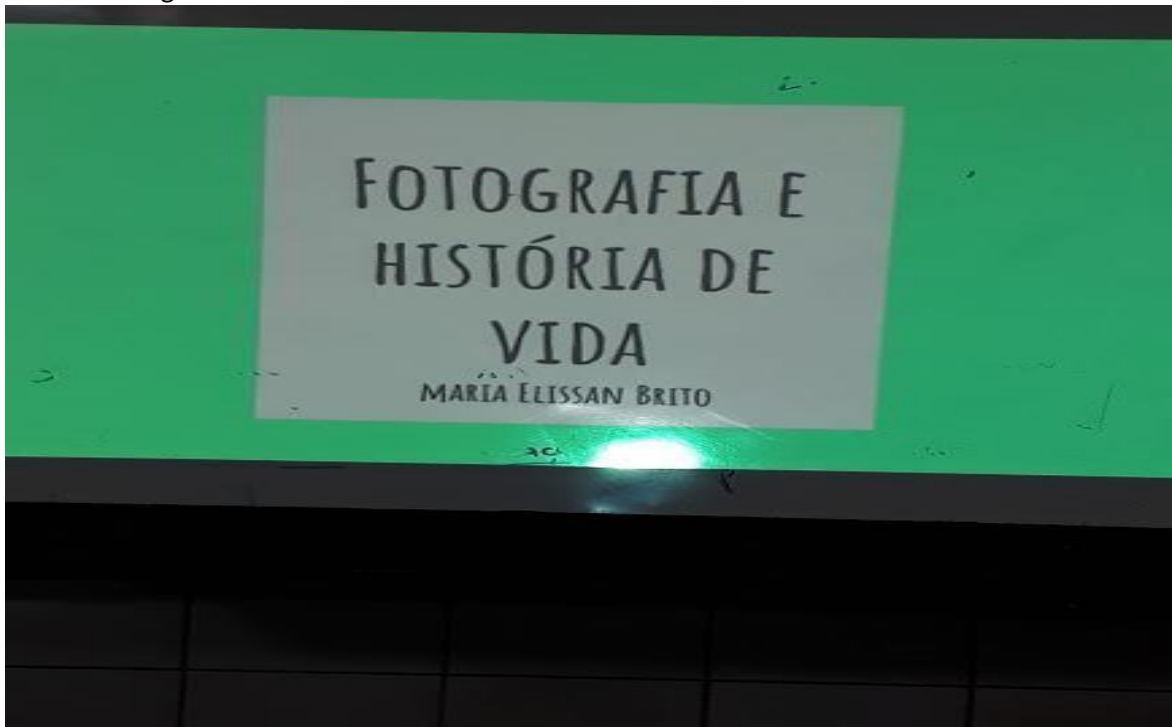
No decorrer dos meses abril e maio de 2019, tivemos sete encontros, dos quais quatro foram destinados a estratégias que nos impelisses a nos olharmos, mergulhando nas memórias que nos compõem, compartilhando histórias e características reveladoras



Oficinas de poesia em parceria com Grupo Atuar, através de Rafael Puga



Oficina de fotografia e história de vida com Maria Elissom Barbosa Brito”

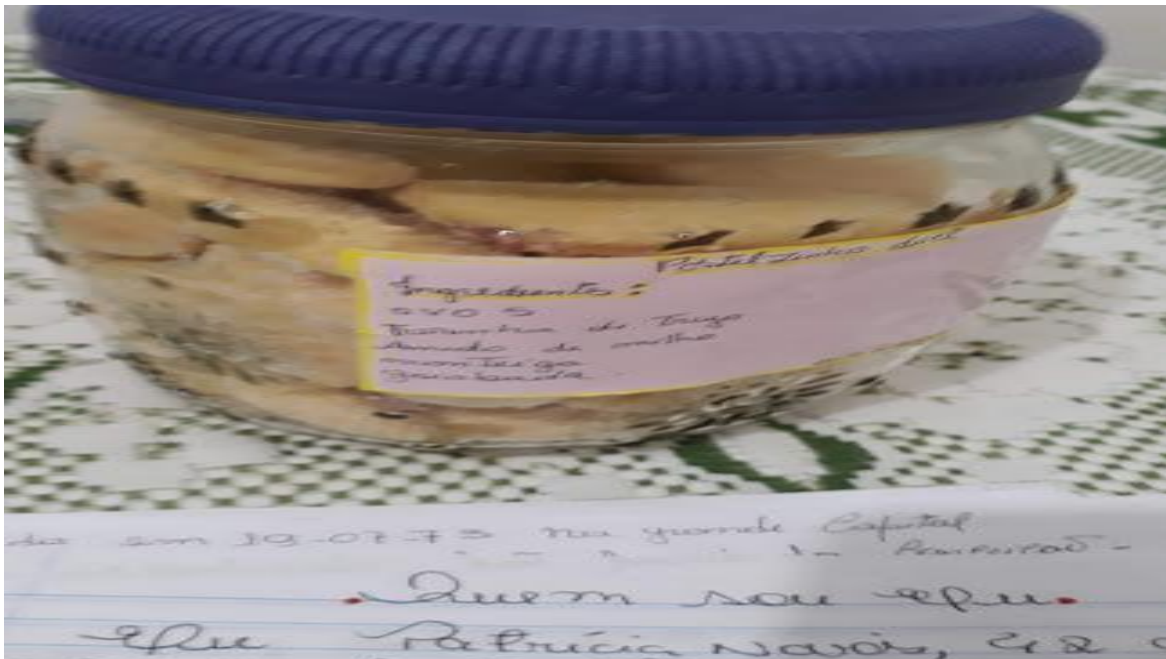


Oficina de fotografia, com Maria Elissom Barbosa Brito

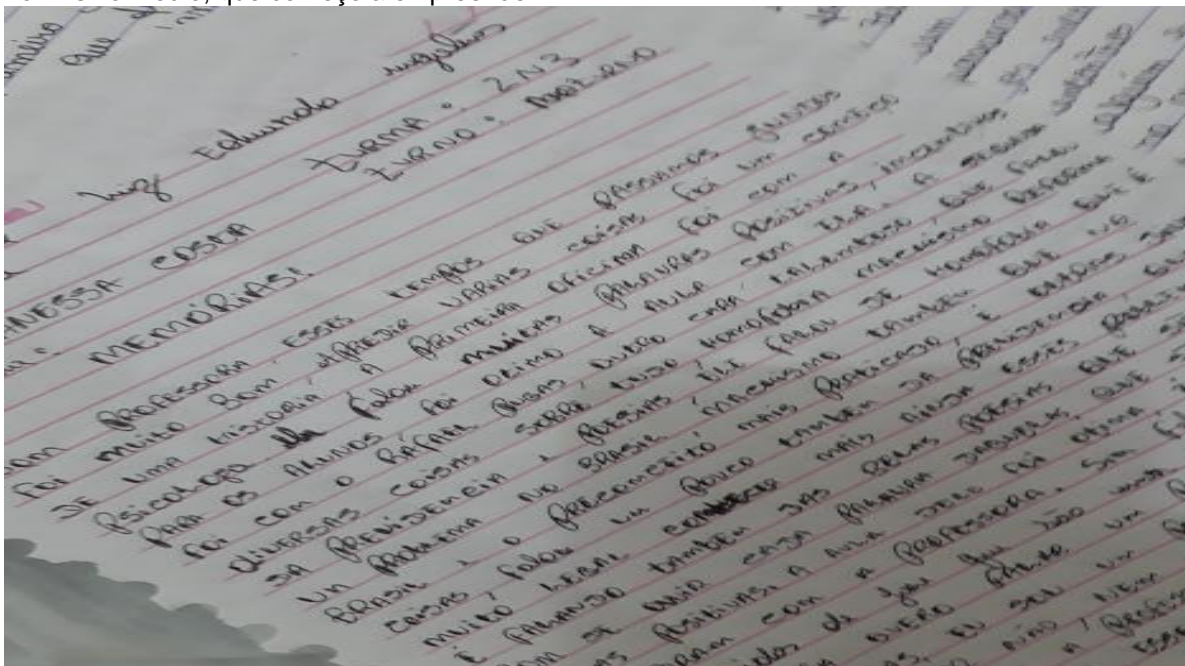




Os primeiros registros já foram colhidos, compostos da escrita autobiográfica, onde descrevemos sobre nós mesmos



Textos que considero verdadeiros tesouros, referenciais para estudos sobre a escrita autobiográfica no Ensino Médio, que começo a empreender.



## REFERÊNCIAS

A LÍNGUA DAS MARIPOSAS. Direção de José Luis Cuerda. Madri, Espanha, Las Producciones del Escorpión SL 1999. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-FWpsPiXuTI>. Acesso em: 20 mai. de 2019

AGOSTINHO, Santo. **Confessiones / Confissões**. Livros VII, X e XI . Tradutores: Arnaldo do Espírito Santo / João Beato / Maria Cristina Castro-Maia de Sousa Pimentel Coleção: Textos Clássicos de Filosofia. Universidade da Beira Interior: Covilhã, 2008.

ALENCAR, José de. **O Guarani**. São Paulo: Ática, 2003.

\_\_\_\_\_. **Iracema**. Brasília: Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informação, 2013 a. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

\_\_\_\_\_. **Senhora**. Brasília: Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informação, 2013b. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

ANDRADE Carlos Drummond de. **Obra Completa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora, Aguilar, 1967.

\_\_\_\_\_. **A rosa do povo**. 14 ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.

ASSARÉ, Patativa do. **A Triste Partida**. Luiz Gonzaga, Triste Partida. RCA Victor, São Paulo, 1964. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Yu0bvuk8s\\_k](https://www.youtube.com/watch?v=Yu0bvuk8s_k). Acesso em: 30 ago. de 2019.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000194.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000215.pdf>>. Acesso em: 6 ago. 2018.

ATWOOD, Margareth Eleonor. **Negociando com os mortos**: a escritora escreve sobre seus escritos. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro, Rocco, 2014.

BAKEWELL, Sarah. **No café existencialista**: O retrato de época em que a filosofia, a sensualidade e a rebeldia andavam juntas. Tradução Denise Bottman. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

BARBERY, Muriel. **A elegância do Ouriço**. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

BARTHES, Roland. **Aula**: Aula inaugural da cadeira de Semiologia literária do colégio de França . 14 ed. São Paulo: Cultrix, 1977. 95 p.

BERGSON, Henri. 1859-1941. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999 (Coleção Tópicos).

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Sahwarcz Ltda., 1982.

BORGES, Jorge Luís. **O Aleph**. Trad. Flávio José Cardozo. Barcelona, Espanha: Emecé Editores S. A., 1989.

BRUM, Eliane. **Meus desacontecimentos**: a história da minha vida com as palavras. São Paulo: LeYa, 2014.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Campinas, SP: Biblioteca Folha. Vol. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 01 dez 2017.

CARVALHO, M. I; SÁ, M. R. G. B. Os Sujeitos nas Narrativas Curriculares: Formação, Experiência, Subjetividade. *In*: ORNELLAS, Maria de Lourdes S; FORNARI, Liege Maria Sitja. (Orgs.). **Entre-linhas**: educação, psicanálise e escuta. Salvador: EDUFBA, 2016, v. 1, p. 243-257.

CARVALHO, Maria Inez. O a-con-tecer de uma formação. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 17, n. 29, p. 159 a 168, jan./jun., 2008a

\_\_\_\_\_. Palavras: do mundo virtual dos dicionários à concretude da utilização. **VIII Colóquio do Museu Pedagógico**, Vitória da Conquista, Ba, 09 a 11 de set. 2009, vol. 8, n. 1.

\_\_\_\_\_. **A escola fraca da segunda ruptura curricular um relato sobre um a-com-tecer pós-doutoral**. Braga, novembro, 2016.

\_\_\_\_\_. **Uma volta para o futuro em busca do tempo/espço perdidos nas lembranças**. UFBA, Salvador, janeiro, 2018.

\_\_\_\_\_. MOREIRA, Ana Paula. **O A-com-tecer do FEP contado em drops. Itinerâncias de uma linha de pesquisa em currículo. Currículo e Formação de Professores**: redes acadêmicas em (des)articulação. PIMENTEL JUNIOR, Clívio/ SALES, Márcea Andrade/ JESUS, Rosane Meire Vieira de. (Orgs.). Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2018.

\_\_\_\_\_. **Ampliação** da esfera de presença do ser: uma expressão e muitos conceitos para pensar/fazer a formação de professor. **Plurais**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 42-58, jan./abr. 2016

CASCARDO, Jorge. **Competências e habilidades**: o que são e como aplicá-las no Ensino Médio, de Cascardo, 2019. Disponível em: <https://www.somospar.com.br/competencias-e-habilidades/>. Acesso em: 15 mai. de 2019.

CESAR, Chico. **Estado de Poesia**. Álbum Estado de poesia, São Paulo, Laboratório Fantasma, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=krgPPze689Y>. Acesso em: 30 ago. de 2019.

\_\_\_\_\_. **Caracajus**. Álbum Estado de poesia. São Paulo, Laboratório Fantasma, 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=y38sxf9aJcs>. Acesso em: 30 ago. de 2019.

\_\_\_\_\_. **Experiência**, Álbum Respeitem meus cabelos brancos, M Z A Música e Produções Ltda, Rio de Janeiro, 2002 Disponível <https://www.youtube.com/watch?v=F8fNUBwftBs> Acesso em 30 de agosto de 2019

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Trad. Cleonice P.B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

CONY, Carlos Heitor. **Quase memória**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

COSTA, Antônio Joaquim da. **História Verdadeira da princesa Magalona e o valoroso cavaleiro Pedro de Provença**. LISBOA, 1851. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=90928>. Acesso em: 10 jan. 2019.

COUTO, Manuel José Gonçalves. **Missão abreviada para despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar o fruto das missões**. Porto: Typ, 1868.

DEWEY, John. **Experiência e educação**. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. Trad. Maria Carolina Nogueira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, mai./ago. 2006.

DJAVAN. **Esquinas**. Djavan, Álbum Lilás, Columbia Records, São Paulo, 1994. Disponível <https://www.youtube.com/watch?v=f9yc3RE2nhA>. Acesso em: 30 ago. de 2019.

DOSTOIEVSKI, Fiodor Mikhailovitch. **Crime e Castigo**. Biblioteca Digital PUC-Campinas. Data da Digitalização: 2004. Data Publicação Original: 1866. Disponível em: <http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/Fiodor%20Dostoievski-1.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. **Memórias do subsolo**. Tradução de Boris Schnaiderman, São Paulo: Editora 34, 2009.

ELLENA, Jean-Claude. **Diário de um perfumista**: um ano na vida do principal criador de fragrâncias da França. Trad. Cláudio. 1 ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

FAGUNDES, Norma Carapi.; FRÓES BURNHAM, Teresinha . Discutindo a relação entre espaço e aprendizagem na formação de profissionais de saúde. **Interface – comunicação, saúde, educação**, Botucatu, São Paulo, v. 9, n.16, p. 105-114, set. 2004/fev. 2005.

FAGUNDES, Norma Carapi; BURNHAM FÓES, Teresinha. Transdisciplinaridade, Multirreferencialidade e Currículo. **Revista da FAGED**, UFBA, Salvador, n 05, 2001.

FAUSTO, Boris. Dança das palavras. **Caderno Mais!** São Paulo: Folha de São Paulo, abr. 2007.

\_\_\_\_\_. **O crime do restaurante chinês**: carnaval, futebol e justiça na São Paulino dos anos 30. Companhia das Letras, São Paulo, 2009.

FEITOSA, Ana Paula **Perceptíveis remendos imperceptíveis**: a crítica teatral na Bahia história em trinta anos de memória. Salvador: Doutorado em Artes Cênicas, Escola de Teatro, UFBA, 2005. 286 f.

FARIAS Tereza Santos. **Projeto de vida**: Orientações para as aulas das turmas de 1a série do Ensino. Médio das Unidades Escolares que aderiram ao PDDE Novo Ensino Médio Fevereiro de Médio/SUPED/SEC,2019

FEYERABEND, Paul K. **Matando o tempo**: uma autobiografia. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Fundação Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

FREITAS PINHEIRO, Marcus Tulio de; FRÓES BURNHAM, Teresinha. **O conhecimento enquanto campo**: uma perspectiva de geração e difusão. Int. J. Knowl. Eng. Manage. Florianópolis, v.2, n.4, p.212-232, nov. 2013/fev. 2013. ISSN 2316-6517.

FRÓES BURNHAM, Teresinha. Complexidade, multirreferencialidade, subjetividade: três referências polêmicas para a compreensão do currículo escolar. *In*: **Revista Em Aberto**. Brasília, ano 12, n.58, p. 3-13, abr./jun. 1993.

\_\_\_\_\_. **Da sociedade da informação à sociedade da aprendizagem**: cidadania e participação sociopolítica na (IN)Formação do trabalhador. Salvador, EDUFBA, 2002.

\_\_\_\_\_. O Currículo Necessário para a Formação do Cidadão Trabalhador. **Revista de Educação CEAP**, ano 8, n. 30, p. 07-19, set./nov. 2000.

\_\_\_\_\_. A autonomia de sonhar uma perspectiva para o currículo da escola brasileira. *In*: \_\_\_\_\_ e Coletivo de Autores. **Análise cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem**: currículo, educação à distância e gestão/difusão do conhecimento. Salvador: EdUFBA, 2012b.

\_\_\_\_\_. Impactos das tecnologias de comunicação e informação na(in)formação do cidadão-trabalhador. Construindo um quadro analítico-referencial a partir de contribuições da literatura do final do século XX. **VIII congresso luso-afro-brasileiro de Ciências Sociais**, Coimbra, setembro de 2004.

\_\_\_\_\_. Sociedade da informação, sociedade do conhecimento, sociedade da aprendizagem: implicações ético-políticas no limiar do século. In: \_\_\_\_\_ e Coletivo de Autores. **Análise cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem: currículo, educação à distância e gestão/difusão do conhecimento**. Salvador: EdUFBA, 2012a.

GABRIEL, Carmen Teresa. Conhecimento escolar e emancipação: uma leitura pós-fundacional. **Cadernos de Pesquisa** v.46 n.159 p.104-130 jan./mar. 2016 105

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 10 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GIANNETTI, Eduardo. **Felicidade: diálogos sobre o bem estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. **A ilusão da alma: biografia de uma ideia fixa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GIL, Gilberto. Autoretratinho. Roberta Sá. Álbum Giro. DeckDisc, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8ViUqXOjUPA> Acesso em: 30 ago. de 2019.

\_\_\_\_\_. **Lia e Deia** Álbum OKOKOK. Geleia Geral, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V6kTUpRoRHQ> Acesso em: 30 ago. de 2019.

\_\_\_\_\_. **Back in Bahia**. Álbum Expresso 2222. Philips, São Paulo, 1972, Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Vygp0Gs6\\_6s](https://www.youtube.com/watch?v=Vygp0Gs6_6s) Acesso em: 30 ago. de 2019

GOFF, Jaques Le. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. Coleção Repertórios.

\_\_\_\_\_. **Memória**. Biblioteca Virtual de Ciências Sociais. Disponível em: <[www.cholonautas.edu.pe](http://www.cholonautas.edu.pe)>. Acesso em: 2 ago 2018.

HEIDEGGER, Martin. **A Origem da obra de arte**. Lisboa: Edições 70, 1977. Disponível em: <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/a-origem-da-obra-de-arte.pdf>, Acesso em: 31 ago de 2019.

\_\_\_\_\_. **Ser e tempo**. Parte I. 15 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Conferência e escritos filosóficos.** O que é isso a filosofia? Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/erikarenata/heidegger-m-o-que-isto-a-filosofia>>. Acesso em: 10 abr.2018.

\_\_\_\_\_. **Introdução à filosofia.** Trad. Marco Antonio Casanova. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes Ltda, 2009.

HEMINGWAY, Ernest. **Colinas como elefantes brancos.** Disponível em: <<http://stoa.usp.br/gabrielamorandini/files/2130/12075/7+Colinas+como+Elefantes+Branco+Ernest+Hemingway+OK.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2019

HOFFMANN, Ernst Theodor Amadeus. A. **O Homem de areia.** Trad. Ary Quintella. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss.** São Paulo: Moderna, 2011.

JESUS, Rosane Meire Vieira de. **Aprendizagem frame a frame: fascínios e armadilhas do uso do documentário na práxis pedagógica.** 2007. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2007.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e formação.** Trad. José Cláudio e Júlia Ferreira. Pref. Antônio Nóvoa. Ver. Científica e notas à edição brasileira por Cecília Warschauer. São Paulo: Cortez, 2004.

JUNIOR, Itamar Vieira. **A oração do carrasco.** Itabuna, BA: Mondrongo, 2017.

KAFKA Franz. **O Processo.** Campinas, SP: Editora Abril, 1979.

\_\_\_\_\_. **Metamorfose.** Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. **Um artista da fome e A construção.** Trad. Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LARROSA, Jorge. **Nota sobre a experiência e o saber de experiência.** Rio de Janeiro, Revista Brasileira de Educação, n. 19, Jan/Fev/Mar/Abr 2002.11p

\_\_\_\_\_. **Nietzsche & a Educação.** Trad. Alfredo Veiga-Neto. Coleção Pensadores & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LENINE. **De Sabugo a Visconde.** Intérprete: Lenine. In: Lenine Trilhas. Universal Music, Terra Networks, BRA, 2010, 2ª faixa.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirrefencial nas ciências humanas e na educação.** 2 ed. Salvador: EdUFBA, 2004.

\_\_\_\_\_. Outras Luzes: um rigor intercítico para uma etnopesquisa política. In: MACEDO, Roberto S.; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. **Um Rigor Outro:** sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa. Salvador: EDUFBA, 2009.

\_\_\_\_\_. **A Pesquisa e o acontecimento: compreender situações, experiências e saberes acontecimentais.** Salvador: EDUFBA.2016.

MANGUEL, Alberto. **O leitor como metáfora** – o viajante, a torre e a traça. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2017.

MARX, Karl. **O Capital**. Vol. 2. 3ª edição, São Paulo, Nova Cultural, 1988.

MILLER, Henry. **Trópico de Câncer**. São Paulo: Editora Ibrasa, 1974.

NÓVOA, Antônio. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, v.47, n.166, p.1106-1133, out./dez. 2017.

OFÉLIA; FONTES, Narval. **Cem noites Tapuias**. São Paulo: Editora Ática, 1982.

OLIVEIRA, Fabrícia Pires de. **Memórias na formação do professor: um estudo do/no Projeto Irecê**. – 2010.

\_\_\_\_\_. **Memórias na formação do professor: um estudo do/no Projeto Irecê** 2010. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2010.

PARA sempre Alice. Direção de Richard Glatzer Wash Westmoreland, Killer Films EUA/França: Killer Films e Big Indie Pictures, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e08R4LxNpqA>. Acesso em: 30 jun. de 2019.

PESSOA, Fernando. **Álvaro de Campos** – Livro de Versos. Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1993. Disponível em: <<https://www.revistaprosaveroearte.com/ama-se-por-memoria-alvaro-de-campos-fernando-pessoa/>>. Acesso em: 6 ago. 2018.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. São Paulo, **Educação e Pesquisa**, v.32, n.2, p. 329-343, maio/ago. 2006.

PINHEIRO, Marcus Reis. O Fedro e a escrita. **Anais de Filosofia Clássica**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 4, 2008.

PLATÃO. **Fedro**. Trad. Edison Bini e Albertino Pinheiro. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.

PROCURANDO NEMO. Direção: Andrew Stanton, Lee Unkrich Produção: Graham Walters : Pixar Animation Studios, EUA, 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V-v8w7W7Nr8>. Acesso em: 30 jul. de 2019.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido no caminho de Swann-Combray**. São Paulo: Editora Globo, 1995.

QUEIROGA, Lula. **Se Não For Amor Eu Cegue**. Álbum Todo dia é fim do mundo. 1ª faixa SOM Livre Rio de Janeiro.2011



RAMOS, LÁZARO **Na minha pele**. Rio de Janeiro Editora Objetiva, 2017.

RUSSO, Renato. **Que pais é esse**, Legião Urbana. Álbum que pais é esse. 1ª faixa. Gravadora EMI. Reino Unido, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pais e filhos**- Legião Urbana, álbum Quatro Estações, 2ª faixa. Gravadora EMI. Reino Unido, 1989.

\_\_\_\_\_. **Eduardo e Mônica**, Legião Urbana, Álbum Dois. 4ª faixa Gravadora EMI. Reino Unido, 1996

SÁ, Maria Roseli Gomes Brito de; ALVES, Isis Ceuta Alves . Narrativas curriculares em currículos de cursos de formação de professores em exercício. *In*: GALEFFI, D; TOURINHO, M. A. de C.; SÁ, M. R. G. B. de. (org.). **Educação e Difusão do Conhecimento**: caminhos da formação. 1ed. Salvador: EDUNEB, v. 1, p. 405-432, 2016.

SÁ, Maria Roseli Gomes Brito de; CARVALHO, Maria Inez. Os Sujeitos nas Narrativas Curriculares: Formação, Eperiência, Subjetividade. *In*: ORNELLAS, Maria de Lurdes S; FORNARI Leige Maria Sitja. (Org.). **Entre-linhas**: educação, psicanálise e escuta. Salvador-Bahia. EDUFBA, 2016, v1, p. 243-257.

SÁ, Maria Roseli Gomes Brito de. **Itinerâncias de uma linha de pesquisa em currículo**. Currículo e Formação de Professores: redes acadêmicas em (des)articulação. PIMENTEL JUNIOR, Clívio/ SALES, Márcea Andrade/ JESUS, Rosane Meire Vieira de.(Orgs.). Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2018.

\_\_\_\_\_. Experiências formativas nos percursos curriculares de professores em exercício. *In*: FARTES, V. L. B. (org.). **Formação, Saberes Profissionais e Profissionalização em Múltiplos Contextos**. Sentidos. Políticas. Práticas. Maceió, Alagoas: EDUFAL; Salvador, Bahia: EdUFBA, 2008, p. 37-71.

\_\_\_\_\_. Narrativas curriculares em currículos de cursos de formação de professores em exercício. **X Colóquio sobre Questões Curriculares/ VI Colóquio Luso Brasileiro de Currículo**. Belo Horizonte, Minas Gerais, 2012. p 15

\_\_\_\_\_. Que experiências nos fazem professores? Desafios à docência universitária no acompanhamento de percursos formativos de professores em exercício. *In*: RIBEIRO, M. L.; MARTINS, E. de S.; CRUZ, A. R. S. da. **Docência no Ensino Superior**: desafios da prática educativa. Salvador: EdUFBA, 2011. p. 187-199.

SALES, Márcea A.; CARVALHO, M. I. S. S.; SÁ, M. R. G. B. Os sinos dobram por nós. O mundo, o Brasil e as narrativas curriculares dos últimos tempos. O avanço do conservadorismo nas políticas curriculares. Rio de Janeiro, **Revista Teias**, v. 17, n. 47, out./dez. 2016.

SALES, Márcea Andrade. **Arquitetura do desejo de aprender: a autoria docente em debate**. 2009. 153 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

\_\_\_\_\_. CARVALHO, Maria Inez S. S., SÁ, Maria Roseli Gomes Brito de. Palavras que inscrevem a nossa história. Salvador, **Presente! Revista de educação**, ano 15, n. 57, p. 38- 43, jun./ago. 2007.

SALINGER, Jerome David. **O Apanhador no Campo de Centeio**. Disponível em: <<http://asdfiles.com/68d?pt=llq0W7dPQb2M1J8CC8KZJ4YP1QiSO9DIh2NrpTA8CIk%3>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

SANTOS, Ana Paula Moreira. A experiência na formação, a formação na experiência e a ampliação da esfera de presença. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SEIXAS, Maria Luiza C. Os significados/conceitos de práxis evidenciados na pesquisa. *In: A práxis nossa de cada dia: significados da experiência refletida e da reflexão experienciada*. 2006. X f. Dissertação (Mestrado em Educação). Salvador, Programa de Pós-Graduação em Educação FAGED/UFBA, 2006.

SEIXAS, Raul. **A Metamorfose Ambulante. Intérprete**: Raul Seixas. In: Raul Seixas. Marco Mazzola e Raul Seixas Krig-ha, Bandolo. Rio de Janeiro: Philips Records, 1973, 3ª faixa.

SERPA, Felipe **Rascunho digital** : diálogos com Felipe Serpa. - Salvador : Edufba, 2011. 320 p. il.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. **Educação & Sociedade**, ano XXI, nº 71, Julho, 2000.

STEINER, George. **Aqueles que queimam livros**. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2017.

STORMTV, Pineapple; CONTRA, Bob do; BILL, Mv; FROID; DJONGA; AZZY & DELACRUZ. **Todo mundo Odeia Acústico**: Bob Do Contra, Mv Bill, Froid, Djonga, Azy, Delacruz. Poesia Acústica#4. Rio de Janeiro, Brainstorm Estúdio, 2018.

PITTY. **Na pele**. Elza Soares & Pitty, Álbum Na Pele. DeckDisc, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MTXfHu4SD90>. Acesso em: 30 ago. de 2019

TEIXEIRA, João Gabriel Lima Cruz. **Teatro, performance e pedagogia dionisíaca**. Brasília: Editora de Brasília, 2014.

TOURINHO, Maria Antonieta/ VIEIRA, Rosane. História e cinema na escola. **Revista Rumores** edição 10 | ano 5 | julho-dezembro: São Paulo 2011. p 20

UFBA-FACED/Prefeitura municipal de Irecê. Programa Formação Continuada de Professores – Município de Irecê/Bahia. – Março de 2003. [www.irece.faced.ufba.br](http://www.irece.faced.ufba.br).

VASCONCELOS, Paulo Sérgio Dantas. **Os sentidos do espanto ou contribuições para o ensino de filosofia como educação do pensamento**: propósitos pedagógicos em Heidegger e Deleuze. 2011. 295 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação FACED/UFBA. Salvador.

VELOSO, Caetano. **Outras Palavras**. Caetano Veloso. Outras Palavras. Rio de Janeiro: Philips, 1981. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8V5ywt0tquw>. Acesso em: 30 ago. de 2019.

\_\_\_\_\_. **Reconvexo**. Caetano Veloso, Álbum Multishow ao Vivo: Universal Music International Ltda, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8V5ywt0tquw>. Acesso em: 30 ago. de 2019.

\_\_\_\_\_. **Os Argonautas**. Caetano Veloso. Álbum The definitive collection músicas. Wrasse Records .Inglaterra, 2012. Disponível <https://www.youtube.com/watch?v=1sXg-XcP9wM>

ZUSAK, Markus. **A menina que roubava livros**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2007.